

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO  
DE LETRAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
LETRAS, MESTRADO EM LETRAS

ISABELLE MARIA SOARES

**ENTRE ANGLO-SAXÕES E ESCANDINAVOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM  
*SAXON STORIES*, DE BERNARD CORNWELL**

Guarapuava

2019

ISABELLE MARIA SOARES

**ENTRE ANGLO-SAXÕES E ESCANDINAVOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM  
*SAXON STORIES*, DE BERNARD CORNWELL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edson Santos Silva

Guarapuava

2019

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

S676e Soares, Isabelle Maria  
Entre anglo-saxões e escandinavos: história e memória em *Saxon stories*, de Bernard Comwell / Isabelle Maria Soares. -- Guarapuava, 2018  
x, 150 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura. Linha de Pesquisa: Linguagens, Leitura e Interpretação, 2018

Orientador: Edson Santos Silva  
Banca examinadora: Edson Santos Silva, Carla Alexandra Ferreira, Raquel Terezinha Rodrigues

Bibliografia

1. Letras. 2. Memória. 3. Literatura inglesa. 4. História da Inglaterra. 5. Anglo-saxões. 6. Escandinavos. 7. *Vikings*. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 823



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL



## TERMO DE APROVAÇÃO

**Isabelle Maria Soares**

**“ENTRE ANGLO-SAXÕES E ESCANDINAVOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM SAXON  
STORIES, DE BERNARD CORNWELL”**

Dissertação aprovada em 25/02/2019 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Edson Santos Silva – UNICENTRO - Presidente

Prof.(a) Dr.(a) Carla Alexandra Ferreira - UFSCar - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Raquel Terezinha Rodrigues – UNICENTRO - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR  
2019

## AGRADECIMENTOS

“O destino é inexorável”, dizia o pensamento germânico reverberado por Uhtred, o personagem que protagoniza o objeto deste estudo. Se a fatalidade é real, certamente o destino colocou em meu caminho pessoas e eventos que influenciaram e continuarão contribuindo, para sempre, na trajetória da minha vida.

Primeiramente, quero demonstrar meu agradecimento à UNICENTRO, universidade que ao me acolher neste Mestrado, colaborou para minha formação e meu crescimento enquanto estudante, pesquisadora, professora e ser humano.

À CAPES, por financiar meus estudos em Portugal, de 2013 a 2015. Eu serei eternamente grata a essa bolsa. Espero que minha vida ativa na academia possa dar um retorno à ciência brasileira, pela experiência incrível que vocês tornaram possível.

Ao querido professor Dr. Edson Santos Silva, por me acolher e me orientar com atenção e carinho. Obrigada por ser, sobretudo, essa pessoa inspiradora ao emanar conhecimento e o mais sincero amor pela Literatura.

Às professoras Dra. Carla Alexandra Ferreira e Dra. Raquel Terezinha Rodrigues, em primeiro lugar, por aceitarem fazer parte de minha banca, contribuindo com seriedade na realização de minha pesquisa. Agradeço pela atenção e prudência que dedicaram na leitura de meu trabalho.

A cada um dos meus professores, em especial aos que encontrei na universidade (UTFPR, UMinho, UENP, UNICENTRO), por todo o conhecimento compartilhado com carinho.

Em especial, aos meus primeiros professores, meus queridos pais, Adelmo e Celamira. Muito obrigada por todo o apoio. Por me ensinarem a ser independente.

Por sempre suportarem a distância e a saudade. E pelo incentivo incessante a uma vida comprometida com meus estudos.

Ao meu admirável irmão Irajá, por demonstrar que é possível realizar todos os sonhos.

Aos meus sobrinhos, João Vitor e Luiz Otávio, pelas manifestações de pureza, inocência e energia, alegrando e colorindo meus dias. Vocês são a luz que ilumina meus caminhos quando estou na escuridão.

Ao meu doce Leandro, que na companhia diária sempre me deu forças para seguir em frente por meio de seu amor. Além de tudo, você sempre foi uma inspiração de persistência.

À minha colega e amiga Ana Marielli Borba Martini, pelos conselhos e pela partilha de conhecimento. Graças a você, tomei conhecimento do objeto de estudo deste trabalho.

Às minhas colegas e amigas do Mestrado em Letras da UNICENTRO, em especial, à Letícia Freire de Moraes e à Maria Fernanda dos Santos, pela atenção, pela partilha de ideias, pelas palavras de apoio.

À Literatura, ao Cinema, à Música, à Arte, cuja existência completa meus sonhos e minhas memórias.

*Thus glory endeth,  
and gold fadeth,  
on noise and clamours  
the night falleth.  
Lift up your hearts,  
lords and maidens  
for the song of sorrow  
that was sung of old.*

*(The Legend of Sigurd and Gudrún)  
J. R. R. Tolkien*

## RESUMO

A leitura da série literária *Saxon Stories* (2004-), do autor britânico Bernard Cornwell, incita reflexões acerca das relações entre escandinavos e anglo-saxões no território britânico no século IX, pois apresenta um panorama desse momento histórico. Salientamos que apenas os três primeiros volumes da série serão utilizados como objeto de estudo para esta pesquisa. Ficção e história entram em confronto, a fim de representar momentos significativos da época relatada. A partir disso, o principal objetivo é identificar manifestações de memória a respeito da história da Inglaterra, sob a luz dos conceitos apropriados principalmente por Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2015), Michael Pollak (1989; 1992), Jacques Le Goff (2013), Joël Candau (2011) e Mariana Jantsch de Souza (2014). Introdutoriamente, traçaremos debates acerca das memórias que fluem na obra relativamente ao seu contexto de produção, na contemporaneidade, que circundam o autor e que implicam questões de Estudo de Gênero exteriorizadas e interiorizadas pela obra em estudo. Com esses pontos abordados, interessa-nos também contextualizar o tempo e o espaço histórico da narrativa, o território britânico, em especial o que condiz com a Inglaterra, do século IX, com base, principalmente, em Peter Blair (1966) e Isabela Albuquerque (2017), tratando-se dos anglo-saxões; o historiador brasileiro Johnni Langer (2007; 2012; 2015; 2017), acerca dos escandinavos; e novamente a pesquisadora brasileira Albuquerque (2017), que produziu uma tese de doutorado acerca das relações identitárias entre esses dois povos no território britânico. Tendo em vista a relação da História com a Literatura que propomos analisar, discutiremos também a respeito da obra enquanto ficção-histórica, a partir do pressuposto teórico em Weinhardt (2011) e Bastos (2007), com enfoque no confronto entre o romance histórico como fundamentado em György Lukács (2011) e a metaficção historiográfica proposta por Linda Hutcheon (1991). A partir desses pressupostos, amparamos a análise da obra, com o fim de identificar memórias que ressoam e refletem a historiografia e a ficção literária.

**Palavras-chave:** Memória; Literatura Inglesa; história da Inglaterra; anglo-saxões; escandinavos; *vikings*.



## ABSTRACT

The reading of the literary series *Saxon Stories* (2004-), by the British author Bernard Cornwell, encourages reflections on the relationship between Scandinavians and Anglo-Saxons in the British territory in the 9th century, which provides an overview of this historical moment. Only the first three volumes of the series will be used as an object of study for this research. Fiction and history come together in order to represent significant moments of the period. Therefore, the goal is to identify manifestations of cultural memory regarding the history of England, by means of the concepts appropriated by Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2015), Michael Pollak (1989; 1992) Jacques Le Goff (2013), Joël Candau (2011) and Mariana Jantsch de Souza (2014). Firstly, we will discuss the memories that flow from the literary work related to its context of production in contemporary times, which surround the author and imply questions concerning the studies of gender exteriorized and internalized by the texts being studied. We are also interested in contextualizing the historical time and space of the narrative, the British territory in the 9th century, mainly based on Peter Blair (1966) and Isabela Albuquerque (2017), for the Anglo-Saxons; the Brazilian historian Johnni Langer (2007, 2012, 2015, 2017), regarding the Scandinavians; and again the Brazilian researcher Albuquerque (2017), who produced a doctoral thesis which discusses the identity relations between these two peoples in the British territory. Considering the relationship between History and Literature, we will also approach the work as a historical fiction based on the theoretical assumption in Weinhardt (2011) and Bastos (2007), focusing on the confrontation between the Historical Novel as grounded in György Lukács (2011) and the Historiographic Metafiction proposed by Linda Hutcheon (1991). From these points, we support the analysis of the work, in order to identify memories that emerge and reflect historiography and literary fiction.

**Keywords:** Cultural memory; English literature; History of England; Anglo-Saxons; Scandinavians; Vikings.

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Origem e estabelecimento dos povos germânicos "anglo-saxões" .....	53
<b>Figura 2</b> Distritos da Britânia no período anglo-saxão .....	55
<b>Figura 3</b> Mapa do território britânico quando da chegada dos escandinavos (Século IX) .....	59
<b>Figura 4</b> Estabelecimento dos escandinavos no território da Grã-Bretanha e Irlanda .....	65
<b>Figura 5</b> Divisão territorial após o Tratado de Wedmore .....	76
<b>Figura 6</b> Uma das cruzes de Gosforth em detalhes (Cumbria, Inglaterra, 920-950, d.C.) .....	81
<b>Figura 8</b> "The Martyrdom of St Edmund" por Brian Whelan, 2003 .....	102
<b>Figura 9</b> Estátua de St Edmund por Emmanuel O'Brien e Nigel Kaines, 2011 .....	103

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 Primeiras reflexões .....</b>	<b>15</b>
1.1 Diálogos acerca de Bernard Cornwell e sua obra .....	15
1.2 Literatura para “machos”? .....	34
<b>Capítulo 2 História em Contexto .....</b>	<b>51</b>
2.1 Os anglo-saxões .....	51
2.2 Os escandinavos .....	60
2.3 O território inglês entre anglo-saxões e escandinavos .....	66
2.4 A História na Ficção .....	82
<b>Capítulo 3 As fronteiras entre história, ficção e memória .....</b>	<b>88</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>

## INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta pesquisa é verificar as interfaces entre História e Memória que rodeiam o mundo da série literária contemporânea *Saxon Stories* (2004 - ), do autor britânico Bernard Cornwell. Tal obra possui outros títulos na língua inglesa, que variam conforme a região de publicação: *The Warrior Chronicles*, no Reino Unido; *Saxon Stories* ou *Saxon Tales*, nos Estados Unidos; ou ainda, em consequência da adaptação televisiva da série pela BBC, em 2015, ficou também conhecida por *The Last Kingdom Series*. Optamos pelo nome *Saxon Stories* para referir neste trabalho, por aproximar-se mais do nome da tradução brasileira *Crônicas Saxônicas*. Até o presente momento, ano de 2018, foram escritos e publicados onze volumes da série, dez com traduções brasileiras: *The Last Kingdom* (2004), *The Pale Horseman* (2005), *The Lords of the North* (2006), *Sword Song* (2007), *The Burning Land* (2009), *Death of Kings* (2011), *The Pagan Lord* (2013), *The Empty Throne* (2014), *Warriors of the Storm* (2015), *The Flame Bearer* (2016), e o recentemente publicado, *War of the Wolf* (2018).

A série relata, por meio da ficção, a história da Inglaterra no período das invasões escandinavas no século IX. A narrativa envolve principalmente o embate de poderes dos povos anglo-saxões e escandinavos, levando a ampliar também reflexões acerca dos confrontos entre cristãos e pagãos. Ao relacionar personagens fictícios e reais, *Saxon Stories* possibilita uma leitura histórica e, notavelmente, transmite memórias, da época relatada.

Levando em consideração o grande número de livros, a duração de tempo para a realização desta pesquisa e a delimitação de nossos objetivos, elegemos apenas os três primeiros romances da série para compor o nosso objeto de estudo. Seus títulos são, respectivamente: *The Last Kingdom* (2004), *The Pale Horseman* (2005) e *The Lords of the North* (2006). Como a presente dissertação está escrita em Língua Portuguesa, os títulos brasileiros traduzidos para o português também serão utilizados, para complementar com a versão portuguesa dos trechos e das partes citadas dos textos de inglês em notas de rodapé. Esses três primeiros volumes introduzem a perspectiva alfrediana do período histórico que analisamos, centrando-se principalmente nos conflitos de pertencimento do

protagonista, Uhtred, resultantes das primeiras relações que o personagem possui com os diferentes povos e culturas: anglo-saxões e escandinavos.

Organizado em três capítulos, este trabalho envolve a discussão e reflexão acerca da revisão bibliográfica conjuntamente com a análise literária da obra. Quanto à metodologia de análise, estipulamos que não seguiremos a linha temporal da narrativa em *Saxon Stories*. Isso significa que apresentaremos trechos e seus contextos, quando necessário, para atrair e/ou consolidar as teorias estudadas.

O primeiro capítulo apresenta, inicialmente, memórias que circundam o autor. O fato de suas obras estarem enquadradas entre os *best-sellers* contemporâneos faz com que essas sejam associadas muitas vezes à “literatura de massa” e/ou “subliteratura”. Apesar desse juízo preestabelecido, Bernard Cornwell tem se destacado e ganhado espaço no mundo acadêmico. Por exemplo, o professor e pesquisador Carlos Sanz Mingo, que atua na *Cardiff University*, vem pesquisando a literatura arturiana, focando seus estudos na trilogia *The Warlord Chronicles* (1995-1997), do autor britânico. Da mesma forma, esta pesquisa busca trazer espaço para Cornwell, ao estudar sua produção literária referente à história da Inglaterra do período alfrediano e Era *Viking*, visto que o autor britânico em estudo é um investigador da história juntamente com seus leitores.

Vale ressaltar que o autor atinge a um público interessado por história, especialmente a que envolve o militarismo, mas determinando, de certa forma, um papel significativo quando se trata de criar e manter memórias, bem como questionar o fazer historiográfico. A partir dessa ideia, entendemos que a Literatura, em sua generalidade, é um espaço no qual muitas memórias podem ser guardadas, constituindo-se, desse modo, como um “lugar de memória”. Todas as obras de Bernard Cornwell, ao se apropriarem de uma específica narrativa histórica e publicá-la em formato ficcional, passam a construir esses espaços de memória, sugerindo uma nova forma de pensar a História.

Por contextualizar a Idade Média, período marcado por muita violência, tendo a figura masculina como protagonista desse cenário, as obras de Cornwell, incluindo *Saxon Stories*, são consideradas por determinados leitores como uma literatura escrita para “machos”. Acreditamos, portanto, na relevância em discutir acerca das “masculinidades” e gênero, suas teorias e relação com a obra. Tendo

isso em vista, asseveramos que as memórias presentes em *Saxon Stories* não reverberam apenas um passado histórico distante, mas também ao nosso presente, às percepções que levam aos leitores contemporâneos acerca de sua própria identidade.

Introduzidos esses pontos, partimos para o segundo capítulo, em que propomos uma breve contextualização histórica, na qual comentamos a respeito dos povos anglo-saxões, escandinavos, e por fim suas relações no espaço britânico do século IX. Quanto a esse último, antecipamos que houve um momento da história em que anglo-saxões e escandinavos partilharam crenças e costumes, como práticas linguísticas. Isso antes da chegada do Cristianismo em terras britânicas. Os escandinavos habitavam o extremo norte da Europa, e no século IX ainda eram adeptos de uma religião politeísta, a mesma que os anglo-saxões cultuavam antes de serem convertidos às crenças cristãs.

Ao analisar o poema *Beowulf*, a primeira obra literária considerada pertencente à Literatura Inglesa, Jorge Luis Borges (2006) observa que a presença geográfica de lugares como Dinamarca e Suécia no poema “leva a supor uma afinidade entre os escandinavos e os anglo-saxões” (p. 15). Ou seja, é notável a partilha de memórias entre esses povos. E é esse o tocante da ficção-histórica em *Saxon Stories*, já que o protagonista e narrador da narrativa, Uhtred, frequentemente denota a proximidade religiosa que os escandinavos partilhavam com os próprios anglo-saxões antes da chegada do Cristianismo em terras inglesas. Para além disso, e com base na tese de doutorado de Isabela Dias de Albuquerque, *As relações identiárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)* (2017), verificamos que as novas relações entre esses dois povos induziu suas culturas ao “hibridismo”, influenciando a formação identitária da sociedade inglesa.

Conhecer o contexto histórico do espaço narrativo em *Saxon Stories* é, portanto, de extrema importância, tendo em vista que o gênero literário que é estabelecido a essa obra é a ficção-histórica ou o romance histórico. Após finalizar o segundo capítulo com um breve resumo do enredo dos três primeiros romances de *Saxon Stories*, o terceiro capítulo inicia com essa proposta de discussão. Conforme a leitura de Marilene Weinhardt (2011) acerca de György Lukács, “o bom romance histórico resulta da compreensão do relacionamento

entre o passado histórico e o tempo presente” (p. 29). A narrativa ficcional que se apropria da História percorre, nesse sentido, usos, lugares, grupos de memória. Em outras palavras, a memória é capaz de conectar os fios que percorrem o passado e o presente na História.

Os romances de *Saxon Stories* denotam inúmeros questionamentos que remetem não somente aos eventos do passado histórico, mas, conjuntamente, incitam reflexões e discussões que confrontam as “verdades” difundidas pela historiografia, bem como o processo da criação ficcional. Em razão disso, inserimos os fundamentos de Linda Hutcheon (1991) a respeito do que ela denomina “metaficção historiográfica”, uma espécie de gênero literário que se manifesta especialmente no contexto pós-moderno.

A reflexão teórica acerca das interfaces entre História e ficção literária consolidada em trechos da obra que analisamos, testemunha a diversidade de memórias que se unem para constituir o fio condutor da narrativa. Em razão disso, buscamos principalmente a resposta para a questão: de que forma as memórias, exteriorizadas e interiorizadas em *Saxon Stories*, abraçam a narrativa ficcional para retratar um período histórico, por vezes obscuro, no qual a Inglaterra encontra grandes impulsos que contribuem para a sua formação?

A série *Saxon Stories* de Cornwell testemunha como a literatura é capaz de impulsionar memórias, as quais podem variar de leitor para leitor. São elas que nos propomos identificar com esta pesquisa: não somente as reminiscências que ressoam do passado histórico, mas as memórias que se reverberam no mundo contemporâneo, com o fim de dialogar com a História.

Com base nos conceitos de memória fundados em Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2015), Michael Pollak (1989; 1992) e Jacques Le Goff (2013), e em complemento, as perspectivas que relacionam memória e identidade propostas por Joël Candau (2011), Pollak (1992), Le Goff (2013) e Mariana Jantsch de Souza (2014), finalizamos o terceiro capítulo analisando a presença e os impactos da memória em *Saxon Stories*. Pontuamos que a memória, que pode ser individual e/ou coletiva, é, sobretudo, plural. Em vista disso, analisaremos memórias que partem do protagonista, bem como de outros personagens da narrativa.

## Capítulo 1 Primeiras reflexões

*Destiny is all, Ravn liked to tell me, destiny is everything.  
He would even say it in English, "Wyrd bið ful āræd."  
O destino é tudo, gostava de dizer Ravn, o destino é tudo.  
Ele até dizia em inglês: "wyrd bið ful āræd."*

*(Bernard Cornwell - The Last Kingdom)*

### 1.1 Diálogos acerca de Bernard Cornwell e sua obra

I.

Nascido em Londres, em 1944, ano ainda marcado pela Segunda Guerra Mundial, Bernard Cornwell traz nas histórias que escreve marcas da história de sua vida. Filho biológico de uma britânica e de um aviador canadense, foi adotado por uma família britânica da região de Essex, participante de uma seita religiosa que já não existe mais, conhecida por *Peculiar People*. Esse grupo “peculiar” praticava crenças puritanas extremas, que proibiam certas práticas cotidianas “like smoking, drinking, the teatre, dancing or cinema” (MINGO, 2017, p. 10)<sup>1</sup>. Em complemento, acredita-se que o autor “developed a logical curiosity for all these banned things” (MINGO, 2017, p. 10)<sup>2</sup>.

Ele conta que escapou para a *London University*, onde graduou-se em Teologia (MINGO, 2017). A formação de Cornwell certamente contribui para o desenvolvimento da temática religiosa, a qual é muito presente em suas obras. Como exemplo, destaca-se o objeto de estudo desta pesquisa, *Saxon Stories*, que contrasta as relações passíveis e divergentes entre cristãos e pagãos na Inglaterra do século IX.

Outrossim, a grande maioria de seus livros, todos baseados em momentos históricos significativos, principalmente referentes ao território britânico, “are connected with the warlike and military world” (MINGO, 2017, p. 11)<sup>3</sup>. Logo, o militarismo é outro tema substancial em *Saxon Stories*, posto que a série retrata uma época marcada pela luta por terras não apenas entre os anglo-saxões e

<sup>1</sup> “[...] Como fumar, beber, o teatro, a dança e o cinema” (MINGO, 2017, p. 10) (tradução nossa)

<sup>2</sup> “[...] Desenvolveu uma curiosidade lógica por todas essas coisas proibidas” (MINGO, 2017, p. 10) (tradução nossa)

<sup>3</sup> “[...] Estão conectadas com a guerra e o mundo militar” (MINGO, 2017, p. 11) (tradução nossa)



escandinavos, mas também entre esses povos e os decendentes dos antigos celtas (os escoceses, bretões, galeses, irlandeses).

Bernard Cornwell é um grande narrador da História de suas origens britânicas. Aliás, ele não apenas narra, mas cria e recria, como será apresentado mais detalhadamente nos próximos capítulos e tópicos. O autor parece propor em sua obra uma nova leitura da História Inglesa, na qual personagens reais encontram-se com personagens fictícios, dando forma a uma nova história. Cornwell assume seus fascínios pela História e opina acerca da relação entre realidade e ficção, como se pode constatar neste trecho retirado de uma entrevista:

I love history, which is why I write historical novels, though (...) truth is invariably stranger than fiction. Still, we try, and my own patch starts at the down of Britain's history with Stonehenge, travels into the magical exploits of Arthur and ends with Britain's murderous battles against Napoleon (CORNWELL *apud* MINGO, 2017, p. 11)<sup>4</sup>.

Cornwell lecionou por algum tempo, até ser empregado pela BBC (*British Broadcasting Corporation*), em uma emissora de rádio e televisão conhecida mundialmente, na qual trabalhou por dez anos consecutivos. Foi ali que conheceu sua atual esposa, uma norte-americana, que o incentivou a mudar-se para os Estados Unidos, contudo, “he could not get a Green Card from the USA's authorities and set to writing books” (MINGO, 2017, p. 10)<sup>5</sup>. Ou seja, Bernard Cornwell tornou-se escritor justamente por questões econômicas: precisou de um emprego, logo, decidiu escrever livros para vender, utilizando suas habilidades jornalísticas para construir suas narrativas a respeito da História.

O autor possui seu próprio *website* (<http://www.bernardcornwell.net/>), no qual, além de trazer sua breve biografia, promove seu trabalho por meio de notícias, vídeos, especificações de cada livro e/ou série de livros. Além disso, o autor propõe duas seções para manter contato com seus leitores e fãs: “*Your*

---

<sup>4</sup> Eu amo história, e por isso eu escrevo ficção-histórica, embora (...) a verdade seja invariavelmente mais estranha que a ficção. Ainda assim, tentamos, e minha própria produção começa com os primórdios da história britânica com “Stonehenge”, viajando até o mundo mágico de Arthur e terminando com as batalhas sangrentas da Grã-Bretanha contra Napoleão (CORNWELL *apud* Mingo, 2017, p. 11) (tradução nossa) – Retirado pelo autor Carlos Sanz Mingo de: <http://www.bernardcornwell.net/> Acesso em: 04 out. 2004.

<sup>5</sup> “[...] Ele não conseguiu o *Green Card* [visto permanente de imigração] das autoridades norte-americanas e se pôs a escrever livros” (MINGO, 2017, p. 10) (tradução nossa).

*Questions*”, na qual procura atender aos questionamentos e dúvidas principalmente acerca de suas obras, e *“Your comments”*, uma seção mais livre, que recebe comentários (elogios, críticas e sugestões) de seus leitores. Bernard Cornwell também possui uma página profissional no Facebook (<https://www.facebook.com/bernard.cornwell/>), na qual atualiza e divulga as novas informações acerca de sua obra.

## II.

No ano de 2009, o jornal britânico *The Telegraph* publicou uma lista dos cem autores mais vendidos da década<sup>6</sup>, na qual Bernard Cornwell recebeu a colocação de 19º lugar, com mais de 6 milhões de livros vendidos. Pela sua popularidade e grande vendagem de livros, com mais de sessenta livros publicados até o presente momento<sup>7</sup>, Bernard Cornwell é um autor dos chamados *Best-sellers*, também conhecidos por “literatura de mercado” e comumente associados à chamada “Literatura de massa”.

Em *Best-seller: Literatura de mercado* (1988), Muniz Sodré especifica que há dois tipos de literatura: a culta e a de massa. Segundo o autor, o que as distancia, primordialmente, são as regras de produção ou consumo, fazendo “com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos diferentes” (SODRÉ, 1988, p. 6). Dessa forma, os textos de “literatura culta” são assim considerados porque são “institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais)” como tal (SODRÉ, 1988, p. 6).

Ao definir a “literatura de massa”, Sodré determina quatro grandes características. A primeira delas seria a existência de um *caráter mítico* nas narrativas de massa, que transforma “muitos dos personagens em verdadeiros tipos modelares” (SODRÉ, 1988, p. 8). Há comumente o arquétipo do herói, aquele que pode tudo, “acima das fraquezas humanas e das leis sociais [...]” e “[...] sai incólume de grandes perigos físicos e age como o Deus do Antigo Testamento contra os seus inimigos” (SODRÉ, 1988, p. 8). A segunda característica refere-se à *atualidade informativo-jornalística*, a qual, segundo o

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/books/6866648/Bestselling-authors-of-the-decade.html> Acesso em: 22 dez. 2018

<sup>7</sup> Para verificar todos os títulos publicados por Bernard Cornwell, acessar: <http://www.bernardcornwell.net/books-by-bernard-cornwell/> Acesso em: 22 dez. 2018

autor, transparece no livro “a necessidade de informar, de pôr o leitor ao corrente de grandes fatos, teorias e doutrinas – seja do próprio autor, seja da própria época – de uma maneira fácil e acessível, a exemplo da linguagem jornalística” (SODRÉ, 1988, p. 8). Sodré afirma também que no jogo de mercado “escritor e jornalista tornam-se termos bastante afins” (1988, p. 10). O *pedagogismo* seria o terceiro elemento estrutural das narrativas de massa, o qual se delimita por possuir uma “intenção clara de *ensinar alguma coisa*” (SODRÉ, 1988, p. 8). Por fim, Sodré identifica que a quarta característica seria a presença de uma *retórica culta ou consagrada*. Ele explica que o texto de massa retomaria um modo de escrever que já fora consagrado pela literatura culta. Ou seja, “reavivam-se estereótipos da literatura romântica, como o herói divino, o vilão satânico, a virgem imaculada, a mulher fatal, [...]” (SODRÉ, 1988, p. 9). Sodré ainda esclarece que na literatura de massa “não está em primeiro plano a questão da língua nem da reflexão sobre a técnica romanesca” (1988, p. 15), como na literatura culta, mas sim seus conteúdos.

Podemos identificar alguns desses traços em *Saxon Stories*. Por exemplo, a *atualidade informativo-jornalística* e a *retórica culta ou consagrada*, por meio dos relatos do narrador e protagonista Uhtred, que está sempre explicando suas crenças, concepções e os fatos que vivencia nos mínimos detalhes. Outrossim, pela narrativa ser construída por uma sequência de livros, cada livro traz explanações que remetem ao romance antecedente, facilitando o trabalho do leitor, que não precisará impulsionar qualquer esforço para lembrar os fatos e pontos importantes já narrados nos outros livros. Além disso, a narrativa está repleta de informações históricas e culturais detalhadas acerca do período relatado. Ainda, o que pode ser considerado como a principal característica *informativo-jornalística* refere-se à “*Historical Note*” (Nota Histórica), escrita pelo próprio autor, Bernard Cornwell, ao final de cada livro da série. Nessas notas, Cornwell justifica questões acerca do que foi real e o que foi fictício nas narrativas, como sucedeu a escolha dos acontecimentos e personagens, que fontes históricas utilizou, além de deixar várias vezes suas opiniões a respeito do que entende da História da Inglaterra.

Por outro lado, a obra não traz o *caráter mítico*, ao propor um relacionamento entre personagens históricos reais e fictícios, não se identificam

muitas figuras estereotipadas em *Saxon Stories*; ao contrário, Cornwell demonstra possuir o desejo em “desconstruir” muitas das visões estereotipadas acerca dos personagens do período que relata. Por exemplo, os próprios escandinavos, ou chamados *vikings*, conhecidos popularmente apenas pelos seus feitos extremamente violentos, mas que na narrativa de Cornwell são apresentados de diferentes formas, destacando fatos importantes de sua cultura. Apesar de o cenário da narrativa ser um período histórico, acreditamos que não há um princípio de *pedagogismo*, como definido por Sodré. *Saxon Stories* certamente é capaz de nos ensinar muitas coisas. Mas como apresentaremos adiante, não são ensinamentos práticos e apreendidos de uma rápida leitura, mas que requerem uma profunda reflexão. Nossa leitura, por exemplo, contempla o relacionamento da História e Memória nessa esfera literária.

Se considerarmos apenas essas características como determinantes para estipular se uma obra é “literatura de massa” ou não, as obras de Bernard Cornwell poderiam ser, de certo modo, categorizadas nesse tipo de literatura. Buscamos, entretanto, repensar esses conceitos, de modo a demonstrar que as obras de Cornwell, especialmente as que são nosso objeto de estudo, possuem capacidade e competência para serem compreendidas enquanto Literatura de qualidade, merecendo espaço nas pesquisas acadêmicas.

A propósito, nos últimos anos, nota-se o surgimento de pesquisadores dispostos a refletir a respeito do envolvimento da literatura na indústria cultural com outras perspectivas. Acredita-se, portanto, que se esse tipo de literatura tem um grande alcance popular, por que não destinar análises sólidas a seus conteúdos, com o fim de compreender o que move o pensamento da sociedade contemporânea?

Em sua dissertação *A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias* (2012), o pesquisador Renato de Oliveira Dering associa os *best-sellers/mega-sellers* aos folhetins; segundo ele, estes alcançaram outras classes sociais, um público maior e mais diversificado, levando ao hábito da leitura e participando efetivamente nas mudanças literárias, e introduz que considerar os *best-sellers/megasellers* como inferiores “é generalizar tudo o que é produzido e que ganha clamor público [...]”, além de que tal atitude desconsidera “[...] certos tipos de cultura [...]”, esquecendo-se de “[...] que a massa também é produtora de

uma realidade cultural, sendo ela resultado de um processo histórico e social característico” (DERING, 2012, p. 4).

A relação entre os *Best-sellers* e a “literatura de massa” geralmente é feita levando em consideração o fato de que muitos *Best-sellers* são produtos determinados pelos mecanismos do mercado. Interessa destacar, contudo, que nem todo *Best-seller* deve ser considerado literatura feita para as massas, tendo em vista que muitos livros que têm estado na lista de grandes vendas são também os chamados “clássicos” da Literatura culta, assim como muitos que fazem parte dessas listas e vendem muito atualmente mostram que têm características de qualidade para serem reconhecidos, valorizados e repensados pelo contexto “acadêmico”, como é o caso dos livros do autor que estamos pesquisando.

Dering contrói sua defesa discutindo a ideia de “valor” que se impõe de uma cultura sobre a outra. O pesquisador infere que “não somos inocentes quando trabalhamos com a cultura do outro, principalmente considerando que o olhar do outro – o pesquisador – se tenciona para sua cultura” (DERING, 2012, p. 17), mesmo que inconscientemente. E seria nesse sentido que o “olhar canônico” direciona a sua visão para o outro, posicionado entre “as massas”. O pesquisador sugere, portanto, que a academia deveria direcionar mais seus olhares para as relações entre cultura, sociedade e literatura, pois essa poderia ser “a chave do problema contemporâneo, sair dos limites que o próprio cânone e meios institucionalizantes [que] condenam a literatura e abrir horizontes para as novas percepções e para um novo viés do literário” (DERING, 2012, p. 19). Em complemento, Dering comenta a respeito da posição dos críticos literários “canônicos”:

Muitos deles se estagnaram aos *tempos de ouro da alta literatura*, com Alighieri Dante, Gustave Flaubert e Machado de Assis, e rechaçam a literatura que se fez pós Segunda Guerra Mundial, parecendo dar créditos apenas àquelas que emanam de dentro da própria academia. Nomes como J. R. R. Tolkien, J. K. Rowling, Stephen King e Umberto Eco, por exemplo, aparecem nesse novo cenário literário, que se utiliza de novos modos de produção e reprodução para fazerem literatura. Considerando que esses novos críticos se prenderam em um passado literário, percebemos um novo problema nessa questão, nem todo crítico é leitor de literatura contemporânea de modo geral, mas a trabalha como se

fosse. Muitas são as críticas ao que a massa produz e adquire sucesso de público, contudo, poucos são os críticos que se arriscam a ler e embasar suas críticas. Fala-se de autores, mas não de obras (DERING, 2012, p. 20).

Por isso, importa considerar que uma “obra não apenas exprime o meio, mas também refrata e retrata aquele que faz parte desse conjunto de relações socioculturais: o próprio sujeito.” (DERING, 2012, p. 25). De certa forma, Dering critica as visões já pré-estabelecidas com negativismo provenientes da crítica literária a respeito dos produtos culturais, pois, perante o cenário capitalista em que vivemos, “não há como [...] ver as artes com os olhos de ontem [...]” e, portanto:

[...] o que se percebe nas posições críticas e teóricas contemporâneas é o desleixo com que emerge dessa indústria, no pré-conceito, isto é, a partir de uma visão já consolidada de que essa indústria cultural só produza obras em série e de baixa qualidade. Por essa razão, poetas e romancistas da literatura de massa estarão sempre condenados a *descredibilidade*, por emergirem de um local já institucionalizado como desprovido de valores (DERING, 2012, p. 26).

Muitos críticos literários simplesmente definem a literatura produzida aos moldes do mercado como “subliteratura”, ou nem mesmo a consideram literatura. Por isso, importa questionar: como definir juízos de valor a um texto ficcional? Terry Eagleton (2006) se depara com a dificuldade em tentar definir o que é literatura, por causa das variações que sua definição sofreu historicamente, justamente por ser sempre colocada em contraponto aos juízos de valor. Ao contrário das teorias formalistas, que valorizariam a essência formal para considerar se um texto é ou não literário, Eagleton propõe entender o que é literatura a partir de uma perspectiva que emana do leitor:

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. [...] Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado (EAGLETON, 2006, p. 13).

Márcia Abreu (2004), ao estudar a história da literatura e da leitura, propõe que “os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social” (p. 19). Entende-se, pois, que tanto as histórias de leitura de cada um, quanto as considerações do que é Literatura de prestígio, são resultados de um processo político. Nesse sentido, a autora propõe repensar as definições de literatura, refletindo acerca da questão do *valor* “que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais” (ABREU, 2004, p. 39). Importa ressaltar que um texto se torna Literatura com “L” maiúscula seguindo critérios do que Abreu chama de “instâncias de legitimação”.

Uma obra fará parte do seletivo grupo da *Literatura* quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto *literário* não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos (ABREU, 2004, p. 40).

O que importa questionar é se a indústria cultural está cada vez mais produzindo e vendendo, e se ainda existe um imenso público leitor, independente do “tipo de literatura” que escolhem, por que não dar atenção a essa “literatura de entretenimento”, aos efeitos que causa em seus leitores e as memórias que traz em seus conteúdos? Como destaca Dering, “não podemos tomar sempre os sujeitos que consomem [...] como passivos e alheios ao seu contexto [...]”, mas sim devemos “[...] pautar na legitimidade da obra em relação ao sujeito, isto é, acerca da não ingenuidade desse indivíduo diante às produções que lhe são apresentadas” (2012, p. 33). Interessa que “por mais que haja imposições de uma indústria cultural, haverá sempre um sujeito pensante que dialogará com esse produto que é imposto” (DERING, 2012, p. 52).

Por outro lado, é preciso repensar os conceitos de o que é Literatura, pois, como Abreu assevera, a literatura “é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais” (2004, p. 41). Dessa forma, identifica-se a posição de exclusão destinada à “literatura de mercado”, “literatura de entretenimento” ou “literatura de massa”, pois é possível constatar “a rejeição dessas obras aos olhos de uma elite

literária [...]” que não percebe “[...] as mudanças culturais que englobam a literatura, o leitor e o próprio mundo” (DERING, 2012, p. 61).

O que identificamos é uma experimentação de novos rumos da literatura e cultura de massa, que ora se enquadram e ressignificam alguns elementos já existentes, ora permeiam os limiares de outras sociedades e culturas, traçando conjecturas ainda escondidas. Ora aproxima o leitor com sua experimentação da linguagem simplória, mas traz novas formas de apresentar essa simplicidade. Trata-se de uma consequência do que foi o passado, não uma ruptura em si (DERING, 2012, p. 63).

Coincidindo com o pensamento de Márcia Abreu, o pesquisador Renato Dering reafirma que é preciso repensar os conceitos do que é o literário no mundo contemporâneo, considerando “os acontecimentos que estão inseridos nos modos de produção e reprodução [...]”, pois “[...] a literariedade não está inclusa apenas no texto, mas perpassa o extrínseco” (2012, p. 69). Dessa forma, compreende-se que “a avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural” (ABREU, 2004, p. 59), o que faz com que diferentes pessoas mirem seus olhares distintamente para diferentes formas de “literatura”. As significações de uma obra sofrem variações, conforme as diferentes leituras de diferentes sujeitos. Em complemento, portanto, citamos novamente Eagleton, que define “Valor” enquanto um termo sempre em transição, pois é “aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos” (2006, p. 17).

A história do próprio “romance” se insere nessas perspectivas. Se hoje a leitura de romances “clássicos” é um aspecto obrigatório dos currículos escolares, tempos atrás a “idéia parecia uma total extravagância” (ABREU, 2004, p. 103). Os primeiros romances foram considerados “uma completa novidade”, sendo apreciados pelos mais diversos leitores. Os homens eruditos, por outro lado, reprovaram o novo gênero, acusando este de ser “uma perda de tempo [...]”, pois “[...] corrompia o gosto e fazia com que se tomasse contato com situações moralmente condenáveis” (ABREU, 2004, p. 104). A verdade é que o perigo dos romances para os críticos explicava-se unicamente por ser “novidade”.

O romance era um gênero novo e, portanto, não tinha tradição nem antepassados nobres. Isso era particularmente importante, pois, naquela época, os critérios para a definição do “bom” ou “mau” desempenho dos escritores estavam registrados em



Poéticas e em Retóricas. Como elas não diziam uma palavra sobre romances, eles não podiam ser escritos de valor (ABREU, 2004, p. 105).

Esse fato assemelha-se ao que acontece hoje com os produtos advindos da indústria cultural. Atualmente, estimula-se a leitura dos romances antigos, “justamente aqueles que eram tão perseguidos [...]”, ao passo que se condena tudo que é produzido para o gosto popular, “[...] utilizando-se argumentos muito parecidos com os que se usava para condenar a leitura de romances” (ABREU, 2004, p. 106). Concluímos, juntamente com Abreu, que “a definição de literatura não é algo objetivo e universal, mas sim algo cultural e histórico” (2004, p. 109). A Literatura tem sofrido e continua sofrendo as mais variadas mutações, trazendo consequentes mudanças para o que/quem faz parte do seu sistema: não somente o texto, mas principalmente os sujeitos escritores e leitores.

Nessa perspectiva, direcionamos nosso olhar a *Saxon Stories* e conseqüentemente ao seu autor, Bernard Cornwell. A princípio, o autor pode ser considerado simplesmente mais um escritor de *Best-sellers*, e, dessa forma, ter suas obras (pre)julgadas como “literatura de massa”. Não obstante, por meio desta pesquisa, repensaremos esses juízos e (pre)conceitos.

### III.

Por causa de sua audácia em representar momentos tão significativos para a História, Cornwell vem ganhando espaço em pesquisas acadêmicas. Na busca em vários sites de pesquisa acadêmica, incluindo o Google Acadêmico, encontramos alguns trabalhos acerca das obras do autor.

Os trabalhos de âmbito internacional que encontramos são todos produções de estudiosos da área das Letras e Literatura, especialmente do campo dos Estudos Ingleses.

O professor Carlos Sanz Mingo, pesquisador da literatura arturiana e atual professor de estudos hispânicos na *Cardiff University*, tem estudado e divulgado o autor por meio da publicação de artigos em periódicos, como os intitulados “Forcing the bull to its knees: The Mithraic Strife in Modern Arthuriana” (2009) e “Dark Ages Religious Conflicts and their Literary Representations: *The Winter King*,

by Bernard Cornwell” (2011), e do livro *The Arthurian World in Bernard Cornwell’s The Warlord Chronicles* (2017), o qual foi resultado de sua pesquisa de *PhD*<sup>8</sup>.

Nos dois artigos citados, o professor e pesquisador analisa como se dá a presença da religião na obra de Cornwell. No artigo publicado em 2009, Mingo desenvolve sua discussão objetivando demonstrar como algumas das ações na trilogia *The Warlord Chronicles* (1995-1997) simbolizam a morte do paganismo, o mistério de Mitra e o triunfo final do Cristianismo no território britânico, no contexto arturiano. No outro artigo, publicado em 2011, Mingo concentra-se apenas no livro *The Winter King* (1995), o primeiro da série *The Warlord Chronicles*, para refletir como os conflitos entre as diferentes crenças religiosas influenciaram a vida dos bretões no período arturiano e são representados na obra de Cornwell.

O principal objetivo de Mingo em sua pesquisa publicada em livro é definir um diferencial na narrativa arturiana de Cornwell. Como Mingo declara, a literatura arturiana tem sido sempre dominada por homens: além dos autores mais populares serem do sexo masculino (como Geoffrey de Monmouth, Chrétien de Troyes, Thomas Mallory e Lord Tennyson), os personagens principais são quase sempre masculinos, geralmente liderados por Arthur, que está acompanhado por Kay, Bedwyr e/ou Lancelot. Ao contrário, na série arturiana *The Warlord Chronicles*, de Cornwell, Mingo verifica que há quatro personagens femininas marcantes, que possuem um papel fundamental e influente nas questões políticas e religiosas.

Outros trabalhos internacionais considerados aqui importantes são “A Journey of Growth: Bernard Cornwell’s *The Last Kingdom* as a *Bildungsroman*” (2015), de Kristin Jónasdóttir, e “Christianity Under Fire: An Analysis of the Treatment of Religion in Three Novels by Bernard Cornwell” (2015), de Kjartan Birgir Kjartansson, ambos produzidos na *University of Iceland*, com orientação de Ingibjörg Ágústsdóttir, atual professora de Literatura Britânica nessa mesma universidade.

O trabalho de Jónasdóttir afirma que *The Last Kingdom*, o primeiro livro de *Saxon Stories*, possui traços que o enquadram como um *Bildungsroman*. Tendo em vista que *The Last Kingdom* é também nosso objeto de estudo, acreditamos

---

<sup>8</sup> *PhD* é a sigla da expressão inglesa *Doctor of Philosophy*, e seria equivalente ao Doutorado do Brasil. O *PhD* é comum em universidades de países de língua inglesa, podendo os requisitos para sua obtenção variar conforme o lugar.

na importância de compreender quais são as particularidades dessa tipologia de romance, para, conseqüentemente, entender melhor a proposta da pesquisadora islandesa:

The German term “Bildungsroman” originally came from Karl Morgenstein, who introduced it in the early 19th century. It is a form of storytelling in which the protagonist undergoes a moral development, resulting in his maturity (Casano). Ann Casano mentions five common characteristics of a Bildungsroman:

1. The protagonist is foolish and inexperienced at the beginning of the narrative.
2. There is an incident that forces the protagonist into his journey.
3. The journey is not easy, the hero is tested and will have to fight hard to survive.
4. The hero has a “flashing moment” which changes him as a person and he learns how to be a grown man.
5. The hero finds his place in society, equipped with the maturity and knowledge to have a chance in life. (Casano) (JÓNASDÓTTIR, 2015, p. 12)<sup>9</sup>.

Após analisar esses fundamentos presentes na obra, Jónasdóttir conclui sua defesa de que evidentemente o protagonista e narrador Uhtred segue essas características, tendo em vista que: “[...] he begins as a powerless little Anglo-Saxon English boy, is prepared for real life as a warrior, while living with the Danes, and then is able to prove himself as a mature lord and warrior under Alfred’s rule” (2015, p. 20)<sup>10</sup>.

Kjartansson discute em seu trabalho a respeito das diferentes maneiras com que o Cristianismo afeta os personagens e os eventos histórico-políticos em três romances de Bernard Cornwell, os quais abrangem períodos distintos da história medieval da Inglaterra: a era arturiana (século VI), em *The Winter King* (1995), a presença *viking* (século IX), em *The Last Kingdom* (2004) e a Baixa

---

<sup>9</sup> O termo alemão *Bildungsroman* foi introduzido originalmente por Karl Morgenstein no início do século XIX. É uma forma de contar uma história na qual o protagonista submete-se a um desenvolvimento moral, resultando na sua maturidade (Casano). Ann Casano menciona cinco principais características de um *Bildungsroman*: 1. O protagonista é idiota e inexperiente no início da narrativa; 2. Há um incidente que força o protagonista a iniciar sua jornada; 3. A jornada não é fácil, o herói é testado e terá que lutar intensamente para sobreviver; 4. O herói tem um “momento repentino”, que o muda como pessoa e ele aprende como ser um homem crescido/maduro/evoluído (JÓNASDÓTTIR, 2015, p. 12) (tradução nossa).

<sup>10</sup> [...] ele começa como um pequeno menino anglo-saxão, desprovido de poder, prepara-se para a vida real como um guerreiro, enquanto vive com os dinamarqueses, e então está apto para provar-se como um senhor e guerreiro maduro sob o governo de Alfred. (JÓNASDÓTTIR, 2015, p. 20) (tradução nossa).

Idade Média (séculos XIII-XIV), em *Harlequin* (2000)<sup>11</sup>. De acordo com o autor islandês, o Cristianismo é uma religião à qual Cornwell direciona uma atenção especial, principalmente ao contrastar seus dogmas com outros credos não cristãos em seus romances.

No período histórico relatado em *The Winter King*, o Cristianismo era uma novidade para os nativos britânicos, e é dessa forma que Cornwell coloca em sua obra: o ceticismo desses povos para com as novas crenças que passam a influenciar as questões políticas do território. Em *The Last Kingdom*, há a interface entre o paganismo nórdico, trazido pelos *vikings*, e o Cristianismo, então consolidado no território inglês. Nesse cenário, Uhtred entra em um impasse entre a fé cristã de seus atuais compatriotas e a antiga religião germânica de seus antepassados, que foi trazida “de volta à vida” pelos escandinavos. Por fim, *Harlequin*, diferentemente dos outros livros que contrastam o Cristianismo com outras crenças, concentra uma crítica ao Cristianismo pelo próprio Cristianismo: o fanatismo religioso e como os cristãos conseguiram ser persuasivos e politicamente influentes, por exemplo.

Por fim, Kjartansson conclui que a forma como o Cristianismo é contemplado por Bernard Cornwell em sua obra é notavelmente hostil e negativa. O estudioso islandês justifica essa característica por meio da história de vida do próprio autor inglês:

The negative way in which Christianity is portrayed can be attributed to two main factors, the first being Bernard Cornwell's troubled youth and upbringing in a very religious household, the second being his lifelong atheism and continued criticism of all religions, especially monotheistic ones like Christianity. He explores the various themes in which Christianity can cause trouble, such as wars fought over zealotry [...] and the differences in gender roles among Christian and non-Christian characters (KJARTANSSON, 2015, p. 24)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Cada um desses livros é o primeiro volume que compõe, respectivamente, as seguintes séries: *The Warlord Chronicles* (1995-1997), *Saxon Stories* (2004-) e *The Grail Quest* (2000-2012).

<sup>12</sup> A maneira negativa pela qual o cristianismo é retratado pode ser atribuída a dois fatores principais, sendo o primeiro a juventude problemática e a educação de Bernard Cornwell em um lar muito religioso, e o segundo, seu ateísmo duradouro e críticas contínuas a todas as religiões, especialmente monoteístas como o cristianismo. Ele explora os vários temas em que o cristianismo pode causar problemas, como as guerras por fanatismo [...] e as diferenças nos papéis de gênero entre os personagens cristãos e não-cristãos (KJARTANSSON, 2015, p. 24) (tradução nossa).

Citamos ainda “The Longbow and its military use” (2013), de Michael Marcin. Nesse trabalho, há uma seção intitulada “The Longbow in fiction”, com o tópico “Azincourt by Bernard Cornwell”, o qual traz uma breve reflexão acerca de como o arco longo (*longbow*) é representado na narrativa *Azincourt* (2008), obra que manifesta a valentia dos arqueiros ingleses no contexto da Guerra dos Cem Anos, no reinado de Henry V, especialmente a Batalha de Azincourt (1415).

No Brasil, os trabalhos acadêmicos acerca da literatura de Cornwell encontrados em nossas buscas são excepcionalmente produções resultantes da área da História, com exceção do artigo “Guinevere ontem e hoje: Representação feminina na literatura” (2007), de autoria de Pricila dos Reis Franz, da área das Letras. Esse artigo, contudo, não tem como foco a obra de Cornwell em si, pois apenas compara como a figura feminina Guinevere é retratada em diferentes obras da literatura arturiana, tais como o conto medieval *Lancelote, o cavaleiro da carreta*, e as séries contemporâneas *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, e *Crônicas de Artur* (título brasileiro para *The Warlord Chronicles*) de Bernard Cornwell.

Um artigo que destacamos é “As relações entre Vikings e Saxões do Oeste na obra *O Último Reino*, de Bernard Cornwell” (2017), de Lucas Luiz Oliveira Pereira. Esse trabalho desenvolve uma análise das interações culturais entre pagãos e cristãos representadas em *O Último Reino* (título brasileiro para *The Last Kingdom*). O autor expõe o que sente a respeito das possíveis problemáticas que jovens pesquisadores brasileiros encontram em iniciar seus estudos acerca dos *vikings*, principalmente quando se refere à ausência de traduções de produção escrita acerca do tema. Nesse sentido, Pereira acredita que “o cientista do período medieval pode se utilizar da literatura, da nossa contemporaneidade” (2017, p. 48), como é o seu próprio caso, ao utilizar uma das ficções de Cornwell como objeto de análise.

Ele defende que o que o autor britânico leva “para a literatura é importante para desconstruir a Idade Média transmitida nas salas de aula do Brasil” (PEREIRA, 2017, p. 55), haja vista que:

Descobrir o que se “passava” pelo imaginário dos Vikings no período não é simples. A maior parte da história da Escandinávia medieval não foi escrita pelos próprios, assim são compreendidos

na sociedade atual como sanguinários e cruéis, por motivos adversos, mas, principalmente, pelo estereótipo construído pela Igreja Católica. Na obra do britânico, ele esclarece, por meio de alguns de seus personagens, a demonização dos invasores. “- Eles são mandados por Deus para nos punir – Disse Gytha timidamente. - Punir Por quê? – Perguntou meu pai em tom selvagem. - Por nossos pecados – Gytha fez o sinal da cruz. [sic]” (CORNWELL, 2015, p. 21) (PEREIRA, 2017, p. 54).

A cultura popular por meio da mídia e até mesmo das escolas imprime uma imagem concentrada e exagerada dos *Vikings* enquanto “demônios e destruidores de aldeias e mosteiro” (PEREIRA, 2017, p. 54), ignorando em grande parte sua importância política, econômica e cultural na história da Europa, especialmente da Inglaterra.

Johnni Langer, o qual podemos considerar a referência mais significativa da pesquisa da Escandinávia Medieval brasileira, publicou uma resenha do livro *The Last Kingdom*, com o título de “Os vikings na Inglaterra medieval” (2007). De início, Langer caracteriza que:

O autor criou uma obra com uma narrativa empolgante que consegue unificar o resultado das mais recentes pesquisas acadêmicas e historiográficas com a ficção literária. O protagonista do romance, o ficcional Uhtred, envolve-se na trama com personagens históricos como o rei Alfredo, o Grande, os filhos de Ragnar Lodbrok, entre outros, mesclando uma reconstituição histórica formidável com um denso texto literário, mas ao mesmo tempo prazeroso e com momentos do mais fino humor britânico (LANGER, 2007, p. 202).

Em suma, o pesquisador brasileiro coloca em sua resenha a perspectiva dos estudos da Escandinávia Medieval, apresentando alguns erros históricos dentro da narrativa literária e assinalando a importância de vários pontos que desmistificam falhas históricas disseminadas pela cultura popular. Da mesma forma que Pereira, Langer reconhece que Bernard Cornwell propõe desconstruir muitos estereótipos construídos ao longo da história acerca dos *Vikings*:

Cornwell mostra-se conhecedor de uma recente historiografia que desconstruiu inúmeros estereótipos sobre os Vikings (como a dos capacetes com chifres, o comportamento dos berserkers, o ritual da águia de sangue como uma invenção literária cristã, p. 359-360), como também do cotidiano, sociedade, estrutura familiar, política e econômica tanto dos anglo-saxões quanto dos

escandinavos do século IX. As informações no romance sobre a religiosidade pagamista são excepcionais, um dos pontos altos da obra, como também os dados sobre alimentação, equipamentos de guerra, descrições de batalhas, estrutura urbana e geográfica. O autor teve uma grande preocupação com toponímia e lingüística, concedendo ao leitor todos os seus critérios para estes dados, além de suas principais fontes primárias e bibliográficas, como a *Crônica anglo-saxã* e as pesquisas do arqueólogo James Graham-Campbell (p. 11-13, 359-362) (LANGER, 2007, p. 203).

Assim, “apesar de seus pequenos equívocos, que não comprometem a qualidade da obra no geral” (LANGER, 2007, p. 204), Langer recomenda o romance de Cornwell “para todos aqueles que têm interesse não somente pela cultura escandinava, mas para os admiradores da Idade Média em geral e por tudo que ela representa em termos de herança mental e cultural” (2007, p. 205).

Por fim, mencionamos “Waterloo: nos meandros do Romance Histórico”, trabalho apresentado e publicado nos Anais do II Congresso Internacional de Estudos de Linguagem (UEPG, Ponta Grossa) (2017), por Isaias Holowate. O objeto de estudo dessa pesquisa é o livro *Waterloo: The true story of four days, three armies and three battles* (2014), de Cornwell, que tem como cenário a Batalha de Waterloo, na qual o exército francês comandado por Napoleão Bonaparte é derrotado pelos exércitos britânico e prussiano. O objetivo de Holowate é realizar uma análise das relações entre os pressupostos teóricos e metodológicos adotados pelo autor inglês em tal narrativa e o chamado Método Histórico. Para o pesquisador, essa obra oportuniza um interessante debate a respeito do relacionamento entre História e Ficção Histórica, pois Cornwell utiliza cartas e publicações jornalísticas da época da batalha como fontes com o fim de reconstruir os fatos ocorridos durante o evento.

O levantamento do material bibliográfico acerca da obra de Bernard Cornwell revela, primeiramente, a importância dos escritos do autor no que se trata de repensar a História, de uma forma geral. As publicações aqui citadas concentram-se em diferentes narrativas produzidas pelo autor inglês, as quais retratam diversos períodos históricos do território britânico ou que têm relação, de alguma forma, com a história britânica, e mostra a diversidade de temas de pesquisa e perspectivas que podemos encontrar nessas obras.

A fortuna crítica aqui exposta é muito significativa, por ser o gérmen das pesquisas que demonstram e fortalecem a relevância da literatura de Cornwell, além de estimularem novas pesquisas a respeito do autor. Ao verificarmos essa tímida, mas expressiva abrangência da obra do autor inglês, intentamos que nosso trabalho também contribua com a promoção de Bernard Cornwell e sua literatura na esfera acadêmica brasileira e internacional.

#### IV.

Bernard Cornwell constrói lugares que imortalizam a memória inglesa. Há a trilogia *The Warlord Chronicles*, que desperta a história e mitologia arturianas, bem como a chegada do Cristianismo em terras britânicas; a série *The Sharpe stories*, que rememora as ações da Companhia Britânica das Índias Orientais; a série *The Grail Quest*, que traz memórias referentes à Guerra dos 100 anos e, por fim, o nosso objeto de estudo, *Saxon Stories*, que pretende imortalizar a memória dos povos anglo-saxões e escandinavos, ressignificando a história da relação desses povos no território inglês.

Verifica-se que o autor Bernard Cornwell procura transmitir um conhecimento de história bastante esmiuçado. Todas as suas narrativas, até o momento publicadas, procuram recontar, por meio da ficção, algum momento histórico significativo, sendo a maioria delas referentes à história do território britânico. Cornwell, nesse sentido, ao se apropriar de uma específica narrativa histórica e publicá-la em formato ficcional, passa a construir o que Pierre Nora (1993) descreveu como “lugares de memória”.

Nora acredita que o mundo moderno está presenciando a aceleração da história que, conseqüentemente, desencadeia o sentimento de um passado morto. Nesse sentido, há a consciência de que a memória não desperta de forma espontânea, havendo uma necessidade de criar “lugares” para depositá-las. A memória no nosso mundo moderno “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente e sua pele morta” (NORA, 1993, p. 15). Isso significa que apenas a memória em si não é suficiente para existir, é preciso recursos mediadores desse processo de ligação entre passado e presente. À medida que a memória tradicional desaparece, sentimos a necessidade de “acumular



religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi” (NORA, 1993, p. 15).

Nora define esses meios, vestígios e/ou espaços como “lugares de memória”, os quais seriam criados com o intuito de preservar as lembranças, conectando os sujeitos do presente com o passado. O autor descreve vários desses lugares nas sociedades contemporâneas, tais como museus, cemitérios, coleções, álbuns, aniversários, tratados, monumentos e santuários.

Nesse sentido, a literatura pode ser considerada também um lugar de memória. Ora, se, como afirma Nora (1993), um lugar de memória se constrói por intermédio daquilo que o faz fugir da História, por não possuir referente na realidade, esse mesmo fato ocorre com a ficção literária, que se constrói pelo imaginário. Dessa forma, entende-se que:

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Ou seja, os lugares de memória seriam restos testemunhais que pretendem não somente acender o passado no presente, mas, principalmente, transformá-lo a cada momento. E esse é o papel da literatura enquanto lugar de memória: transformar o passado, ressignificar o presente, despertar memórias.

Entretanto, importa destacar que, como afirma Nora, o lugar de memória só existe quando “a imaginação o investe de uma aura simbólica” (1993, p. 21). Ou seja, para uma obra literária, como qualquer outro espaço, ser um lugar de memória “é preciso ter vontade de memória” (NORA, 1993, p. 22). Mas essa vontade deve partir de quem? No caso da literatura, seria do autor ou do leitor?

Na concepção de alguns leitores, as narrativas de Cornwell poderiam ser capazes de descrever a própria História. Nora compreende que os lugares de memória são capazes de converter a memória em história, pois “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (1993, p. 9). Em razão disso, ele afirma que quando não

há vontade de memória, “os lugares de memória serão lugares de história” (NORA, 1993, p. 22). Sob essa perspectiva, verificamos que há “um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobreterminação recíproca” (NORA, 1993, p. 22).

Se a intenção memorialista de um “lugar” deve vir primeiramente de sua origem criadora, como argumenta Nora, será que Bernard Cornwell cumpre esse pressuposto? Ao nos debruçarmos na série *Saxon Stories*, nosso objetivo vai ao encontro desse questionamento.

A “Nota Histórica” deixada pelo autor ao final de cada volume é um espaço no qual ele, de alguma forma, justifica a importância da reflexão que propõe em sua literatura. No sexto livro, *Morte dos Reis* (título brasileiro para: *Death of Kings*), identificamos, em algumas de suas palavras, uma das motivações de sua “vontade de memória”:

Sempre fiquei curioso com o fato de nós, ingleses, termos tão pouca curiosidade sobre a gênese de nossa nação. Na escola, às vezes parece que a história britânica começa em 1066 d.C. e que tudo que aconteceu antes é irrelevante, mas a história de como a Inglaterra passou a existir é uma narrativa enorme, empolgante e nobre (CORNWELL, 2014, p. 373).

Essa justificativa é acentuada pelo autor no breve ensaio “A criação da Inglaterra. O pano de fundo da história de Uhtred” presente ao final do nono volume, *Guerreiros de Tempestade* (2016) (título brasileiro para: *Warriors of the Storm*). Ainda, para consolidar a defesa de que é crucial fazer uma revisão acerca do que é lembrado e esquecido pela História popularizada no território inglês, o autor introduz que as origens da Inglaterra são cercadas de mistérios:

Os romances sobre Uhtred tratam da criação da Inglaterra. Alguns países, como os Estados Unidos, têm uma data de nascimento, uma data que marca definitivamente o início de sua existência, mas as origens da Inglaterra são muito mais turvas, estão perdidas em algum lugar do que chamamos aleatoriamente de Idade das Trevas. O mesmo vale para Gales, Escócia, Irlanda e, de fato, muitos outros Estados europeus.

O início da história inglesa como é contado em muitas escolas é a invasão normanda de 1066. A Inglaterra, é claro, já existia nesse tempo, mas presta-se pouca atenção à Inglaterra pré-normanda, além de observar que Júlio César veio viu e venceu (na verdade ele veio, viu e foi embora) e que o rei Alfredo não era bom assando bolos. Os vikings são aventureiros românticos e

assassinos com chifres nos elmos (aparentemente uma invenção de figurinistas de óperas no século XIX) que vinham em barcos com cabeças de dragão para estuprar e saquear, mas a verdadeira relevância deles para a criação da Inglaterra raramente é contada, quanto mais entendida. No entanto, a presença dos vikings na história do nascimento da Inglaterra deveria nos dizer que ela foi uma aventura extraordinária, com sangue, heróis e batalhas. É a história de Uhtred (CORNWELL, 2016c, p. 343).

Bernard Cornwell reconhece a necessidade de reconsiderar a história da criação da Inglaterra. Quando denuncia que o período anterior à invasão normanda não recebe tanta atenção pela própria política e/ou cultura popular inglesas, ao mencionar que isso geralmente ocorre no contexto escolar, o autor exprime o sentimento que possui em criar um “lugar” para consignar e valorizar a memória de um período e de um povo que contribui profundamente para a formação da cultura inglesa em muitos aspectos.

As palavras do autor suscitam a interpretação de que é preciso, urgentemente, lembrar do que está sendo esquecido e/ou desvalorizado. Testemunhamos “a vontade de memória” de Cornwell no momento em que afirma que essa parte da História, muitas vezes esquecida pelos próprios britânicos, é também a história de Uhtred, o protagonista fictício que criou. Por meio desse personagem, o autor revive um momento histórico que considera relevante, ao passo que, como demonstraremos detalhadamente nos próximos capítulos e tópicos, fomenta novas configurações, reflexões, avaliações e questionamentos ao se pensar na História.

## 1.2 Literatura para “machos”?

Analisando alguns pontos dos três primeiros volumes de *Saxon Stories*, identificamos perspectivas quanto aos Estudos de Gênero. Primeiramente, é inegável que a narrativa conta a história de homens, já que se situa em um contexto histórico em que o poder e a representatividade eram quase que totalmente masculinos. Entretanto, sendo uma narrativa ficcional do período, além de um escrito contemporâneo, a figura feminina conquistou seu espaço nessa história protagonizada por homens. Como o pesquisador Carlos Sanz Mingo concluiu em sua leitura de *The Warlord Chronicles*, Bernard Cornwell compreende

traços do pós-modernismo em sua obra, ao reverter o papel da mulher na Literatura, que antes era uma figura excepcionalmente passiva. Em nossa análise, identificamos vários tipos de mulheres que são muito ativas na série.

A motivação para a breve discussão que propomos neste tópico aconteceu ao encontrarmos, durante nossas buscas por material a respeito de Bernard Cornwell na internet, a postagem intitulada “Bernard Cornwell, ou como se faz literatura de verdade pra macho...”<sup>13</sup> do *blog* denominado “Sedentário & Hiperativo”. O leitor que escreveu esse texto explica sua suposição, exposta já no título, citando a presença essencial do militarismo nas produções do autor britânico Bernard Cornwell, que narra os fatos sangüinários e violentos de maneira muito detalhada. Mas, o que mais chama a atenção, em um primeiro momento, é que o blogueiro começa seu texto diferenciando *chick lit*, como “literatura para mulherzinha”, de *tough lit*, expressão criada por ele mesmo a partir do termo *tough guy* (“machão” ou “valentão”) para definir a literatura feita especialmente para “machos”:

Hoje em dia existe um termo que anda bastante utilizado por aí: o *chick lit*.

A expressão se refere a uma literatura voltada especificamente para o público feminino (em tradução livre seria algo como: “literatura para mulherzinha”).

É de onde surgem histórias sobre mulheres querendo perder peso para arrumar namorado; procurando formas de controlar os cartões de créditos; fazendo fofocas em escolas de ricos ou agarrando qualquer anjo ou morto-vivo que brilhe por aí.

Que seja; se elas gostam disso, nós temos de respeitar a forma de construção de raciocínio do sexo oposto.

A grande questão, porém, que fica é: ok, e se o mercado editorial anda invadido pelas obras para a mulherada, o que sobra nas prateleiras para representar a legítima literatura de macho?

Abaixe o volume do jogo no fundo aí e abra essa cerveja no dente, meu amigo.

Vamos falar de literatura para macho de verdade...

[...]

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.sedentario.org/colunas/cavernas-e-dragoes/bernard-cornwell-ou-como-se-faz-literatura-de-verdade-para-macho-32122> Acesso em: 12 fev. 2018.

Em inglês existe uma expressão para o cara machão, aquele de estilo valentão, herói brigão dos anos 80: ele é o chamado *tough guy*.

Partindo desse princípio, e na falta de uma expressão que represente todo o oposto da *chick lit*, eu passei a utilizar a expressão: *tough lit* para essa literatura anabolizada, que pode entediar a princípio o público feminino, mas levar o masculino ao êxtase primitivo de uma arquibancada de MMA.

[...]

E bem, não é algo assim tão simples quanto parece a princípio, mas felizmente existem por aí alguns escritores que conseguem traduzir esse estilo testosterona de escrever de maneira primorosa.

Cornwell é um dos melhores deles (SEMENTARIO HIPERATIVO, 2010).

O blogueiro define literatura pela oposição feminino *versus* masculino. A psicóloga norte-americana Ruth Hartley traz contribuições importantes, ao afirmar que a identidade masculina se constrói pela diferenciação do feminino. Assim, “muitos meninos definem a masculinidade simplesmente dizendo: ‘o que não é feminino’” (HARTLEY, 1959, p. 458 *apud* BADINTER, 1992, p. 34). Ainda, como explica Elizabeth Badinter, o masculino é associado “ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força”, enquanto ao feminino relaciona-se o “fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa” (1992, p. 99). Em consequência a essa ideia de oposição dos gêneros, nos dias atuais, a identidade masculina se caracterizaria também por subjugar seu “poder” sobre o feminino: “*ter* uma mulher para não *ser* uma mulher” (BADINTER, 1992, p. 99).

Em seu texto, Sementario Hiperativo alerta aos seus leitores que, para se adentrar a essa “literatura masculina” de Cornwell, é preciso atentar-se a quais obras escolher para iniciar a leitura. Ou nas palavras do blogueiro: “nem todas as suas séries possuem o mesmo nível. É bom ter isso em mente para não começar pelas leituras menos ideais”. Assim, ele sugere imperativamente “É o seguinte: quer ler Cornwell? Comece por *As Crônicas de Artur. Ponto*”, definindo que esta seria a “obra-prima do autor”, ou melhor, “um dos melhores exemplares de *tough lit* que temos por aqui” (SEMENTARIO HIPERATIVO, 2010).

Por outro lado, um outro leitor, situado no meio acadêmico, o pesquisador Carlos Sanz Mingo, traça considerações diferentes acerca dessa mesma obra (título original em inglês: *The Warlord Chronicles*). Mingo acredita que esta obra de Cornwell se enquadra no movimento do Pós-modernismo. Uma das características que ele identifica na obra em relação a esse movimento refere-se ao fortalecimento do Feminismo na literatura, mesmo que “it could seem a paradox to talk about feminism in such a tale of masculinity, with warriors, battles and blood [...]” (MINGO, 2017, p. 27)<sup>14</sup>. Mingo defende que em *The Warlord Chronicles* há quatro personagens femininas que são determinantes para o progresso da narrativa, agindo ativamente, e não passivamente, como a maioria das mulheres representadas pelo “romance histórico tradicional”. O autor ainda complementa:

Several scholars, such as Bennett and Royle (2004), Gilbert and Gubar (1979) or Irigaray (1985) have pointed out the main characteristics of feminine characters in literary works. The conclusion of these authors is that these characters are mainly passive, non-practical, subordinate, emotional, mother, weak, irrational and absent, as opposed to the male ones, which are active, practical, superior, unemotional, father, strong, rational and present. The feminist theories in Postmodernism, since we cannot talk about just one, have turned these ideas upside down and we want to show how Cornwell has also followed these new theories when elaborating his female characters (MINGO, 2017, p. 29).<sup>15</sup>

Da mesma forma, identificamos em *Saxon Stories* personagens femininas marcantes, uma diferente da outra, mas que, de algum modo, subvertem as “características tradicionais” das mulheres na literatura.

Em *The Last Kingdom*, quem se destaca é a personagem Brida, uma anglo-saxã que foi capturada pelos dinamarqueses e que, assim como Uhtred, passa a gostar deles e considerar-se pertencente ao grupo. Ela torna-se a primeira amante do protagonista, e mostra-se sempre uma mente inteligente e

<sup>14</sup> “Parece um paradoxo falar sobre feminismo em uma história de maculidade, com guerreiros, batalhas e sangue [...]” (MINGO, 2017, p. 27) (tradução nossa)

<sup>15</sup> Muitos estudiosos, como Bennett e Royle (2004), Gilber e Gubar (1979) ou Irigaray (1985) tem pontuado as principais características de personagens femininas em obras literárias. A conclusão desses autores é que essas personagens são, em sua grande maioria, passivas, “sem utilidade”, subordinadas, emotivas, mães, fracas, irracionais e abstratas, em oposição aos personagens masculinos, os quais são ativos, práticos, superiores, frios, pais, fortes, racionais e sempre presentes. As teorias feministas do Pós-modernismo, já que não podemos falar de apenas uma, têm transformado essas ideias e queremos mostrar como Cornwell tem seguido essas novas teorias ao elaborar suas personagens femininas (MINGO, 2017, p. 29) (tradução nossa).

influenciadora, não tendo medo de nada. Como Uhtred afirma, Brida “considered herself as good as any boy, [...]” (CORNWELL, 2005, p. 112)<sup>16</sup>. Com essa afirmação, verificamos que ao passo que esta personagem feminina ganha bastante destaque na narrativa, ela é comparada, de certo modo, à figura masculina. Uhtred também relata: “She [Brida] came everywhere with us, spoke good Danish by now and was regarded as bringing luck by the men, who adored her” (CORNWELL, 2005, p. 127)<sup>17</sup>. Já aqui notamos como Brida se destaca por ser admirada e adorada pelos homens escandinavos. Mas o que mais caracterizaria a personagem são sua inteligência e audácia, como se verifica no momento em que Uhtred relata que seu amigo anglo-saxão, o ferreiro Ealdwulf, é um grande contador de charadas, e cita uma de suas charadas mais complicadas, a qual o protagonista não consegue resolver até contar à amiga:

I could not guess that one, nor could any of the Danes, and Ealdwulf refused to give me the answer even when I begged him and it was only when I told the riddle to Brida that I learned the solution. ‘A cuckoo, of course’, she said instantly. She was right, of course (CORNWELL, 2005, p.136)<sup>18</sup>.

Na história desse primeiro volume, Brida é a companheira feminina de Uhtred. Como mencionado, não é uma personagem passiva, pois possui grande influência nas ações do protagonista, que age quase a maior parte do tempo impulsivamente. Além disso, outro aspecto importante acerca da personagem é que ela se envolve com feitiçaria, como podemos observar no seguinte trecho:

And there is magic in Serpent-Breath. Ealdwulf had his own spells that he would not tell me, the spells of the smith, and Brida took the blade into the woods for a whole night and never told me what she did with it, and those were the spells of a woman, and when we made the sacrifice of the pit slaughter, and killed a man, a horse, a ram, a bull and a drake, I asked Ragnar to use Serpent-Breath on the doomed man so that Odin would know she existed

---

<sup>16</sup> “[...] se considerava tão boa quanto qualquer garoto, [...]” (CORNWELL, 2006b, p. 129).

<sup>17</sup> “Brida ia a toda parte conosco, agora falava bem o dinamarquês. E os homens, que a adoravam, consideravam que ela trazia sorte.” (CORNWELL, 2006b, p. 146).

<sup>18</sup> Essa eu não consegui adivinhar, e nenhum dinamarquês também conseguiu, mas Ealdwulf se recusou a dizer a resposta, mesmo quando implorei, e só quando contei a charada a Brida fiquei sabendo da resposta. \_ É um cuco, claro – disse ela instantaneamente. E estava certa, claro. (CORNWELL, 2006b, p. 156).

and would look well on her. Those are the spells of a pagan and a warrior (CORNWELL, 2005, p. 142)<sup>19</sup>.

Aqui também constatamos uma certa oposição mulher *versus* homem, no que se refere à feitiçaria. Cada qual com seus feitiços. Ocasionalmente, destacamos outra personagem feminina, presente no segundo volume, *The Pale Horseman*, a qual também é relacionada à feitiçaria: Iseult. Diferente de Brida, que era uma anglo-saxã naturalizada dinamarquesa, Iseult era da tribo dos bretões, descendentes dos antigos celtas, e Uhtred a encontrou em sua primeira viagem à Cornualha. Naquele momento, os bretões habitantes da Cornualha já eram majoritariamente cristianizados; no entanto, algumas crenças antigas permaneciam em suas memórias. Percebe-se isso quando Uhtred relata que “[...] despite her youth, she managed to scare Peredur’s courtiers, who backed away from her. The king looked nervous, while Asser, standing beside me, made the sign of the cross, [...]” (CORNWELL, 2006a, p. 52)<sup>20</sup>. Ela era rainha, mas todos a temiam, pois acusavam que ela era uma “rainha das sombras”. O monge galês, Asser, explica o porquê dessa crença a Uhtred:

He did not like talking about it, but he had raised the subject of Iseult’s evil and so he reluctantly explained. “She was born in the springtime,” he said, “eighteen years ago, and at her birth there was an eclipse of the sun, and the folk here are credulous fools and they believe a dark child born at sun’s death has power. They made her into a” – he paused, not knowing the Danish word – “a *grawch*,” he said, a word that meant nothing to me. “*Dewines*,” he said irritably and, when I still showed incomprehension, he at last found a word. “A sorceress.” [...]

“And Peredur married her. Made her his shadow queen. That is what kings did with such girls. They take them into their households so they may use their power.”

“What power?”

“The skills the devil gives to shadows queens, of course,” he said irritably. “Peredur believes she can see the future. But it is a skill

---

<sup>19</sup> E existe magia em Bafo de Serpente. Ealdwulf tinha seus próprios feitiços que não quis me contar, os feitiços do ferreiro. E Brida levou a espada para a floresta durante uma noite inteira, e jamais me contou o que fez com ela, e esses eram os feitiços de uma mulher. E quando fizemos o sacrifício no buraco da matança e matamos um homem, um cavalo, um carneiro, um touro e um pato, pedi a Ragnar para usar Bafo de Serpente no homem condenado, para que Odin soubesse que ela existia e cuidasse bem dela. Esses são os feitiços de um pagão e de um guerreiro (CORNWELL, 2006b, p. 162).

<sup>20</sup> “[...] apesar de sua juventude, a mulher conseguia amedrontar os cortesões de Peredur, que recuaram para longe. O rei pareceu nervoso, enquanto Asser, parado junto de mim, fez o sinal da cruz [...]” (CORNWELL, 2006a, p. 71)



she will retain only so long as she is a virgin” (CORNWELL, 2006a, p. 55)<sup>21</sup>.

Notamos que seu próprio marido, Peredur (Iseult era uma das esposas dele), a temia. Entretanto, a mantinha como escrava, por acreditar e desejar tirar proveito de seus supostos poderes. Se pensarmos na questão da masculinidade, percebemos como esse trecho reafirma o medo do “feminino”, mesmo que, neste caso, a religião esteja envolvida. Durante a narrativa em *Saxon Stories*, é perceptível que a mulher, quando possuidora de características que a diferem do estereótipo feminino, causa medo ao sexo masculino. Como menciona Badinter (1992), esse medo deve-se à crença de que há “a contaminação dos machos pelas fêmeas”, difundida em diferentes tipos de sociedade.

Além disso, o protagonista Uhtred não vê em Iseult apenas uma mulher com poderes mágicos, quando a compara com sua antiga amante, Brida, que, segundo ele, “was as full of fury as a scabbard is filled with blade, and I sensed the same in this queen who was so young and strange and dark and lovely” (CORNWELL, 2006a, p. 53)<sup>22</sup>. A partir do momento em que vê Iseult, Uhtred torna-se obcecado por ela. Depois de matar Peredur em um ataque, Uhtred leva Iseult consigo para sua morada no Wessex, onde vivia sua esposa saxã, Mildrith.

Mildrith é uma mulher comum, religiosa, e que só deseja ter paz. Como o próprio Uhtred a descreve, com certo desprezo, soando como uma justificativa de o porquê ele preferir Iseult e trair sua então esposa, pois, enquanto a primeira “had a soul as wild as a falcon”<sup>23</sup>, a segunda, a pobre Mildrith, como se refere, apenas “wanted order and routine. She wanted the hall swept, the clothes clean, the cows milked, the sun to rise, the sun to set, and for nothing to change [...]”

---

<sup>21</sup> Ele não gostava de falar daquilo, mas havia puxado o assunto da malignidade de Iseult, por isso explicou relutante: — Ela nasceu na primavera, há 18 anos, e no seu nascimento houve um eclipse do sol, e as pessoas daqui são idiotas crédulas que acreditam que uma criança morena nascida na morte do sol tem poder. Fizeram dela uma... — ele parou, sem saber a palavra dinamarquesa — um *gwrach* — uma palavra que não significava nada para mim. — *Dewines* — disse irritado e, quando continuei demonstrando incompreensão, finalmente encontrou uma palavra. — Uma feiticeira. [...] — E Peredur se casou com ela. Fez dela sua rainha das sombras. É o que os reis fazem com essas garotas. Levam-nas para casa para poder usar seu poder. — Que poder? — As habilidades que o diabo dá às rainhas das sombras, claro — respondeu irritado. — Peredur acredita que ela pode ver o futuro. Mas é uma habilidade que só manterá enquanto for virgem. (CORNWELL, 2016a, p. 74)

<sup>22</sup> “era tão cheia de fúria quanto uma bacia se enche com a espada, e senti o mesmo nessa rainha que era tão jovem, estranha morena e linda.” (CORNWELL, 2016b, p. 72)

<sup>23</sup> “possuía uma alma selvagem como um falcão, [...]” (CORNWELL, 2016b, p. 100)

(CORNWELL, 2006a, p. 77)<sup>24</sup>. Uhtred passa a não suportá-la mais. Verificamos que o protagonista valoriza sempre mulheres incutidas de “fúria”, uma característica que as aproxima dos valores dos homens guerreiros.

Uhtred descreve que Iseult e Hild, uma freira que também possui um papel feminino importante, tentaram resistir bravamente contra os homens, defendendo-se com armas como espadas e lanças. Hild sobrevive, contudo, Iseult é assassinada com um machado na cabeça. No momento em que recebe a notícia, Uhtred confessa: “I was weeping, but I did not know whether it was sorrow or anger that consumed me” (CORNWELL, 2006a, P. 335)<sup>25</sup>. Esse momento torna contraditória a seguinte afirmação do blogueiro Sedentário Hiperativo: “a primeira lição de uma tough lit de verdade é que leitor de autores como Cornwell não chora!” (2010). O blogueiro dá a entender que os leitores “machos” de Cornwell não possuem sentimentos, e, conseqüentemente, os personagens de sua obra também não. Uhtred é um exemplo que contradiz essa afirmação, pois apesar de relutar muito para manter suas características viris, ele mostra que é também um homem gentil, que possui sentimentos.

No terceiro volume, *The Lords of the North*, Uhtred conhece o amor da sua vida, a dinamarquesa Gisela. O protagonista deixa muito claro isso, no decorrer da história. De início, seu irmão, o rei Guthred, conta a Uhtred que pretende conceder a mão de sua irmã a Ivar Ivarsson. Nesse momento, o protagonista confessa: “My heart sank, but I tried to show nothing” (CORNWELL, 2007, p. 134)<sup>26</sup>. Ele assume que possui sentimentos, mas, na maior parte do tempo, os omite, para manter a sua postura masculina. Outro momento interessante, presente nesse mesmo volume, é uma conversa entre o protagonista e a sua então amante, Hild, que havia sido freira antes do massacre pelos dinamarqueses no convento em que vivia:

[...] She reached out and touched my arm. ‘I think, sometimes, I am the only friend you have here. So let me stay till I know you’re safe.’

I smiled at her and touched Serpent-Breath’s hilt. ‘I’m safe,’ I said.

<sup>24</sup> “[...] queria ordem e rotina. Queria o castelo varrido, as roupas limpas, as vacas ordenhadas, que o sol nascesse, que o sol se pusesse e que nada mudasse, [...]” (CORNWELL, 2016a, p. 100)

<sup>25</sup> “Eu estava chorando, mas não sabia se era tristeza ou raiva que me consumia” (CORNWELL, 2016a, p. 376).

<sup>26</sup> “Meu coração se encolheu, mas tentei não demonstrar” (CORNWELL, 2016b, p. 134)

‘Your arrogance,’ she said, ‘blinds folk to your kindness.’ [...] (CORNWELL, 2007, p. 134)<sup>27</sup>.

Sabendo que a construção da identidade masculina se faz primeiramente pela diferenciação ao que é feminino, é possível entender que o sentimentalismo e a gentileza estariam atrelados ao feminino e, por isso, os homens não deveriam ser passíveis aos sentimentos. Observamos como Uhtred esforça-se para não demonstrar seus sentimentos e, assim, prevalecer enquanto um exemplo de virilidade. Uma de suas ações de defesa para não deixar evidências de seu sentimentalismo é tocar sua espada, “Bafo de serpente”. Essa arma era, para o homem guerreiro germânico, o item mais valioso que possuía, tendo em vista que “seu porte ia além de suas vantagens técnicas e militares: era símbolo de prestígio e poder” (LANGER, 2017, p. 230). Entre todos os simbolismos que esse objeto transmitia ao homem estavam “a lealdade ao seu senhor, o excitamento da batalha, a realização da masculinidade” (LANGER, 2017, p. 233).

Nesse interím, introduzimos que não há um modelo masculino universal, pois “a masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina [...]”, só substituindo “[...] o poder do homem sobre a mulher” (BADINTER, 1992, p. 27). A construção da identidade masculina sempre se deparou com inúmeras dificuldades. Mas essas dificuldades se acentuam cada vez mais na atualidade, pois como Badinter aponta:

Sem as suas defesas milenares, o homem expõe seus ferimentos, com frequência em carne viva. Basta ler a literatura masculina européia e norte-americana dos últimos quinze anos para captar toda a paleta de sentimentos que o tomam de assalto: cólera, angústia, medo das mulheres, impotência, perda de suas referências, ódio de si e do outro etc. Um traço comum a todos esses textos: o homem que chora (BADINTER, 1992, p. 36).

Em *Saxon Stories*, verificamos alguns desses traços, como o medo das mulheres e o homem que chora. Mesmo relutante, Uhtred demonstra seus sentimentos em vários momentos, inclusive chora. Johnni Langer, em sua

---

<sup>27</sup> [...] Ela estendeu a mão e tocou meu braço. — Algumas vezes acho que sou a única amiga que você tem aqui. Então deixe-me ficar até saber que você está seguro. / Sorri para ela e toquei o punho de Bafo de Serpente — Estou em segurança — respondi. — Sua arrogância torna as pessoas cegas à sua gentileza. — Ela disse isso reprovando, depois olhou para a estrada adiante. (CORNWELL, 2016b, p. 132)

resenha referente ao primeiro volume da série, *The Last Kingdom*, afirma que, apesar de Bernard Cornwell trazer em sua narrativa muitos aspectos históricos importantes para o período e desconstruir muitos estereótipos dos *Vikings*, há algumas descrições “que são erros históricos”. Um deles se refere ao próprio ato de chorar:

Os personagens Ragnar e Uhtred choram em várias ocasiões (p. 306). Consideramos isso um anacronismo literário, visto que várias fontes árabes, latinas e escandinavas atestavam que o choro era vergonhoso para um guerreiro nórdico na Idade Média, sendo esta uma função social da mulher (Brøndsted, s.d.: 209). O próprio escritor descreveu bem a conduta feminina de pranto e choro em uma procissão pública (p. 207-208) (LANGER, 2007, p. 204)

Anacronismo ou não, *Saxon Stories* faz parte de uma literatura contemporânea, e entendemos que muitos aspectos podem fugir do período narrado para conscientizar ou situar os leitores não somente acerca de um passado distante, mas também de seu próprio tempo presente. Dessa forma, ao mesmo tempo em que Uhtred pode ser uma representação do estereótipo masculino, ele se depara com inúmeras dificuldades para construir e manter a sua identidade viril.

As personagens possuem grande influência nas ações do protagonista Uhtred, como também da própria História que é representada na narrativa. São personagens muito ativas na história, e não meramente passivas. Além disso, vale destacar que, apesar do protagonista Uhtred tentar representar o “macho guerreiro e valente” do medievo, ele é um personagem um tanto quanto “irracional”, na maioria das vezes age por impulso e pelos seus “instintos de guerra e violência”. A sua razão é guiada justamente pelas personagens femininas com as quais convive. Aqui nota-se uma “falha” na totalidade da “virilidade” representada pelo personagem.

Badinter (1992) aponta para várias crises da virilidade durante a história da humanidade. Segundo a autora, essas crises sempre se sucederam devido a revoluções femininas, fossem elas de pequeno ou grande alcance e impacto. Ocorrendo isso, o “medo do feminino”, ou melhor, o medo de perder o poder para o feminino, sempre atormentou o lado masculino. Em consequência, a cada crise,

na tentativa de recuperar a sua “superioridade” sobre as mulheres, surgem novas formas nas artes, nos esportes e nos hábitos sociais, para reafirmar a virilidade dos homens. Por exemplo, a crise da virilidade norte-americana entre os séculos XIX e XX encontra os seguintes meios para se recompor:

Exalta-se a separação dos sexos e das ocupações. Futebol e beisebol tornam-se muito populares, provavelmente porque, como observava um jornalista em 1909, “o campo de futebol (esporte particularmente violento) é o único lugar onde a supremacia masculina é incontestável”. Com o mesmo objetivo, adota-se a instituição do ecotismo, que tem como objetivos “salvar os meninos da podridão da civilização urbana” e formar crianças máculas, homens viris. O herói dos americanos é Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1908, porque ele encara os valores viris tradicionais. [...] Como sublimações fantasmáticas, surgem novos heróis na literatura. Faz-se reviver o Oeste selvagem e inventa-se a figura emblemática do caubói, homem viril por excelência: “Violento, mas honrado, combatente infatigável munido de seu revolver fático, defendendo as mulheres sem jamais ser dominado por elas”. [...] A despeito de tudo isso, muitos homens não conseguem serenar sua angústia. Foi a entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1917, que serviu de exutório e de “teste de virilidade” para muitos deles. Convencidos de que se batiam por uma boa causa, os homens podiam ao mesmo tempo dar vazão à sua violência represada e provar a si próprios, finalmente, que eram verdadeiros machos (BADINTER, 1992, p. 21-22).

Atualmente, é perceptível um grande interesse das massas pelo mundo medieval. Além da grande vendagem de livros relacionados ao tema, um exemplo específico que pode ser citado é o grande sucesso da série televisiva *Vikings*, que estreou em 2013, no Canadá. O nosso próprio objeto de estudo, *Saxon Stories*, também ganhou uma versão para a televisão, a série *The Last Kingdom*, estreada pela BBC, em 2015. Além disso, outros exemplos que podem ser citados são a trilogia *The Lord of the Rings*, de J. R. R. Tolkien, que foi adaptada para o cinema, o super-herói *Thor*, da *Marvel*, e a mais recente série da HBO, *Game of Thrones*, baseada na obra de George R. R. Martin, que criam mundos fantásticos que mesclam a memória do medievo.

Vale questionar acerca da ascendência dessa memória do medievo em tempos contemporâneos: em tempos em que os “feminismos” estão a ganhar cada vez mais força, estaríamos nos deparando com mais uma grande crise da virilidade? Talvez esse interesse do mercado em fortalecer a memória medieval

em meios midiáticos e artísticos seja um exemplo de tentativa “de retomada ao poder” do masculino, pois a figura do homem medieval, excepcionalmente os *vikings*, está carregada de características que reafirmam “a natureza do macho”: violência, brutalidade, indelicadeza e, sobretudo, coragem.

Ademais, importa acentuar que masculinidade “representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam por meio das práticas discursivas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT; 2013, p. 257). Nesse sentido, entende-se que não se deve falar da “masculinidade”, mas sim de “masculinidades”. Em outras palavras, um homem pode manifestar um tipo de “masculinidade” conforme o contexto social em que se insere, pois, como explica Badinter, “a masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem” (1992, p. 28).

Uma das características do homem medieval relatado na narrativa reforça que o homem deve suportar a dor. Muitos personagens guerreiros possuem cicatrizes em seus corpos e rostos, nas descrições do protagonista. Um exemplo é quando, em *The Last Kingdom*, Uhtred observa Ragnar, que “stripped to his waist, his scarred chest broad in the flamelight [...]” (CORNWELL, 2005, p. 60)<sup>28</sup>. Uhtred adota Ragnar como “pai”, o dinamarquês guerreiro que influencia a formação masculina do protagonista, e, nesse trecho, verificamos que essa figura é repleta de cicatrizes que representam a sua ferocidade, ou especificamente, o quanto já suportou a dor, mostrando que ele é não apenas um grande guerreiro, mas um grande exemplo de “homem”.

Observemos o trecho retirado do primeiro volume *The Last Kingdom*, quando Uhtred vê os escandinavos pela primeira vez e define um deles, Ragnar, da seguinte forma: “The man bestride the saddle had long, long hair the colour of pale gold, hair that tossed like the horses’ tails as he rode” (CORNWELL, 2005, p. 10)<sup>29</sup>. Outro trecho que nos chama atenção foi retirado do segundo volume, *The Pale Horseman*, no momento em que Uhtred vê o escandinavo Svein do Cavalo Branco pela primeira vez: “The Danish leader slowly pulled off his helmet and his

---

<sup>28</sup> “Despido até a cintura, com o peito cheio de cicatrizes parecendo ainda maior à luz das chamas [...]” (CORNWELL, 2006b, p. 74).

<sup>29</sup> “O homem na sela tinha cabelo muito comprido, cor de ouro pálido, que balançava como as caudas dos cavalos” (CORNWELL, 2006b, p. 23).

face was almost as frightening as the boar-snouted mask” (CORNWELL, 2006a, p. 61)<sup>30</sup>.

Esses exemplos mostram a comparação do homem guerreiro escandinavo com animais. No entanto, não qualquer animal. No primeiro trecho, o protagonista Uhtred compara o dinamarquês, de certo modo, com um cavalo, ao fazer referências ao seu cabelo. O cavalo é um animal emblemático na História, especialmente na História militar, já que está sempre presente em contextos de guerra e batalhas, de modo que demonstra força, agilidade, bravura. Dumézil (2013) explica que a valorização do cavalo passa a se difundir na época carolíngia, a qual é caracterizada pela ascendência dos povos bárbaros germânicos, e essa difusão da importância do animal “simultaneamente se adornou de conotações masculinas. O soldado de infantaria perde efetivamente toda a possibilidade de triunfar no campo de batalha; somente o cavaleiro pode pretender encarnar a plenitude dos valores viris.” (DUMÉZIL, 2013, p. 146). O segundo excerto compara a essência amedrontadora do escandinavo com a máscara de “javali” que ele mesmo utilizava. Esse animal caracterizaria-se pela sua ferocidade e selvageria, e, portanto, pode ser associado aos atributos do homem guerreiro escandinavo. Refletindo acerca da virilidade dos povos bárbaros, Dumézil traz primeiramente o ponto de vista romano, no qual descreve que “o valor dos germanos constitui mais um produto da natureza que da cultura, e o bárbaro permanece próximo a animalidade” (2013, p. 129)<sup>31</sup>. Isso talvez explique as associações dos escandinavos a certos animais presentes na narrativa de Cornwell.

Essa característica de animalidade dotada aos escandinavos pode ser definida pela valorização das práticas guerreiras por esses povos. Como Dumézil explica, as análises arqueológicas verificam que “o conteúdo das sepulturas confirma, em primeiro lugar, a importância que os homens acordam à atividade

---

<sup>30</sup> “O líder dinamarquês tirou lentamente o elmo. Seu rosto era quase tão amedrontador quanto a máscara de javali” (CORNWELL, 2016a, p. 81).

<sup>31</sup> Tal afirmação não se refere excepcionalmente aos povos escandinavos, mas sim aos povos bárbaros germânicos dos séculos V e VI. Contudo, acentuamos que os povos escandinavos, especialmente os *vikings*, que aparecem quase dois séculos mais tarde, também eram ambos considerados como bárbaros, “não civilizados”, pela Europa ocidental já cristianizada, além de possuírem descendência germânica. Ou seja, os escandinavos ainda mantinham a cultura antiga, uma vez praticada pelos antigos povos bárbaros germânicos. Por isso, acreditamos que o estudo de Dumézil acerca da masculinidade dos povos bárbaros seja de grande valia para nossa pesquisa.

guerreira” (2013, p. 134). Assim, para os escandinavos, como para qualquer outro povo germânico, “ser um macho é ser capaz de empunhar armas, até na morte” (DUMÉZIL, 2013, p. 134). Os povos bárbaros, especialmente os *vikings*, sempre foram caracterizados por sua “selvageria” pelos olhos dos povos cristianizados. Para consolidar essa afirmação, citamos outro exemplo, Leo Diaconus, um bizantino que descreve a atuação em batalha dos Rus, uma tribo de *vikings* que “havia descido da Suécia pelo rio Dnieper e se instalado no leste europeu” (*apud* MIRANDA, 2016, p. 98). Diaconus menciona que os Rus “berravam sons animalescos, uma maneira estranha e chocante que assustavam e desestabilizavam seus inimigos” (*apud* MIRANDA, 2016, p. 99).

Talvez o que mais caracteriza *Saxon Stories* seja a representação histórica do militarismo encenada nas descrições das batalhas vividas pelo protagonista e narrador Uhtred. Além disso, esse personagem frequentemente assinala os valores de um guerreiro escandinavo, que são, inclusive, valores consolidados por sua própria religiosidade, em contraste com os valores dos anglo-saxões, que comprometem os valores cristãos.

Uma bela morte coroa uma bela existência. Por que o bárbaro permanece por mais tempo viril do que os outros? Sem dúvida porque a sociedade na qual ele vive categoriza os indivíduos exclusivamente em função das habilidades guerreiras. Quando não pode mais combater, o germânico vê-se assim coagido a juntar-se às mulheres nos trabalhos do campo, de acordo com o testemunho de Tácito. Naquele dia, ele praticamente cessa de ser homem. Muitos preferem envelhecer na tropa a sofrer tamanho opróbrio (DUMÉZIL, 2013, p. 129).

Como já comentado, a religiosidade escandinava define-se pelos valores da guerra. Se um homem morre em batalha, sua alma automaticamente ganha um lugar no Valhala. “Paraíso de guerreiros” seria a imagem tradicional que define o *Valhöll* (salão dos mortos), também difundida dessa forma em *Saxon Stories*. Entretanto, Johnni Langer (2015) traz outras perspectivas acerca do termo. Uma delas é do próprio Dumézil, que interpreta o Valhala como “uma transposição de um modelo social vigente no mundo germânico antigo para os mitos: o ideal de vida dos bandos conquistadores” (*apud* LANGER, 2015, p. 534), ou seja, seria uma representação dos preceitos acerca da masculinidade desses



povos e não o contrário. Voltando à narrativa de Cornwell, podemos refletir acerca de um personagem que aparece no terceiro volume, *The Lords of the North*, Bolti.

He was a Dane called Bolti and he had survived the massacre because he was married to a Saxon and his wife's family had sheltered him. [...]

He was a plump man, bald, with a pocked face, a broken nose and frightened eyes. [...]

I noticed that Bolti, despite being a Dane, wore a cross about his neck and he saw me looking at it.

'In Eoferwic', he said, touching the cross, 'a man must live'. He pulled aside his coat and I saw Thor's hammer amulet had been hidden beneath it. 'They mostly killed pagans', he explained (CORNWELL, 2007, p. 23-24)<sup>32</sup>.

Nota-se que mesmo sendo um escandinavo, diferentemente dos outros que analisamos anteriormente, que tiveram sua virilidade “bárbara” reafirmada ao serem associados a características animais, Bolti tem suas características corporais rebaixadas, de certo modo: gorducho, careca, rosto bexiguento, nariz quebrado, olhos cheios de medo. Esse personagem pode ser um exemplo do homem que “cessa de ser homem” por não servir aos campos de guerra, mas optar por viver uma vida simples de mercador junto com quem deveria ser seu inimigo, os anglo-saxões. Verificamos também, por meio da representação desse personagem, como a religião está atrelada a essa concepção do “homem que deixa de ser homem”. Ao contrário dos outros personagens escandinavos em *Saxon Stories*, que são guerreiros e reafirmam a sua religiosidade, ironizando o Cristianismo, como o ancião Ravn, pai de Ragnar, que afirma que “Christianity is a soft religion, [...] a woman's creed. It doesn't enoble man, it makes them into worms. [...]” (CORNWELL, 2005, p. 85)<sup>33</sup>, Bolti omite sua verdadeira crença para poder sobreviver na terra de cristãos. Assim, ele não é o estereótipo masculino adequado ao “verdadeiro homem” escandinavo. Talvez isso explique o porquê

---

<sup>32</sup> Era um dinamarquês chamado Bolti, que havia sobrevivido ao massacre porque era casado com uma saxã e a família de sua mulher o havia abrigado. [...] Era um homem gorducho, careca, com rosto bexiguento, nariz quebrado e olhos cheios de medo. [...] Notei que Bolti, apesar de dinamarquês, usava uma cruz no pescoço, e ele me viu olhando-a. \_ Em Eoferwic é preciso viver – disse ele tocando a cruz. Ele puxou a capa de lado e vi que o amuleto do martelo de Tor fora escondido embaixo. – Eles mataram principalmente os pagãos – explicou. (CORNWELL, 2016b, p. 36-37).

<sup>33</sup> “O cristianismo é uma religião débil, credo de mulher [...] Não enobrece os homens, transforma-os em vermes” (CORNWELL, 2006b, p. 100).

desse personagem ter seus traços corporais descritos de uma forma um tanto quanto “desprezível”.

Ademais, a concepção de Ravn acerca do Cristianismo é um exemplo de como a masculinidade se define pela oposição ao feminino, de que fala Badinter (1992). O personagem, ao inferiorizar o Cristianismo, argumentando que é “credo de mulher”, inferioriza também a figura feminina. Não se pode negar que há outros exemplos que rebaixam a mulher em *Saxon Stories*. O próprio protagonista, ao falar de sua primeira esposa, Mildrith, a descreve de forma baixa: “though I had not wanted to marry her and though I came to detest her, was a lovely field to plow” (CORNWELL, 2006a, p. 2)<sup>34</sup>. Ao dizer que ela era “um belo campo para ser arado” (a tradução brasileira refere-se a “um belo animal a ser montado”), Uhtred se mostra como o verdadeiro herói “macho”.

De certa forma, a figura masculina é dominante na maior parte da narrativa em *Saxon Stories*. A justificativa talvez se deva ao fato de que o período da história narrada na série foi protagonizado em quase sua totalidade por homens. Assim sendo, há várias cenas de estupros e/ou escravidão das mulheres descritas com certa naturalidade pelo protagonista na narrativa. Se alguns leitores interpretam isso como uma forma de reafirmar a ideologia masculina, outros podem entender como uma denúncia a essa prática, tão banalizada no contexto medieval.

Assim como tem “masculinidades” divergentes na história, como mostramos com os exemplos das descrições dos escandinavos Ragnar, Sven e Bolti, também identificamos que há diferentes mulheres: muitas são submissas e humilhadas, mas, por outro lado, há aquelas que se destacam. E mesmo entre as personagens secundárias, há mulheres que se mostram mais ativas do que os homens em certos momentos. As próprias filhas de Bolti, por exemplo, no momento em que Uhtred ordena a ele que mate o traficante de escravos: “Bolti did not move. He has too scared to obey me, but, to my surprise, his two daughters came and fetched Sven’s swords” (CORNWELL, 2007, p. 39).<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> “ainda que eu não tivesse desejado me casar com ela e pensasse detestá-la, era um belo animal para ser montado” (CORNWELL, 2006a, p. 20).

<sup>35</sup> “Bolti não se mexeu. Estava apavorado demais para me obedecer, mas, para minha surpresa, suas duas filhas vieram e pegaram as espadas de Sven” (CORNWELL, 2006b, p. 50).

Porventura, ao levar em consideração apenas o contexto sanguinário do militarismo, encenados quase que majoritariamente por homens, a primeira concepção que alguns leitores fazem da literatura de Cornwell, sendo que suas obras espelham-se nesse cenário, pode ser de narrativas feitas especialmente para “machos”. Em contrapartida, conforme o professor Carlos Sanz Mingo, que qualifica a valorização da figura feminina na obra do autor, ao analisar a trilogia *The Warlord Chronicles*, identificamos em *Saxon Stories*, a partir da diegese dos três primeiros livros, personagens mulheres capazes de transformar esses (pre)conceitos.

Outrossim, defendemos que a obra do autor vai muito além de um propósito que descreveria um “universo masculino”, visando apenas a um tipo de público leitor. Inevitavelmente, a potência da figura masculina dentro de sua obra deve-se, particularmente, ao contexto histórico e social de cada narrativa, que envolve o militarismo.

## Capítulo 2 História em Contexto

*Ac her forþ berad; fugelas singd, gylled græghama.  
For here starts war, carrion bird sing, and gray wolves howl.  
Pois aqui se inicia a guerra, aves carniceiras cantam e lobos cinzentos uivam.*

*The Fight at Finnsburh*

*(Bernard Cornwell – The Pale Horseman)*

### 2.1 Os anglo-saxões

Ao se pensar na história da Inglaterra, o primeiro fato que podemos afirmar é que seu território foi palco de inúmeras invasões e disputas. A ilha de que faz parte, a Grã-Bretanha, chamada um dia de *Britannia*, foi parte do Império Romano por aproximadamente quatro séculos. Antecedente às primeiras invasões romanas, as terras britânicas foram habitadas por diferentes tribos celtas, distribuídas por todo o território. Borges apresenta excepcionalmente uma “aula”, em seu livro *Curso de Literatura Inglesa* (2006), no qual esmiuça pertinentemente o contexto histórico-cultural do território britânico, e resume como era o estabelecimento desses povos no território britânico no século V:

As ilhas britânicas eram a colônia mais distante de Roma, a mais setentrional, e tinham sido conquistadas até a Caledônia, atual território escocês, onde viviam os pictos, povo de origem celta separado do resto da Bretanha pela muralha de Adriano. Ao sul, habitavam os celtas convertidos ao cristianismo e os romanos. Nas cidades, a gente culta falava latim; as classes baixas falavam diversos dialetos gaélicos. Os celtas eram um povo que ocupava os territórios da Ibéria, Suíça, Tirol, Bélgica, França e Bretanha (BORGES, 2006, p. 2).

A chegada dos romanos transformou o modo de viver celta, com a imposição de uma nova língua, novas crenças e novos costumes. Consequentemente, diferentes povos mantiveram contato e diferentes culturas se mesclaram, ao passo que também se acentuaram as diferenças de cada grupo. Segundo Borges, a mitologia celta “foi apagada pela ação dos romanos e das

invasões bárbaras, salvo nos territórios de Gales e na Irlanda, onde se salvaram alguns restos dela” (2006, p. 2).

Mais tarde, diversos fenômenos provocaram o declínio do domínio romano na região e a retirada de tropas continentais do território, que vão desde o enfraquecimento do império devido às invasões, bem como estratégias defensivas de Roma contra, por exemplo, os visigodos. Esse fato facilitou a entrada de diferentes povos germânicos provenientes do norte da Europa continental. Peter Blair (1966) explica que muitos escritores romanos costumavam se referir genericamente a esses povos como “saxões”. Contudo, Beda, o Venerável, registra em seus escritos que esses invasores vinham dos três povos mais poderosos da *Germania*: os Saxões, os Anglos e os Jutos (BLAIR, 1966).

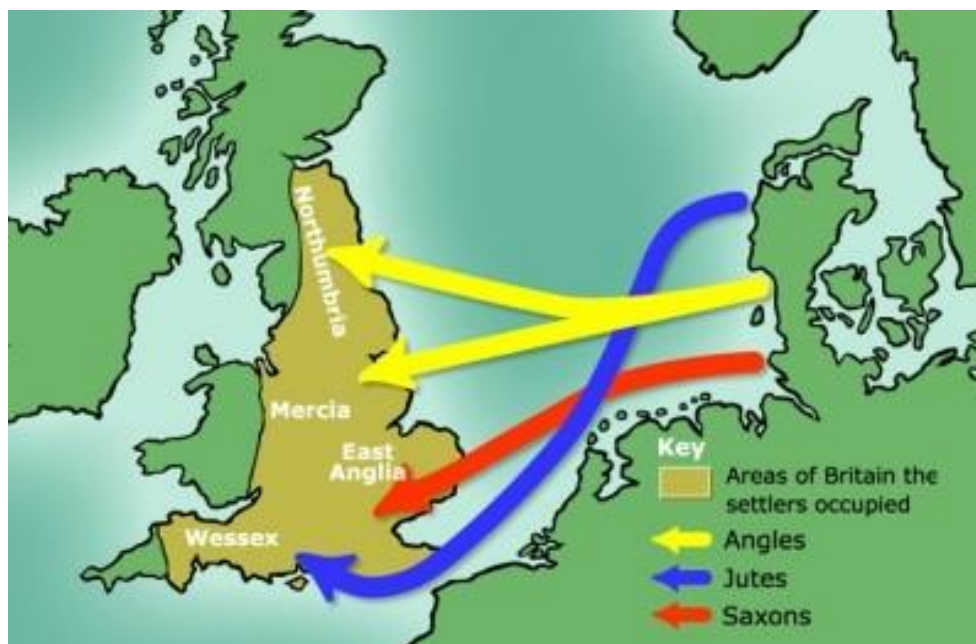
No ano de 449, Roma se desintegra e retira as legiões da Bretanha. Foi um acontecimento importantíssimo, porque o país ficou sem a defesa com que contava e exposto aos ataques dos pictos pelo norte e dos saxões pelo leste. Supõe-se que estes últimos eram uma confederação de povos piratas [...]. Eram “germanos do mar”, afins dos posteriores *vikings*. Habitaram no baixo Reno e nos Países Baixos. Os anglos viviam no Sul da Dinamarca e os jutos, como diz seu nome, Jutlândia (BORGES, 2006, p. 2).

Cada uma dessas tribos estabeleceu-se em um local diferente das terras inglesas: “[...] the Angles settled the north of England, the Saxons settled the south, and the Jutes settled in Kent, to the east. Each of the three tribes spoke *Old English*, but of a different dialect” (DROUT, 2006, p. 61)<sup>36</sup>. O termo “anglo-saxões” refere-se ao resultado da fusão desses diferentes povos germânicos, mais comumente nomeados os anglos, os saxões e os jutos, que partilhavam similaridades em suas línguas, costumes e crenças.

---

<sup>36</sup> “Os anglos estabeleceram-se no norte da Inglaterra, os saxões no sul, e os jutos em Kent, ao leste. Cada uma destas três tribos falava o Inglês Antigo, mas em dialetos diferentes” (DROUT, 2006, p. 61) (tradução nossa)<sup>36</sup>.

**Figura 1** Origem e estabelecimento dos povos germânicos "anglo-saxões"



Fonte: The History of English - Website<sup>37</sup>

Com a estabilização desses povos germânicos no território inglês, os antigos habitantes celtas que sobreviveram às invasões, denominados bretões<sup>38</sup>, refugiaram-se nas regiões de Gales, no oeste, e da Cornualha, no sul. Segundo a fonte documental *De excidio et conquestu britanniæ*, escrita pelo monge Gildas, aproximadamente no século VI, “a conquista da *Britannia* pelos anglo-saxões ocorrera, porque os bretões se afastaram de Deus e estavam sendo punidos por isso[...]” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 101).

Segundo Borges, apesar de que entre os povos germânicos não existisse uma “unidade política”, esses “reconheciam uma unidade de outro tipo, nacional. Assim, chamavam os estrangeiros de “wealh”, que vai dar em inglês “welsh”, que se aplica aos galeses” (BORGES, 2006, p. 4), ou seja, um novo nome dado para os antigos bretões, e conseqüentemente para uma das regiões britânicas para onde esses povos refugiaram-se: Gales. Em *The Pale Horseman*, o segundo volume de *Saxon Stories*, o protagonista e narrador apresenta exatamente essa explicação e completa fazendo referência a Dyfed, um dos reinos de Gales:

<sup>37</sup> Disponível em: [https://www.thehistoryofenglish.com/history\\_old.html](https://www.thehistoryofenglish.com/history_old.html) Acesso em: 16 dez. 2018

<sup>38</sup> Mesmo de origem celta, os antigos habitantes do território inglês no período que vai desde a Idade do Ferro, passando pelas primeiras invasões romanas, até a conquista dos anglo-saxões, são comumente chamados de “bretões”.

Land. We hoisted the sail fully and seethed past the two small, tubby boats, and so, for the first time, I came to the shore of Wales. The Britons had another name for it, but we simply called it Wales, which means “foreigners”, and much later I worked out that we must have made that landfall in Dyfed, which is the name of the churchman who converted the Britons of Wales to Christianity and had the westernmost kingdom of the Welsh named for him (CORNWELL, 2006a, p. 77)<sup>39</sup>.

No período anglo-saxão, antecedente ao estabelecimento dos escandinavos, o território britânico estava dividido em vários reinos e basicamente em três grandes grupos de povos: os anglo-saxões situavam-se na parte sul e central (onde hoje é o território da Inglaterra); aos grupos de povos escoceses e aos bretões foram destinadas as terras periféricas, ao norte e na costa oeste.

O mapa a seguir mostra alguns nomes de territórios dos preâmbulos do período anglo-saxão. A fonte de onde retiramos a imagem, a tradução de Michael Swanton, de *The Anglo-saxon Chronicle*, fala em “distritos” em tempos anglo-saxões e não em reinos. Bem ao norte está o território onde habitavam os “escotos”, uma das tribos celtas, e outros antigos povos escoceses e/ou bretões habitantes de *Lothian*, *Galloway*, *Dal Riada*<sup>40</sup> (hoje, território da Escócia) e *Strathclyde*<sup>41</sup> (hoje, território do norte da Inglaterra e sul da Escócia). Na costa oeste do mapa, ao sul, encontram-se os territórios e reinos bretões da *Cornwall*

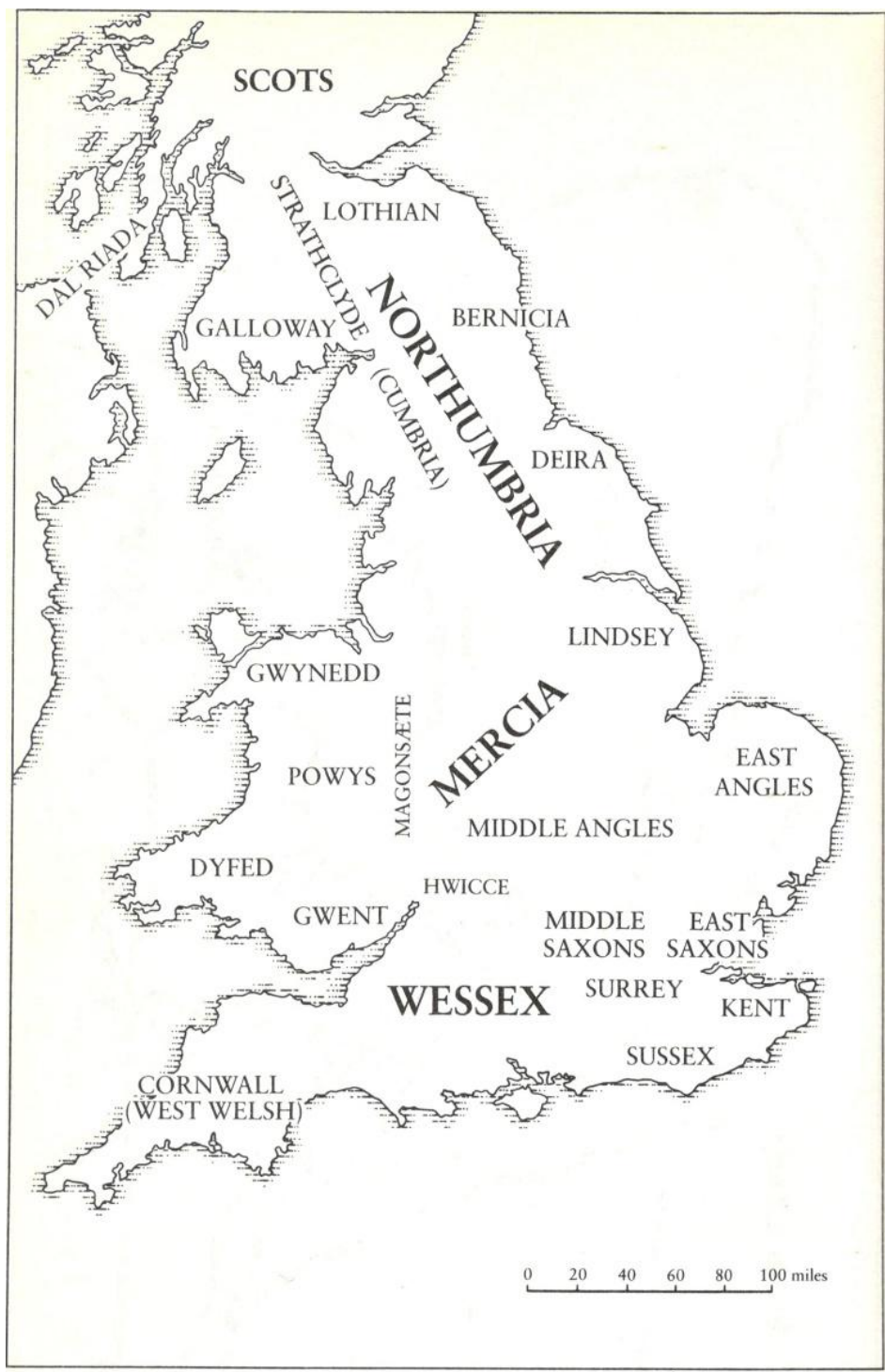
<sup>39</sup> Terra. Içamos a vela totalmente e ultrapassamos os dois barcos pequenos e bojudos. Assim, pela primeira vez, cheguei ao litoral de Gales. Os britânicos tinham outro nome para ele, mas nós simplesmente chamávamos o lugar de Gales, que significa “estrangeiros”, e muito mais tarde deduzi que devíamos ter chegado a Dyfed, que é o nome do homem de igreja que converteu os britânicos de Gales ao cristianismo e teve seu nome dado ao reino mais ocidental dos galeses. (CORNWELL, 2016a, p. 100)

<sup>40</sup> Referência em *The Last Kingdom*: “‘Why not go north?’ I asked him. / ‘To Dariaida and Pictland’ he laughed. ‘There’s nothing up there, Uhtred, except bare rocks, bare fields and bare arses. The land there is no better than at home [...]’ (CORNWELL, 2005, p. 74). Tradução brasileira: “— Por que não ir para o norte? — perguntei. / — A Dalriada e Pictland? — Ele riu. — Não existe nada lá, Uhtred, a não ser rochas nuas, campos nus e bundas nuas. A terra de lá não é melhor do que a da Dinamarca. [...]” (CORNWELL, 2006b, p. 89).

<sup>41</sup> *Strathclyde* no terceiro livro, *The Lords of The North*, é colocado por Cornwell como *Strath Clota*. “I had been taught as a child that there were many tribes in Scotland, but the two tribes closest to Northumbria were the Scots themselves, of whom Aed was now king, and the savages of Strath Clota who lived on the western shore and never came near Bebbanburg. They raided Cumbraland instead [...]” (CORNWELL, 2007, p. 49). Tradução brasileira: “Quando criança me ensinaram que havia muitas tribos na Escócia, porém as duas mais próximas da Nortúmbria eram os escoceses propriamente ditos, de quem Aed era agora rei, e os selvagens de Strath Clota, que viviam no litoral oeste e jamais chegavam perto de Bebbanburg. Em vez disso, atacavam Cumbraland, [...]” (CORNWELL, 2016b, p. 58-59).

(hoje, território da Inglaterra), *Gwent*, *Dyfed*, *Powys* e *Gwynedd* (os quatro formaram o território que hoje é o País de Gales).

**Figura 2** Distritos da Britânia no período anglo-saxão



Fonte: SWANTON, Michael. (Trad.) **The Anglo-saxon Chronicle**. London: J. M. Dent, 1997.



Como se observa, os três grandes reinos em destaque são: Nortúmbria, Mercia e Wessex. *Bernicia*<sup>42</sup> e *Deira* são os pequenos reinos formadores da Nortúmbria. Destacamos também, o pequeno território nortumbriano, a *Cumbria*, por possuir grande presença no terceiro livro de *Saxon Stories*, colocada pelo autor como *Cumbraland*. Na narrativa, situada no contexto das invasões escandinavas, explica-se que:

[...] Cumbraland was the part of Northumbria that lay across the hills and next to the Irish Sea, and it was raided by Scots from Strath Clota, by Norsemen from Ireland and by Britons from north Wales. Some Danes had settled in Cumbraland, but not enough to keep the wild raids from ravaging the place (CORNWELL, 2007, p. 24-25)<sup>43</sup>.

O mapa também mostra como é complexo definir a divisão territorial da Inglaterra anglo-saxã. Para o período anglo-saxão, as ficções de fundação da Inglaterra falam de uma “heptarquia”, que se refere aos sete reinos que mais tarde uniriam-se para formar a nação: Sussex, Wessex, Essex, Kent, Mércia, Ânglia Oriental e Nortúmbria. Entretanto, a pesquisadora brasileira Isabela Dias de Albuquerque assinala que há certa problemática envolvida nessa concepção, que foi criada no século XII, pelo clérigo Henrique de Huntington (1088-1154): primeiro, segundo a autora, “a Inglaterra não era composta apenas de sete reinos, pois, de fato, havia outros reinos menores [...]”, e segundo, “[...] nem todos esses reinos eram compostos única e exclusivamente pelos povos em questão” (2017b, p. 105). O conceito generalizado de Heptarquia, como a própria Albuquerque explica em rodapé, “seria uma simplificação do modelo explicativo de Beda sobre os principais povos germânicos da ilha e a região que cada um deles ocupava” (2017b, p. 105).

Durante o século VII, houve outro período de presença romana, com o objetivo de cristianização. Tal fato teve início um século depois da formação dos

<sup>42</sup> Em referência em *The Last Kingdom* o pai biológico de Uhtred revela acerca de Bebbanburg: ‘We were kings here once,’ he told me, ‘and our land was called Bernicia.’ (CORNWELL, 2005, p. 13) / Tradução brasileira: - Nós já fomos reis aqui – contou-me ele -, e nossa terra se chamava Bernícia. (CORNWELL, 2006b, p. 25).

<sup>43</sup> Cumbraland era a parte da Nortúmbria localizada do outro lado dos morros e perto do mar da Irlanda, e era atacada pelos escoceses de Strath Clota, por nórdicos da Irlanda e britânicos do norte de Gales. Alguns dinamarqueses haviam se estabelecido em Cumbraland, mas não o suficiente para impedir que os ataques selvagens devastassem a região (CORNWELL, 2016b, p. 37-38).

pequenos reinos no território inglês pelos povos anglo-saxões. Durante essa época, monges vindos não apenas de Roma, mas também da ilha vizinha, a Irlanda, trabalharam para converter os povos que viviam na Inglaterra e que, até então, possuíam diferentes religiosidades. João Bittencourt de Oliveira (2010) resume como ocorreu esse processo de conversão ao Cristianismo:

[...] a conversão dos Saxões na Inglaterra do paganismo germânico ao Cristianismo foi consumada por volta do século VII sob a influência dos já convertidos Jutos de Kent (condado situado no sudeste da Inglaterra, próximo de Londres). Esse processo de cristianização, entretanto, não foi uniforme entre todos os povos que então habitavam a região. Os Saxões do oeste, por exemplo, foram mais resistentes à adoção do Cristianismo. Na verdade, o Cristianismo nessa fase foi mais bem aceito entre os nobres. Os cidadãos livres e a classe servil continuaram praticando os rituais pagãos mesmo depois de sua conversão nominal ao Cristianismo. Essas classes inferiores e marginalizadas (conhecidas pela expressão latina *plebeium vulgus* ou *cives*) do processo político continuaram sendo um problema para as autoridades cristãs até 836, quando o *Translatio S. Liborii* adverte sobre sua obstinação quanto aos ritos e superstições pagãs (*ritus et superstitio*). (OLIVEIRA, 2010, p. 111).

É nesse contexto da Inglaterra Anglo-saxã que a Literatura Inglesa encontra suas origens. Borges (2006) explana que a literatura inglesa se desenvolve a partir dos finais do século VII ou início do século VIII. Em seus primórdios, a Literatura Inglesa era exclusivamente de cunho oral, tendo em vista que os então habitantes do território inglês não possuíam a prática de escrita. Carter e McRae (1997) afirmam que “in English, the first signs of oral literature tend to have three kinds of subject matter – religion, war, and the trials of daily life – all of which continue as themes of great deal of writing” (p. 3)<sup>44</sup>. Anos mais tarde, com a chegada do Cristianismo na Inglaterra, e conseqüentemente da escrita, muitas obras oralizadas foram materializadas pela escrita, merecendo ressalva o poema épico *Beowulf*, considerado primeira obra literária da Inglaterra e datado entre 500 e 700 d.C.

Acentuamos o fato de que apesar de ter sido escrito em território inglês e originalmente na língua anglo-saxã, *Old English*, o poema épico refere-se a

---

<sup>44</sup> “Em inglês, os primeiros sinais da literatura oral tendiam a ter três principais tipos de assuntos – religião, guerra e desafios da vida cotidiana – todos temas que continuam sendo de grande interesse para a escrita” (CARTER, McRAE, 1997, p. 3) (tradução nossa).

acontecimentos ocorridos na Escandinávia, “especialmente na região dos *Getas, Suiões, Frísios e Daneses*, onde atualmente se encontram a Suécia e a Dinamarca” (OLIVEIRA, 2010, p. 102), mostrando a conexão dos povos anglo-saxões com suas antigas origens. Hoje, esse poema épico é “considerado o mais importante manuscrito que nos legaram os Anglo-saxões, quer por seus valores linguísticos, quer por seus valores poéticos” (OLIVEIRA, 2010, p. 101), e complementamos, a sua importância em materializar grande parte da memória dos anglo-saxões.

*The Last Kingdom*, o primeiro livro de *Saxon Stories*, inicia contando a chegada dos dinamarqueses na Nortúmbria. Esse momento já é referente ao fato de que os nórdicos vieram com o objetivo de tomar o território britânico, não apenas para saques, como já vinham fazendo em anos anteriores. Para esse período, apenas quatro grandes reinos prevaleciam, como apresentado pela ficção de Cornwell: Nortúmbria, Ânglia Oriental, Mércia e Wessex.

**Figura 3** Mapa do território britânico quando da chegada dos escandinavos (Século IX)



Fonte: CORNWELL, Bernard. **O último reino**. Crônicas saxônicas. Livro 1. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Tudo indica que a vida desses povos não foi nada pacífica nas ilhas britânicas. As disputas por terras, bem como outros desacordos políticos e culturais, fizeram com que muitas tribos entrassem em contato, partilhando diferenças e similaridades culturais. Assim, por exemplo, os vários dialetos falados entre os distintos grupos de anglo-saxões, juntamente com influências da língua celta e latina, formaram e estruturaram o chamado *Old English*.

## 2.2 Os escandinavos

Atualmente, os escandinavos são os habitantes da região localizada no extremo norte da Europa, regiões que atualmente compreendem a Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia. Entretanto, costuma-se usar esse termo para se referir também aos povos germânicos antigos que habitaram as regiões que compreendem apenas onde hoje é a Dinamarca, Noruega e Suécia, como é utilizado em nossa pesquisa. Outra denominação estimulada para esses povos, que utilizamos como sinônimo para escandinavos, é *norsemen* (como aparece na obra de Cornwell) ou nórdicos.

Importa, ainda, mencionar a existência do termo *viking*, que se refere, primordialmente, à pirataria que era praticada por alguns grupos de escandinavos, estando associada à navegação, à invasão e a saques. Nos dias atuais, por meio de uma série de apropriações culturais que se foram justapondo, o termo popularizou-se, vindo a equivaler *vikings* e escandinavos. Contudo, é importante compreender o sentido de cada um dos termos, como observa Albuquerque:

Enquanto *viking* alude a práticas culturais relacionadas à saída para o mar, remetendo a uma *atividade* – a navegação, a pirataria –, ao mesmo tempo está ligado também à difusão de uma cultura de origem escandinava por outras regiões da Europa, num período específico que varia entre os séculos IX-XI.

Já o termo escandinavo remete à região de origem dessas populações, uma região marcada por relações sociais e culturais específicas. Por último, os termos como daneses ou nórdicos, por exemplo, são formas de distinção dos escandinavos enquanto grupos étnicos específicos (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 129).

Blair (1966), ao descrever que é muito comum o pensamento de que as populações escandinavas viviam isoladamente do restante da Europa antes da Era Viking, e que o contato que tiveram com outros povos nesse período foi apenas com o objetivo de pirataria, esclarece acerca de dois centros muito importantes da região:

The Danish Hedeby and the Swedish Birka represent an aspect of Scandinavian civilization in the Viking Age which is not reflected in the English and Irish monastic chronicles. At these two sites there existed large and prosperous communities having remarkably wide contacts with both the Eastern and the Western. They are to be regarded not so much as the haunts of freebooting pirates, but rather as ninth-century predecessors of the Hanseatic towns, and they are part of the evidence which suggests that the beginning of the Viking Age was less the sudden eruption of previously isolated peoples than the culmination of several centuries of steadily widening intercourse with foreign lands (BLAIR, 1966, p. 60).<sup>45</sup>

O período de migrações dos povos escandinavos costuma ser denominado Era Viking, e iria “dos finais do século VIII e início do século IX até o século XI” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 129). Johnni Langer explica que a Era Viking é tradicionalmente dividida em dois períodos. A Primeira Era Viking, que começa “com as incursões hostis, os ataques de surpresa (razias) no final do século VIII e as povoações criadas na região escocesa, britânica e francesa” (LANGER, 2017, p. 212), é o período que nos interessa, por ser o contexto histórico do nosso objeto de estudo. Logo após, vem a Segunda Era Viking, “caracterizada pela criação de dinastias permanentes e do processo intensificado de cristianização [...]” enquanto os mercadores escandinavos ainda afetavam “[...] o processo de urbanização da Europa” (LANGER, 2017, p. 212). Nesse último período, de acordo com Henry Lyon, “um escandinavo deixava de ser um viking quando se tornava um cristão” (*apud* LANGER, 2017, p. 212).

---

<sup>45</sup> A Hedeby dinamarquesa e a Birka sueca representam um aspecto da civilização escandinava na Era Viking que não está refletida nas crônicas inglesas e irlandesas. Nesses dois lugares havia grandes e prósperas comunidades que mantinham contatos memoráveis tanto com o mundo ocidental quanto com o oriental. Eles devem ser considerados não apenas como esses piratas selvagens e aterrorizantes, mas sim como predecessores do século IX das cidades Hanseáticas, já que são parte da evidência que sugere que o início da Era Viking foi menos a erupção repentina de povos isolados anteriormente do que a culminação de vários séculos de relações cada vez maiores com terras estrangeiras. (BLAIR, 1966, p. 60) (tradução nossa)

Reconhecidos historicamente pela sua excelência na Engenharia naval, os *vikings* foram não somente grandes exploradores, mas também colonizadores, estabelecendo-se em terras distantes e vazias, hoje conhecidas como Groenlândia e Islândia. Além disso, “the Vikings were possessed of superior technology and military organization” (DROUT, 2006, p. 76)<sup>46</sup>. Isso significa que na cultura escandinava da Era *Viking*, “a guerra ocupava função precípua, por meio da qual laços políticos, econômicos e sociais eram estabelecidos ou refeitos a cada combate” (MOITA, 2017, p. 338). Nesse sentido:

A favor dos vikings contava a capacidade da mobilidade proporcionada por seus navios, com calada relativamente pequeno, bem como as marchas e deslocamentos feitos em velocidades superiores a de forças oponentes no mesmo período, em especial pela leveza dos equipamentos e a natureza de suas ações (MOITA, 2017, p. 338).

No tocante às razões que levaram esses povos a explorar diferentes territórios e regiões, Albuquerque explica que, primordialmente, deve-se à expansão comercial no norte da Europa, que teve início nos finais do século VII, influenciada pela “conexão da Inglaterra com o continente a partir de trocas comerciais” (2017b, p. 133). Consequentemente, os *vikings* encontraram “a possibilidade de lucrar [...]” ou de participar “[...] diretamente na condição de comerciantes, ou indiretamente na forma de ataques” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 133). Foi em 862, ano em que “o rei Carlos da França Ocidental começou sistematicamente a investir nas defesas do seu reino, os vikings direcionaram sua atenção na ocupação da Inglaterra” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 133).

Na Primeira Era Viking, especificamente referente às invasões no território britânico, em que nos concentramos, importa destacar que os escandinavos ainda não haviam sido convertidos ao Cristianismo, apesar de as regiões de que vinham já contavam com a presença cristã com o objetivo de conversão.

O processo de cristianização dos povos da Escandinávia teve início no século VIII com a chegada de missionários à Dinamarca, processo esse que, de certa forma, se consolidou não antes do século XII, pois as velhas tradições pagãs, que por séculos haviam proporcionado segurança e estrutura, passaram a ser

---

<sup>46</sup> “Os Vikings possuíam uma tecnologia e organização militar superior” (DROUT, 2006, p. 76) (tradução nossa)

ameaçadas por conceitos da Teologia Cristã até então desconhecidos, tais como o Pecado Original (Gen. 1: 15-17), a Encarnação de Cristo (Mt 5: 2; Jo 8:58; Lc 2; 40, 52) e a Trindade (Rom. 1:20; Col2:9).

Escavações arqueológicas de sítios de sepultamento na ilha de Lovön, nas proximidades de Estocolmo, revelam que a verdadeira cristianização do povo se processou de maneira lenta e durou pelo menos entre 150 e 200 anos, e este era um local bem central no reino sueco. As inscrições rúnicas do século XIII da movimentada cidade mercantil de Bergen, na Noruega, revelam pouca influência cristã (OLIVEIRA, 2010, p. 111).

O que se sabe ao certo é que esses grupos possuíam crenças pré-cristãs, semelhantes às crenças dos antigos anglo-saxões, que cultuavam vários deuses. Como se acredita que os *vikings* não utilizavam nenhum termo para denominar suas crenças, essas costumam ser chamadas hoje de “paganismo nórdico”. Johnni Langer explica que “segundo Boyer, ocorriam práticas religiosas e não uma única religião” (2015, p. 357). Por isso, não podemos entender o chamado “paganismo nórdico” como uma prática uniforme. As crenças e a preferência por alguns deuses podiam variar conforme a região da antiga Escandinávia.

Outrossim, é preciso levar em consideração que grande parte da arqueologia utilizada nas pesquisas acerca das antigas religiosidades escandinavas são obras literárias, as *Sagas*<sup>47</sup> e as *Eddas*<sup>48</sup>, produzidas na Islândia, a partir do século X, momento em que esse território passava pelo processo de conversão ao Cristianismo. Os escandinavos pré-cristãos não possuíam uma cultura escrita – com exceção da utilização das runas<sup>49</sup> -, e suas memórias eram transmitidas de geração em geração por meio da oralidade. A conversão ao Cristianismo introduziu a prática da escrita em seus costumes, e, por isso, é possível que mesmo que a chamada Literatura Medieval Escandinava

<sup>47</sup>As Sagas são “narrativas que surgiram no século XIII e remetem aos feitos guerreiros e heroicos que dizem respeito ao passado islandês, escolhendo, portanto, aqueles mais significativos em um determinado momento histórico. [...] Essencialmente as Sagas foram narrativas escritas em prosa durante os séculos XIII e XIV e narram a história de uma só pessoa ou de um grupo [...]. (CAMPOS, 2016, p. 70-71)

<sup>48</sup> De modo geral, as Eddas tratam “de mitos e lendas da Antiga Escandinávia e apresentam os mitos de criação, a origem dos deuses e dos homens e são a fonte mais importante acerca da sabedoria tradicional dos escandinavos. Essas obras não possuem uma datação precisa, mas pode-se dizer que a sua composição iniciou-se no século IX.” (CAMPOS, 2016, p. 77). As Eddas são classificadas em: Edda em prosa (ou Edda menor) e Edda poética (ou Edda maior).

<sup>49</sup> Apesar dos escandinavos possuírem o “alfabeto rúnico”, raramente utilizavam para realizar inscrições em pedra como forma de registrar algumas memórias. Sua cultura era predominantemente oral. Ver mais em: MUCENIECKS, André. Runas. In: LANGER, Johnni (Org). **Dicionário de Mitologia Nórdica: Símbolos, mitos e ritos.** São Paulo: Hedra, 2015. pp. 413-417



apresente quase que prioritariamente traços da memória pagã, haja muitas influências cristãs nessas narrativas.

Contudo, as pesquisas acadêmicas referentes à Escandinávia Medieval, que têm se fortalecido nos últimos anos, inclusive no Brasil, vêm trazendo inúmeras contribuições para o campo da “ciência das religiões”. Por exemplo, tais pesquisas têm indicado que as religiosidades nórdicas da Era Viking (séculos VIII a XI) não eram centralizadas “em nível teológico ou organizacional, não tinha templos, dogmas, sacerdotes especializados [...], orações, meditações, reduzindo-se a cultos e tendo a magia como essência” (LANGER, 2015, p. 357). Além disso:

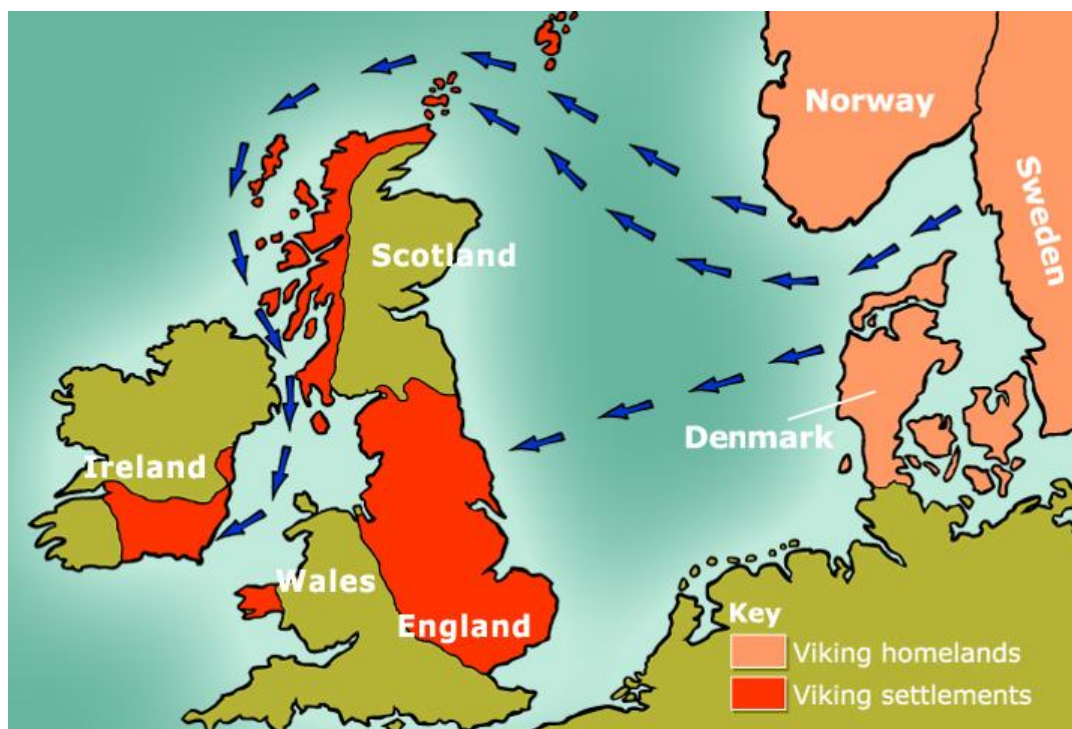
O nórdico mantinha relações de tipo pessoal e utilitário com o deus ou deuses que havia decidido reverenciar, uma espécie de contrato. Fora das grandes celebrações dos solstícios, o Viking não era particularmente religioso, tampouco manjava um conjunto de concepções de tipo abstrato com respeito ao divino. [...] Quando necessitava, ele invocava o seu deus particular sob a forma de petição (*badja*) e não de reza: “se eu te oferecer isso ou aquilo, tu me darás ou me concederás outra coisa em troca”. O paganismo nórdico era de natureza tolerante, sem fanatismos ou adoração extremada (LANGER, 2015, p. 358).

Acredita-se que os principais invasores das ilhas britânicas foram os daneses, em inglês “*danes*”, ou como descrita na tradução brasileira da narrativa ficcional de Cornwell, os dinamarqueses. Em *The Last Kingdom*, o protagonista Uhtred explica que os invasores escandinavos “were called Vikings when they were raiders, but Danes or pagans when they were traders” (CORNWELL, 2005, p. 12)<sup>50</sup>. Michael Drout (2006) explica que “*danes*” era um termo comumente utilizado pelas populações locais para se referir a todos os escandinavos, fossem eles provenientes das regiões da Dinamarca, Noruega ou outras regiões da Escandinávia.

---

<sup>50</sup> “Os invasores eram chamados de vikings quando faziam ataques e pilhagens, mas de dinamarqueses ou pagãos quando eram comerciantes” (CORNWELL, 2006b, p. 24).

**Figura 4** Estabelecimento dos escandinavos no território da Grã-Bretanha e Irlanda



Fonte: Viking England - Website<sup>51</sup>

A presença escandinava nas ilhas britânicas, como também em outras terras, era considerada, do ponto de vista das populações locais, nada amigável, pois como já mencionamos, muitos deles praticavam a pirataria. A documentação cristã da época, presente em narrativas como *Annales Bertiniani* (Anais de São Bertin), escrita no século IX, e *Annales Vedastini* (Anais de São Vaast), do século X, mostram, por meio da visão das sociedades cristãs europeias, “o suposto horror que esses povos causavam por onde passavam” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 132).

Por outro lado, é conveniente expor as considerações de Paul du Chaillu, que confere ao norte europeu um passado glorioso, região “berço de uma “nova época” na história da humanidade [...]” habitada pelos “[...] ancestrais dos ingleses (cujo país ele denomina de “a mãe das nações”)” (*apud* LANGER, 2017, p. 216). Sobretudo, Chaillu caracteriza os nórdicos “não como bárbaros, mas, pelo contrário, como criadores de civilizações” (*apud* LANGER, 2017, p. 216).

<sup>51</sup> Disponível em: <http://vikingengland.weebly.com/who-were-the-vikings.html> Acesso em: 29 nov. 2018.

### 2.3 O território inglês entre anglo-saxões e escandinavos

A narrativa ficcional de Cornwell promove a memória da formação da Inglaterra, já que descreve acontecimentos do período do reinado de Alfred (871-899), no qual, como sugere Isabela Albuquerque (2017b), pode-se afirmar que se iniciou um projeto político no qual se almejava a união dos pequenos reinos para que o sonho de construir uma “Inglaterra” se consolidasse.

Primeiramente, destacamos que os anglo-saxões e os escandinavos são ambos pertencentes ao grupo germânico. Isso já infere que há certo parentesco entre eles. Borges traça algumas considerações a respeito dos “germanos”, e algumas marcas que deixaram na língua inglesa:

“Germanos” é, então, o nome de uma série de tribos com diversos governos, que falavam dialetos afins e depois deram origem às atuais línguas dinamarquesa, alemã, inglesa, etc. Tinham mitologias comuns, das quais se salvou somente a escandinava, no ponto mais distante da Europa: a Islândia. Conhecemos por essa mitologia salva nas Eddas algumas correspondências: por exemplo, o Odin escandinavo era o Wotan alemão e o Woden inglês. Os nomes dos deuses ficaram nos dias da semana, que foram traduzidos do latim para o inglês antigo: “Monday”, lunes [segunda-feira], dia da Lua, “moon”; martes [terça-feira], dia de Marte, é “Tuesday”, dia do deus germano da guerra e da glória; miércoles [quarta-feira], dia de Mercúrio, assimilou-se a Woden em “Wednesday”; o dia de Júpiter, jueves [quinta-feira], deu “Thursday”, dia de Tor, com o nome escandinavo; o dia de Vênus é “Friday”, a Fria alemã, Frig na Inglaterra, deusa da beleza; “Saturday” é o dia de Saturno; o domingo, dia do senhor – coisa que se vê no italiano, “domenica” -, ficou como o dia do Sol: “Sunday” (BORGES, 2006, p. 3-4).

O primeiro ponto que os afastaria são quase os quinhentos anos de história, desde o momento em que os grupos formadores (anglos, jutos, saxões e outros) dos “anglo-saxões” saíram de suas regiões para migrar aos territórios da *Britannia* e fundir uma nova cultura. Mas o que realmente os distingue, em sua particularidade, consequência, claro, desse período de migrações, é a conjectura de terem sido cristianizados. A religião os transformou praticamente em grupos opostos nesse contexto histórico que analisamos. Contudo, como se constata na citação de Borges, há resquícios de sua proximidade que perduram até hoje,

excepcionalmente por meio da própria língua inglesa, como mostram os dias da semana.

Além disso, como mencionado, o processo de cristianização dos anglo-saxões não ocorreu de imediato. Borges pontua que Beda, o Venerável<sup>52</sup>, conta que um rei “tinha dois altares: um dedicado a Cristo e outro aos demônios” (BORGES, 2006, p. 5). Esse rei, como referencia Borges, seria Raedwald, rei da Ânglia Oriental (falecido em 624), e os tais demônios, “são, sem dúvida nenhuma, os deuses germânicos” (2006, p. 5). De acordo com o autor, é possível considerar que a conversão dos povos germanos não foi difícil, pois sendo politeístas, “aceitar mais outro deus: um a mais não é nada. [...]” (2006, p. 11). Ou seja, Jesus Cristo passa a ser nada mais e nada menos que um “deus novo”. Ademais, Borges pontua que o processo de cristianização não ocorria como nos dias atuais, de forma individual, englobava o sentido coletivo: “convertido o rei, convertia-se todo o povo” (2006, p. 12).

O que se conhece da história dos anglo-saxões e da presença escandinava nas ilhas britânicas deve-se em grande parte a pesquisas elaboradas a partir de vários manuscritos escritos na época, como *The Anglo-saxon Chronicle*, que é um compilado de anais escritos originalmente em inglês antigo, que narram a trajetória do povo anglo-saxão, e *The Life of King Alfred*, escrito originalmente em latim, e ao qual os créditos são dados a Asser, um monge galês. São textos narrativos medievais, reconhecidos enquanto documentação histórica, arqueologia que auxilia na reconstrução da história do período e espaço a que se referem. Mesmo que se discuta o uso dessas narrativas enquanto fontes para a historiografia, por apresentarem aspectos de ficcionalidade, é notável a pretensão de registro de acontecimentos reais nesses textos. Acentuamos, ainda, que a maioria das fontes escritas da época era de materiais produzidos por mãos cristãs e, portanto, detinham uma visão muito específica acerca do “outro” escandinavo, omitindo muitos aspectos de sua cultura.

O possível autor de *The Life of King Alfred*, Asser, é um personagem que aparece em *The Pale Horseman*, o segundo livro. Quando Uhtred o encontra pela primeira vez na região da Cornualha (na época, era região dos nativos

---

<sup>52</sup> Como referencia Borges, Beda, o Venerável, foi um historiador, teólogo e cronista anglo-saxão (673-735), mais conhecido por sua obra *História Eclesiástica da nação inglesa*.

bretões/celtas), tece comentários acerca da sua visível proatividade, de modo a antecipar um possível interesse por parte do rei Alfred de conhecer o monge britânico.

I was impressed that a British monk at the end of the land of Britain knew so much of what happened in Wessex, and I reckoned Alfred would have been pleased to hear Asser's nonsense, though of course Alfred had sent many messengers to the British (CORNWELL, 2006a, p. 57).<sup>53</sup>

Apesar de o monge Asser não agradar nem um pouco ao nosso protagonista, pois de início ele já antecipa “[...] though I did not know it, I had just met a man who would haunt my life like a louse” (CORNWELL, 2006a, p. 51)<sup>54</sup>, o trecho é interessante por marcar uma memória acerca de um dos responsáveis (pelo menos simbolicamente, tendo em vista que alguns estudiosos definem que a afirmação de que o autor de *The Life of King Alfred* é incerta) pelos registros das documentações anglo-saxãs que remanesceram até o mundo contemporâneo.

No século IX, período em que nos concentramos, pode-se asseverar que os anglo-saxões eram quase totalmente cristianizados, já que nesse momento seus governantes proferiam seriamente a fé cristã, como se observa nos documentos históricos, a exemplo de *The Anglo-Saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred*. Entretanto, pode-se sugerir que nesse período ainda existissem alguns anglo-saxões que guardavam as memórias de seus ancestrais. Aliás, complementamos que Albuquerque (2017b) descreve que os próprios anais de *The Anglo-Saxon Chronicle* apresentam essas memórias, não no sentido religioso, mas com o fim de revitalizar a identidade dos povos habitantes das terras inglesas:

Nas ASC encontramos uma série de referências ao passado pré-cristão, muito embora no momento em que o texto passou a ser compilado, já fossem os reinos anglo-saxões cristianizados. Todavia, a presença de elementos culturais anteriores ao cristianismo não relativiza a crença desses povos, mas nos mostra que eles estavam inseridos numa tradição cultural que remetia ao

---

<sup>53</sup> Fiquei impressionado ao ver que um monge britânico no fim da terra da Britânia sabia tanto a respeito do que acontecia em Wessex, e admiti que Alfredo ficaria satisfeito ao ouvir os absurdos de Asser, se bem que, claro, Alfredo havia mandado muitos mensageiros aos britânicos (CORNWELL, 2016a, p. 76).

<sup>54</sup> “[...] mesmo não sabendo, eu acabara de conhecer um homem que incomodaria minha vida como um piolho” (CORNWELL, 2016a, p. 70).

período anterior às migrações para a ilha e que esta tradição fazia parte de sua construção identitária enquanto grupo.

É justamente durante o período de Alfred, momento em que as ASC começavam a ser compiladas, que o sincretismo entre o passado pagão e o passado bíblico se encontram, ligando os primeiros patriarcas do livro dos Gênesis a figuras do período pré-cristão e construindo a lógica das novas genealogias régias (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 65).

Além dessas fontes, há outros pequenos fragmentos, de cunho literário, como aqueles comentados brevemente por Ronald Carter e John McRae, em *The Routledge History of Literature in English: Britain & Ireland* (1997). Os autores colocam que o primeiro fragmento de literatura inglesa conhecido é o *Caedmon's Hymn* (datado de aproximadamente 670). Ao traçar algumas características desse texto, Carter e McRae acentuam que:

Christian monks and nuns were, in effect, the guardians of culture, as they were virtually the only people who could read and write before the fourteenth century. It is interesting therefore that most of the native English culture they preserved is not in Latin, the language of the church, but in Old English, the language of the Angles, Saxons, and Jutes (CARTER, McRAE, 1997, p. 7)<sup>55</sup>.

Os autores sugerem que a igreja, ao agir dessa forma no território britânico, pareceu demonstrar ter a consciência da importância linguística e consequentemente identitária que eles estariam preservando, de forma a contribuir para os séculos que viriam a seguir. Oportunamente, destacamos que esse fato deve-se essencialmente ao rei Alfred. Como explica João Bittencourt Oliveira (2010), as primeiras fixações escritas na Inglaterra aconteceram a partir do século VII, quando da consolidação dos mosteiros Beneditinos (principalmente na região da Nortúmbria) que se tornaram centros de erudição. Entretanto, a maior parte do que se escrevia era em Latim, a língua oficial da Igreja, pois se considerava que as línguas nativas eram inadequadas para a escrituras sagradas e temas de Teologia.

---

<sup>55</sup> Monges e freiras cristãos foram, de fato, os guardiões da cultura, já que eles eram praticamente as únicas pessoas que conseguiam ler e escrever antes do século XIV. É interessante, entretanto, que a maior parte da cultura nativa inglesa que eles preservaram não está em Latim, a língua da igreja, mas em Inglês Antigo, a língua dos Anglos, Saxões e Jutos (CARTER, McRAE, 1997, p. 7) (tradução nossa).

O mais proeminente prosador anglo-latino foi Beda, monge beneditino do Mosteiro de Nothumbria, também conhecido como Venerável Beda (673-735), autor de *Ecclesiastical History of the English People*, cujo título em latim é *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* ("História Eclesiástica do Povo e Inglês"), em 731. É, porém, a Alfredo o Grande (849-899), nascido mais de um século depois da morte de Beda, que se deve o início da prosa em língua vernácula e provavelmente também a preservação da antiga poesia inglesa. Após derrotar os Daneses de maneira decisiva em 876, Alfredo reconstruiu seu reino, restabeleceu uma lei justa, e procurou resgatar a liderança da Inglaterra na erudição que tinha nos séculos VII e VIII. É também provavelmente a Alfredo que se deve o início da publicação da mais importante obra em prosa em inglês saxônico, a *Anglo-Saxon Chronicle* ("Crônica Anglo-Saxônica"), uma coleção de crônicas ou anais que cobrem a história de Inglaterra desde o ano 1 até 1154 (OLIVEIRA, 2010, p. 112).

Nessa perspectiva, o rei Alfred, o Grande, foi um marco na construção da identidade inglesa. Interessa destacarmos que "o primeiro a utilizar o gentílico *inglês* no sentido de uma comunidade política foi provavelmente Alfred" (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 140). Com início no século IX e seguido pelos seus sucessores, esse foi um projeto de Alfred que visava, além da esfera política, ao campo espiritual. A justificativa da escolha de Alfred por anglo ao invés de saxão "representava uma escolha consciente de uma visão já pré-estabelecida acerca da suposta unicidade "inglesa" [...]" (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 140), legitimada por Beda por meio do termo latino *gens anglorum*, criado pelo fundador da igreja católica na Inglaterra, Agostinho da Cantuária. Tendo em vista que esse projeto de Alfred buscava "cunhar os elementos necessários para a construção da identidade inglesa [...]", não somente o termo *gens Anglorum* foi utilizado como fundamento, mas também o termo "[...] do inglês antigo, *Angelcynn*, utilizada nos manuscritos das *Anglo-Saxon Chronicles*" (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 182). O termo generalizado *anglo*, deste modo, "diferenciava os povos germânicos dos seus vizinhos de origem celta e criava uma única igreja subordinada a Roma" (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 140).

O interessante também é que apesar de o Wessex, onde reinava Alfred, ser uma região tradicionalmente de saxões, o termo *anglo* foi escolhido para cunhar a unificação identitária daquele povo. Albuquerque explica que o termo *saxões* era bastante utilizado entre os séculos V-VI, para referir-se aos habitantes do território, mas que, nos séculos que se seguem, "saxão passou a estar ligado às origens

continentais desses povos germânicos [...]”, retomando o “[...]seu passado migratório e a sua fixação na ilha” (2017b, p. 138). Ou seja, *anglo* passa a ter uma conotação mais religiosa cristã em relação ao povo, enquanto *saxão* passa a remeter ao passado pagão.

A *The Anglo-Saxon Chronicle* engloba vários manuscritos aparentemente escritos ao mesmo tempo, mas em diferentes regiões, o que faz haver algumas diferenças entre elas. São elas:

MS. A – *The Parker Chronicle* ou *The Winchester Chronicle* (c. 891- 1093), MS. B – *The Abingdon Chronicle I*, compilado a partir do ano 1000, MS. C – *The Abingdon Chronicle II*, compilado na 2ª metade do século XI-1066, MS. D – *The Worcester Chronicle*, compilado a partir do século XI e que inclui algum material de Beda, MS. E – *The Peterborough Chronicle*, MS. F – *The Canterbury Bilingual*, duas compilações: em latim e inglês antigo, MS G, que é uma cópia do MS. A e o MS H – apenas um fragmento que contém os anos de 1113-1114 (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 64-65).

Com o fim de trazer algumas referências para este estudo, elegemos a tradução de Michael Swanton, de *The Anglo-Saxon Chronicle*, especificamente a edição de 1997, em que o tradutor procura unir os manuscritos de modo que se complementem e formem uma versão integral da crônica. Isso significa que nessa edição de Swanton não se tem a tradução completa de cada manuscrito. Ainda assim, a tradução está bem referenciada, com explicações complementares nos trechos.

Segundo a Crônica, o primeiro ataque violento dos *vikings* aos habitantes das terras inglesas ocorreu durante a primavera do ano de 793. Um grupo de nórdicos teria chegado ao noroeste da Inglaterra, atacando um monastério. Não apenas levaram suas riquezas, como mataram muitos monges e levaram outros como escravos. Os manuscritos da Crônica registram que nesse mesmo ano, “terrible portents came about over the land of Northumbria, and miserably frightened the people: [...] immense flashes of lightning, and fiery dragons were seen flying in the air” (SWANTON, 1997, p. 55)<sup>56</sup>. Em rodapé, Swanton sugere que talvez esses “presságios” relatados poeticamente podem se referir

---

<sup>56</sup> “Presságios terríveis chegaram às terras da Nortúmbria, assustando miseravelmente o povo: [...] imensos relâmpagos de luz, e dragões flamejantes foram vistos no ar” (SWANTON, 1997, p. 55) (tradução nossa).



literalmente a cometas de cauda comprida que se mostraram na região, como também ao mau tempo. Mas, a própria palavra “presságio”, em inglês “portent”, já indica que os anglo-saxões receberam sinais do que viria, já que em seguida registra-se que “a great famine immediately followed these signs [...]” e o principal, o ataque de “pagãos” que “[...] miserably devastated God’s church in Lindisfarne island by looting and slaughter” (SWANTON, 1997, p. 57)<sup>57</sup>.

Outros ataques sucederam-se após esse evento, não apenas nas ilhas Britânicas. Segundo Albuquerque, a maioria dos grupos de nórdicos exploradores desse período eram membros de uma elite: “Pessoas perseguidas em suas regiões de origem ou que buscavam riqueza, glória e fama através de aventuras, essa elite que se deslocava era marcada por um grupo seletivo de viajantes” (2017b, p. 142). A chamada Era Viking caracterizaria-se pelo temor e horror que os guerreiros nórdicos levaram a quase toda a velha Europa.

Nos anos que se seguiram, os Vikings realizaram diversos outros mais ou menos desorganizados, porém, desastrosos ataques a mosteiros em ilhas e nas costas inglesa e escocesa, principalmente na Northúmbria. Então, ainda conforme os registros das *Crônicas*, em 865 um exército habilmente organizado desembarcou na Ânglia Oriental, liderado por Ivar Ragnarsson (ou Ivar the Boneless “Sem-Ossos”) e seu irmão Halfdan filhos de Ragnar Lothbrok (*Loðbrók*), e no decorrer dos quinze anos seguintes se apossaram de praticamente toda parte oriental da Inglaterra (OLIVEIRA, 2016, p. 33).

Como enfatiza Albuquerque, os manuscritos da *The Anglo-Saxon Chronicle* indicam diferenças elementares entre os ataques ocorridos na primeira metade do século IX e os da segunda metade. Os primeiros “referem-se apenas à presença de um *exército (here)*, que deixa a região ocupada tão logo “a paz é feita”, certamente após o pagamento para tal finalidade” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 118). Portanto, os invasores estariam preocupados apenas pela aquisição de bens valiosos (seja por meio de ataques violentos, seja por meio de acordos/tratados de paz). Já os registros que relatam os segundos ataques “aludem a um *grande exército (micel here)*, o que nos sugere que os escandinavos viessem, de fato, em maior número que nos anos anteriores”

---

<sup>57</sup> “Uma grande fome se devastou logo após esses sinais” e o ataque de pagãos que “miseravelmente devastou a igreja de Deus na ilha de Lindisfarne através de saques e carnificina” (SWANTON, 1997, p. 57) (tradução nossa).

(ALBUQUERQUE, 2017b, p. 118), o que nos sugere o objetivo de ocupação territorial por parte desses povos.

O chamado “Grande Exército Pagão” desembarca na Inglaterra em 865. Nos anos seguintes, que vão até 875, o exército conquista vários territórios, como os reinos da Ânglia Oriental e Mércia. De acordo com Leandro Vilar de Oliveira (2017), os motivos que levaram à chegada desse grande exército são incertos, “inclusive se desconhece de quem teria sido a ideia para empreender ousada campanha para conquistar territórios na Inglaterra” (p. 325). Entretanto, as memórias que emergem desse contexto permeiam não apenas o contexto inglês, mas, em especial, as sociedades escandinavas, como podemos notar pela seguinte explicação:

[...] alguns relatos da época apontam que o motivo do ataque dos nórdicos deveu-se ao intuito de vingar a morte de Ragnar Lothbrok. Três supostos filhos do herói, Ivar Sem Ossos, Halfdan e Ubba, teriam incentivado chefes dinamarqueses e noruegueses a formar uma coalizão. Segundo a *Saga de Ragnar Lothbrok*, o herói foi executado num poço de cobras pelo rei Aella da Nortúmbria e com isso seus três filhos teriam liderado um poderoso exército para vingar a morte do pai e conquistar a Inglaterra (OLIVEIRA, 2017, p. 324-325).

Ragnar Lothbrok é um dos grandes nomes *vikings* imortalizado pela memória escandinava, principalmente por meio da literatura medieval. Por ser considerado “um rei lendário ou semilendário do Período Viking, muito popular nas narrativas medievais escandinavas [...]”, estudiosos certificam que é “[...] certo que tal rei não existiu fora das representações encontradas nas narrativas míticas” (MIRANDA, 2017, p. 583). Os debates acadêmicos indicam que há a possibilidade de esse “personagem mitológico ser o resultado de um amálgama entre vários personagens históricos, ou produto do imaginário escandinavo da Era Viking, e, principalmente, de épocas posteriores” (MIRANDA, 2017, p. 583), sendo que:

As narrativas em torno de Ragnar Lodbrok contribuíram muito para a imagem romântica que possuímos dos vikings, haja vista que o personagem possui uma vida pautada pela aventura nos mares, pelo saque aos reinos cristãos e pela violência em combate e em morte, ideais também atribuídos aos seus filhos.

Mas a sua figura também contribui para construir um exemplo de como os escandinavos na Idade Média imaginaram o seu passado heroico (MIRANDA, 2017, p. 583).

As narrativas em torno do lendário Ragnar sugerem que os três possíveis responsáveis pela armada danesa são supostamente seus filhos. Muito provável, Ivar (Hingwar), Halfdan e Ubba foram personagens históricos reais, pois não somente as sagas escandinavas citam esses nomes, mas também alguns documentos históricos anglo-saxões. Todavia, a ausência de material arqueológico que vai além da ficção literária deixa incertezas quanto à possível irmandade desses três e sua relação sanguínea com a figura de Ragnar Lothbrok.

Na narrativa de Cornwell, a identidade de Ivar, Halfdan e Ubba, enquanto “irmãos Lothbrok”, é mantida. Entretanto, o pai Ragnar nunca é mencionado. Temos, por outro lado, outro personagem Ragnar, fictício e dinamarquês, que é jurado a Ivar. Seria a intenção da narrativa trazer um exemplo de um personagem Ragnar, que poderia se fundir com outros “Ragnares” que foram o lendário Lothbrok? Deixemos esse questionamento.

O advento do Grande Exército Pagão no território inglês incentivou e intensificou a frequência de ataques *vikings* no interior das ilhas britânicas. Entretanto, ao perceberem que essas ações resultavam também na perda de seus próprios homens, os nórdicos descobriram uma “forma mais fácil de acumular tesouros”:

Quando um bando viking sitiava uma cidade ou desembarcava em suas proximidades, muitas vezes apenas demonstrava seu poder de combate e isso, normalmente, era suficiente para deixar seus inimigos propensos a evitar o enfrentamento. Os oponentes imaginavam que, diante do poderio viking, seriam massacrados, razão pela qual buscavam outros meios para se livrar da presença dos saqueadores. Dessa forma, os reinos ingleses do século IX começaram a pagar os vikings para que fossem embora. O primeiro registro disso foi em 865 d. C, conforme consta nas *Crônicas Anglo-saxônicas* (OLIVEIRA, 2017, p. 169).

Essa prática, que ficou conhecida por *Danegeld*, como era chamada nos anais ingleses medievais, significando literalmente “ouro dinamarquês”, causou um certo “conforto” nas comunidades locais, pois mesmo que os invasores nórdicos “partissem logo após receber as quantias, não havia muito tempo de paz,

pois logo em seguida outro local se tornava alvo das ameaças” (OLIVEIRA, 2017, p. 169), fazendo com que cada vez mais riquezas fossem concendidas. Ricardo Menezes de Oliveira complementa que essas ações fomentaram “o estabelecimento desses povos na região, bem como a constituição de uma verdadeira província dinamarquesa na Inglaterra anglo-saxã” (2017, p. 170).

As invasões escandinavas no território inglês e seus inúmeros conflitos com os habitantes anglo-saxões desenham o contexto dominante em *Saxon Stories*. Elas começam apresentando uma trama histórica desenrolada a partir desse momento, mais especificamente quando o exército dinamarquês capturou York e tomou o poder de Nortúmbria, em 869. Logo após a queda de Nortúmbria, em 870, o rei Edmund, de Ânglia Oriental, foi morto, segundo os manuscritos MS. F – *The Canterbury Bilingual* da Crônica, assassinado pelos pagãos Ingware (Ivar) e Ubba<sup>58</sup>, os supostos filhos do lendário Ragnar Lothbrok.

Em 871, o exército dos dinamarquese chega a Wessex. No ano seguinte, o rei Athelred e seu irmão Alfred organizaram-se em defesa dos ataques, e “após meses de lutas contra os escandinavos, o rei de Wessex morre, deixando seu irmão como sucessor” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 118). O rei de Mércia, Burgred, exilou-se em Roma, em 873. O último reino a resistir foi Wessex. Inclusive, esse episódio se concentra no primeiro volume do nosso objeto de estudo, cujo nome já indica *The Last Kingdom*.

Após os primeiros ataques e conquistas, o Grande Exército divide-se em 875, sendo uma parte comandada por Halfdan, que segue para a Nortúmbria, com o objetivo de manter a conquista feita em momento anterior, e a outra permanece no sul, sendo comandada por Guthrum (ALBUQUERQUE, 2013). Em sequência, Guthrum decide investir em ataques a Wessex, os quais foram bem sucedidos, levando o rei Alfred a exilar-se, o que deu tempo a Alfred para preparar e concentrar forças para recuperar seu reino e expulsar os nórdicos.

A maior vitória militar de Alfred contra os nórdicos, de acordo com Albuquerque, foi sem dúvida, a Batalha de Edington (878) (Ethandun, como colocado por Cornwell, que busca manter a toponímia da época em sua narrativa), “na qual os anglo-saxões garantiram reféns do lado escandinavo [...]” e “[...]”

---

<sup>58</sup> Michael Swanton traz essa observação em nota de rodapé. In: SWANTON, Michael. (Trad.) **The Anglo-saxon Chronicle**. London: J. M. Dent, 1997. p. 70.

promessas de que o exército invasor deixaria o reino e de que o rei Guthrum seria batizado” (2017b, p. 120). Em resumo, o rei Alfred não conseguiu derrotar e expulsar os dinamarqueses, mas assegurou a paz – por pouco tempo – ao assinar um acordo com o rei Guthrum, que ficou conhecido como *Treaty of Wedmore*, que atribuiu “a delimitação das fronteiras de uma área que seria restrita a lideranças danesas, deixando Wessex, pelo menos por ora, fora do foco dos escandinavos” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 120). Além disso, o acordo também reivindicava o batismo de Guthrum e sua agregação ao sistema de liderança dos anglo-saxões. Assim, o território inglês passa a ser dividido em dois reinos: Wessex – o reino dos anglo-saxões - e Danelaw – território governado pelos escandinavos.

**Figura 5** Divisão territorial após o Tratado de Wedmore



Fonte: BBC – Primary History - Website<sup>59</sup>

Ricardo Menezes de Oliveira (2017) afirma que o Danelaw não estabelecia uma unidade política e não possuía uma capital, sendo o poder da região “distribuído entre os chefes-guerreiros que se assentaram nas chamadas Cinco

<sup>59</sup>

Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/anglo\\_saxons/what\\_happened\\_to\\_the\\_anglo-saxons/](http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/anglo_saxons/what_happened_to_the_anglo-saxons/)  
Acesso em: 26 nov. 2018

Aldeias, sendo elas Lincoln, Stamford, Leicester, Nottingham e Derby” (2017, p.171). York foi outro centro poderoso da região, que “ficou a maior parte do tempo sob o domínio norueguês” (OLIVEIRA, 2017, p. 171). O Danelaw permaneceu até o século XI defrontando-se com seu enfraquecimento, quando falece o dinamarquês Canuto, o Grande, em 1035, “que havia sido coroado rei da Inglaterra, Dinamarca, Noruega e parte da Suécia” (OLIVEIRA, 2017, p. 171).

Uma das grandes consequências desses embates culturais e políticos confere que “a luta contra os escandinavos representará o último elo organizador da identidade inglesa, a partir da presença de um inimigo estrangeiro e comum aos outros reinos da ilha” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 141). Nessa perspectiva, o autor, Bernard Cornwell, defende que “a história da criação da Inglaterra é na verdade uma narrativa de como os saxões reivindicam seus reinos perdidos, começando no sul e seguindo inexoravelmente para o norte” (2016c, p. 347).

Para além disso, assim como Albuquerque conclui e confirma em sua tese, haveria processos de hibridismo identitário nas regiões onde anglo-saxões e escandinavos mantinham contato, o que sugere que “modelos diversos de identidade foram adotados e que práticas sociais distintas compunham cada uma delas” (2017b, p. 181). Essa condição também implica, e muito, a formação da Inglaterra, especialmente ao que condiz com aspectos culturais.

No verbete “Anglo-saxões e nórdicos”, do *Dicionário de História e Cultura Viking* (2017), Albuquerque sintetiza que os documentos escritos em latim e em inglês antigo trazem os termos *Angelcyn* (inglês), *Angulsaxonum* (anglo-saxão), *paganus* (pagão) e *Dane* (daneses/dinamarqueses), com o objetivo de diferenciar os embates políticos, especialmente nesse contexto dos assentamentos escandinavos. Não obstante, outros materiais arqueológicos mostram que as relações entre anglo-saxões e escandinavos iam muito além de questões políticas referentes apenas a disputas por terras, sendo que esses povos mesclaram-se, principalmente nas regiões do norte e nordeste da Inglaterra. A partir dessa ideia, Albuquerque traz o conceito “anglo-escandinavo”. A pesquisadora ainda afirma que “a análise das relações linguísticas entre anglo-saxões e escandinavos é um caminho para a compreensão de como era a convivência entre os dois grupos” (ALBUQUERQUE, 2017a, p. 39).

Martini e Soares (2016; 2018) fizeram uma pesquisa bibliográfica acerca dos estudos que focam nas influências do *Old Norse*, língua falada pelos antigos escandinavos, na Língua Inglesa. A pesquisa mostra diferentes teorias acerca das consequências linguísticas advindas dos contatos entre os anglo-saxões e escandinavos no território inglês. Em resumo, a teoria tradicional especifica a evolução em três etapas: *Old English*, língua falada pelos anglo-saxões, sofreu algumas influências da língua falada pelos escandinavos e evoluiu para o *Middle English*, que se transformou no *Modern English*, que é falado atualmente. Contrapondo a essa visão, os linguistas Joseph Embley Emonds e Jan Terje Faarlund (2014 *apud* MARTINI, SOARES, 2016; 2018) publicaram um trabalho em que analisam, concluem e defendem que o *Middle English* descende diretamente do *Old Norse*, o qual teria sofrido apenas algumas influências do *Old English*, e não o contrário. Há, ainda, outros estudiosos, como mostram as pesquisadoras, que defendem uma teoria de “crioulização”, a qual assevera que *Old Norse* e *Old English* misturaram-se mutuamente, formando uma nova língua, que evoluiu para o *Middle English* (MARTINI, SOARES, 2016; 2018).

Em *Saxon Stories* há constantemente descrições do relacionamento entre esses dois povos, o que nos faz refletir acerca das possíveis implicações para a constituição de identidades locais e, principalmente, na identidade inglesa de um modo geral. Essas relações e impactos são observados na narrativa englobando diversos aspectos: acordos políticos, religião, geografia, alimentação e costumes, e não menos importante, na língua. Citamos um excerto retirado do terceiro volume, no qual Uhtred nos conta detalhadamente acerca do que testemunha dos impactos linguísticos resultantes do contato entre esses povos no Norte da Inglaterra:

[...] They could more or less speak to each other because I had noticed that in Northumbria the Danish and the Saxon tongues were becoming muddled. The two languages were similar anyway, and most Danes could be understood by Saxons if they shouted loud enough, but now the two tongues grew ever more alike. Instead of talking about their ‘swordcraft’ the Saxon earlsings in Guthred’s household troops boasted of their ‘skill’ with a sword, though they had none, and they ate ‘eggs’ instead of eating ‘eyren’. The Danes, meanwhile, called a horse ‘a horse’ instead of ‘a hros’ and sometimes it was hard to know whether a man was a Dane or a Saxon. Often they were both, the son of a Danish father and

Saxon mother, though never the other way around (CORNWELL, 2007, p. 79-80)<sup>60</sup>.

Independente de qual teoria da evolução da Língua Inglesa é a verdadeira, ou está mais próxima da verdade, é indiscutível a repercussão dos escandinavos na Língua Inglesa e igualmente em sua cultura. A memória narrada por Uhtred consolida essa ideia, ao não fazer aproximação a alguma teoria, mas mostrar que os contatos existiram e seus impactos nos acompanham até hoje por meio da língua.

O próprio autor Cornwell, no breve ensaio “A criação da Inglaterra. O pano de fundo da história de Uhtred”, presente no final do nono livro da série (Título da tradução brasileira: “Guerreiros de Tempestade”), reforça que o impacto dos *vikings* sobre a Língua Inglesa é uma das heranças mais significativas deixada como resultado da “colonização” desses povos:

A língua que seus cidadãos falavam era, ou iria se tornar, inglesa, mas sofria uma tremenda influência dos nórdicos. Pensamos nos vikings como invasores, homens violentos trazendo terror em seus barcos longos com cabeças de feras, mas, como os saxões antes deles, também eram colonizadores e deixaram sua marca na Inglaterra e na língua inglesa. O norte e o leste da Inglaterra estão cheios de nomes de lugares dados pelos colonos vikings; qualquer cidade cujo nome termine em “by”, como Grimsby, é um povoado viking. “Thorpe”, “toft” e “thwaite” são outros elementos encontrados somente em nomes de cidades do norte e do leste, evidências de povoados vikings. Esses colonos se casaram com saxões e adotaram a religião saxã. Adotaram também a língua, mas introduziram muitas palavras escandinavas que ainda usamos. Os bolos queimados do rei Alfredo podem ter contido “eyren”, mas, graças aos nórdicos, nós, os ingleses, os chamamos de “eggs” (ovos). “Slaughter” (matança), “sky” (céu), “window” (janela), “anger” (raiva), “husband” (marido), “freckle” (sarda), “leg” (perna), “trust” (confiança), “dazzle” (ofuscar, fascinar); a lista poderia continuar para sempre, toda feita de palavras doadas aos ingleses pelos colonos escandinavos (CORNWELL, 2016c, p. 348).

---

<sup>60</sup> [...] Podiam falar mais ou menos uns com os outros porque eu havia notado que na Nortúmbria as línguas dinamarquesa e saxã estavam ficando emboçadas. De qualquer modo as duas línguas eram parecidas, e a maioria dos dinamarqueses podia ser entendida pelos saxões se gritasse suficientemente alto, mas agora as duas iam ficando cada vez mais parecidas. Em vez de falar sobre sua capacidade com a espada — *swordcraft* —, os *earsling* saxões da guarda pessoal de Guthred alardeavam sua habilidade — *skill* — com uma espada, mesmo não tendo nenhuma, e comiam *eggs* — ovos — em vez de *eyren*. Enquanto isso, os dinamarqueses chamavam cavalos de *horse* em vez de *hros* e algumas vezes era difícil saber se alguém era dinamarquês ou saxão. Frequentemente eram as duas coisas, filhos de pai dinamarquês e mãe saxã, mas jamais o contrário (CORNWELL, 2016b, p. 83).



Interessante o ponto de vista deixado pelo autor ao defender que a importância dos temíveis *vikings*, habitualmente reconhecidos como “invasores” (até mesmo mencionamos algumas vezes dessa forma nesse trabalho), é percebida a partir do momento em que reconhecemos esses povos como **colonizadores** no território inglês.

Albuquerque (2017a), bem como Martini e Soares (2016), mencionam outros impactos, como a adoção de nomes próprios anglo-saxões por escandinavos (e vice-versa). De acordo com Albuquerque, aderir “um novo nome ou um novo idioma é uma forma de reconfigurar os laços com a comunidade local” (2017a, p. 39). Além disso, outra consequência linguística, que está materializada na geografia inglesa, refere-se aos “topônimos” - nomes de locais.

De acordo com Julian Richards, há quatro categorias principais para se avaliar os topônimos escandinavos: 1) a partir do sufixo – *by*, que significa aldeia; 2) a partir do sufixo –*thorp*, que designa normalmente áreas secundárias subordinadas a outra em termos de exploração; 3) *Grimston hybrids*, uma combinação de elementos de nomes próprios escandinavos com o sufixo em inglês antigo –*ton*; 4) mudanças na pronúncia de palavras anglo-saxãs, a fim de evitar sons não escandinavos (ALBUQUERQUE, 2017a, p. 39-40).

Para o item 4), o melhor exemplo que citamos é a cidade de York. Antes do estabelecimento dos nórdicos no local, a cidade era conhecida por *Eoferwic*. Depois dos ataques do Grande Exército à Nortúmbria, que resultaram na conquista da região, “Eoferwic passou, então, a ser chamada de Jorvik” (OLIVEIRA, 2017, p. 444). Esse fato é posto em *Saxon Stories*, quando de uma conversa entre o dinamarquês Ragnar e o ainda menino, Uhtred: “[...] but you saw what happened at Yorvik.’ That was how the Danes pronounced Eoferwic. For some reason they found that name difficult, so they said Yorvik instead” (CORNWELL, 2005, p. 55)<sup>61</sup>.

O hibridismo “anglo-escandinavo” pode ser observado também em produções de cunho artístico. Albuquerque cita as esculturas, tais como “cruzes,

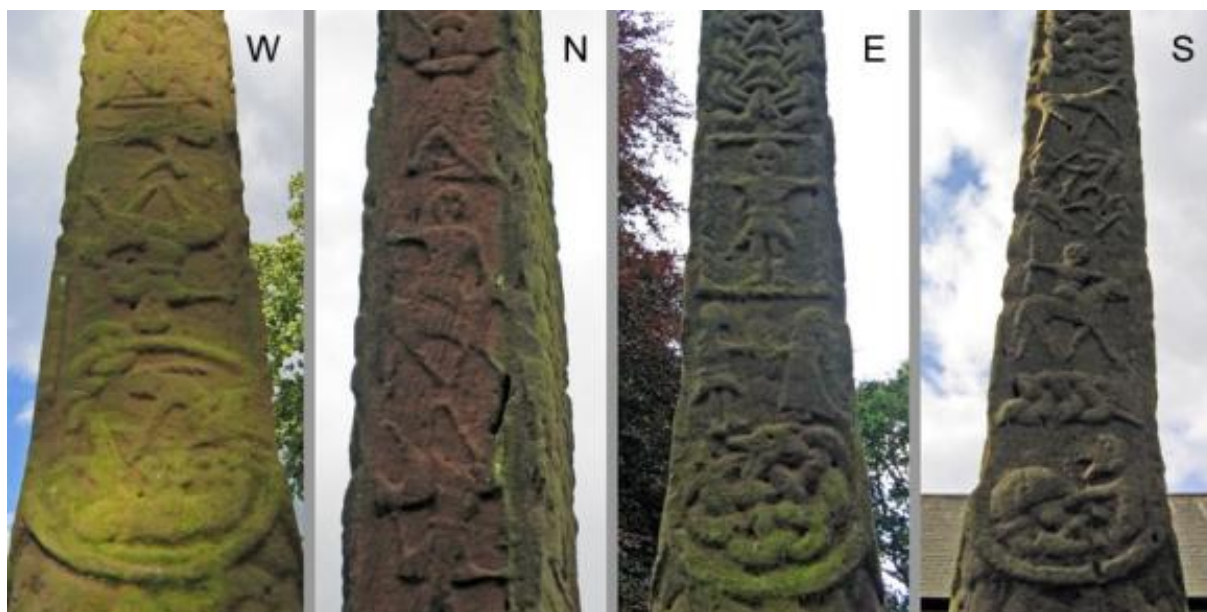
---

<sup>61</sup> [...] “Mas você viu o que aconteceu em Yorvik. — Era assim que os dinamarqueses pronunciavam Eoferwic. Por algum motivo achavam esse nome difícil, por isso falavam Yorvik” (CORNWELL, 2006b, p. 69).

tábuas, tampos de tumbas” (2017a, p. 40), e que são majoritariamente encontradas nas regiões do norte da Inglaterra.

As esculturas de pedra dos séculos X-XI diferem da do período anglo-saxão não só em ornamentação, mas também com relação à sua função. A utilização destes monumentos enquanto artefatos funerários, pois a maioria se encontra em cemitérios paroquiais, sugere que estes foram feitos para uma elite escandinava. A confecção de cruzes já era uma prática recorrente no período anglo-saxão, mas com a presença escandinava podem ser nelas observados elementos estilísticos distintos, nos quais está presente a referência a um passado pré-cristão. Exemplos desses artefatos são as cruzes de Gosforth, no noroeste da Inglaterra, no cemitério da igreja de St. Mary, e a Cruz de Middleton datada do século IX-X, que se encontra na igreja de St. Andrew, em Yorkshire (ALBUQUERQUE, 2017a, p. 40).

**Figura 6** Uma das cruzes de Gosforth em detalhes (Cumbria, Inglaterra, 920-950, d.C.)



Fonte: GRANT, John. **Introdução à mitologia Viking**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000, p. 116 e 118 (*apud* LANGER, 2012, p. 10).

Nessa cruz estão esculpidas várias imagens que, de acordo com Langer (2012), seguem a tendência de retratar o fim do mundo no estilo nórdico pagão (*Ragnarök*). Além disso, o pesquisador ressalta dois aspectos que revelam que essa obra artística comprova “o enorme hibridismo cultural que vivia a sociedade neste momento, atestando a adaptação de valores pagãos ao cristianismo [...]” (LANGER, 2012, p. 15):

Dois aspectos da cruz são primordiais para este ponto de vista e foram totalmente negligenciados pelos analistas. Primeiramente, na cena de crucificação – que ocupa um nicho retangular formado por linhas trançadas - vemos Cristo sendo perfurado pela lança de Longinus, que se encontra abaixo deste nicho. Em frente ao guerreiro romano, uma mulher oferece um corno de bebida. Quando a cena é vislumbrada apenas olhando para Longinus e Cristo (de cima para baixo ou ao contrário), percebemos uma imagem cristã. Mas quando o observador se concentra apenas na cena inferior (da esquerda para a direita ou vice versa), vai olhar para uma típica representação presente na área pagã escandinava – uma valquíria recebendo o herói morto no Valhalla. Para o referencial de um ex-politeísta, os diferentes mundos podem se ligar de alguma forma, sendo uma inteligente justaposição de imagens capaz de levar o sentimento ambíguo presente no patrocinador do monumento (LANGER, 2012, p. 15).

A partir desses fundamentos e primeiros eventos históricos discutidos nesse capítulo o romance de Cornwell se desenrola, levando em consideração a vida do protagonista e sua participação fictícia na história da formação da Inglaterra, que se deve, primordialmente, às persistentes tentativas de expulsão dos invasores escandinavos. Como o próprio autor inglês define, citando um trecho de um anônimo poeta anglo-saxão do século X:

O destino é inexorável! Assim falou o que pisa na terra (o andarilho), consciente das dificuldades, das chacinas selvagens e da queda dos familiares.” Chacinas e dificuldades; essa é a história da criação da Inglaterra (CORNWELL, 2016c, p. 349).

Outrossim, como evidenciaremos a seguir, *Saxon Stories* exterioriza várias circunstâncias que reverberam as relações das duas culturas em foco, anglo-saxã e escandinava, cristãos e pagãos, que mantiveram contato por tanto tempo até se fundirem nos diferentes aspectos da cultura inglesa, especialmente na língua, política e geografia.

## 2.4 A História na Ficção

A história do personagem em *The Last Kingdom* (2004) começa em 866 d. C, na região da Nortúmbria, especificamente na fortaleza de Bebbanburg, governada por seu pai biológico, coincidindo com a chegada dos dinamarqueses

no local. Uhtred, um menino anglo-saxão de nove anos de idade, é capturado pelos invasores após a batalha que resultou na morte de seu pai biológico. A partir desse momento, ele ganha uma nova família, que o envolve em uma nova cultura.

Bebbanburg (Castelo de Bamburgh) passa a ser governada por seu tio, Ælfric, que trama a sua morte para evitar futuras exigências do verdadeiro herdeiro daquelas terras. Esse evento incita no protagonista a vontade de vingança e de recuperar as terras que seriam suas por lei. Esse é o principal objetivo de Uhtred durante toda a narrativa de *Saxon Stories*.

Uhtred é criado pelo *earl* dinamarquês Ragnar, que passa a considerá-lo como seu próprio filho. Ao fazer parte do grupo dos dinamarqueses, o protagonista abandona sua religião nativa, o Cristianismo, para adorar os deuses da religiosidade nórdica. Uhtred aprende a lutar, e, ao crescer, se junta ao Grande Exército Pagão, liderado pelos irmãos Lothbrok. Ragnar fez juramento para servir Ivar, e, dessa forma, Uhtred segue sua liderança, invadindo a Ânglia Oriental e a Mércia e ajudando-os a conquistar a maior parte da Inglaterra saxônica. O protagonista percebe nesse momento que ele nasceu para ser um guerreiro em batalha (ALLREADERS, 2012a)<sup>62</sup>.

O personagem passa, dessa forma, a se sentir dividido entre o amor que sente pelos dinamarqueses e o sentimento de dever às suas antigas origens anglo-saxãs. Esses conflitos identitários são fortalecidos quando seu pai adotivo dinamarquês, Ragnar, é morto traiçoeiramente por Kjartan, um dinamarquês de seu grupo, fazendo com que Uhtred, então um adolescente, juntamente com sua amiga e companheira anglo-saxã, Brida, que também havia sido tomada pelo grupo de dinamarqueses, vão em procura de Alfred, o rei de Wessex.

O filho de Ragnar, também chamado Ragnar, volta da Irlanda e reencontra Uhtred e Brida. Uhtred também volta a conviver com seu velho amigo Beocca, que era padre em Bebbanburg, mas que se tornara servidor de Alfred no Wessex. O sacerdote convence Uhtred a fazer o juramento de que serviria o rei Alfred enquanto guerreiro. Ragnar e Brida insistem com o amigo Uhtred para que se junte a eles para seguir sua vida como um *viking*. Mesmo tentado com o convite,

---

<sup>62</sup> Este parágrafo foi escrito com base nos principais pontos do *Plot* apresentado pelo site de resumos literários “*allreaders.com*”. Disponível em: <http://allreaders.com/book-review-summary/the-last-kingdom-saxon-chronicles-1-39526> Acesso em: 30 dez. 2018

Uhtred permanece em Wessex. Por conseguinte, Uhtred casa com Mildrith, uma anglo-saxã muito devota, ação que foi praticamente ordenada pelo rei Alfred, com a promessa de novas terras ao guerreiro.

Mesmo servindo com lealdade, e apesar da admiração que demonstra pela inteligência, competência e astúcia do rei do Wessex, Uhtred possuía muitas mágoas contra Alfred. Esse sentimento se acentua na passagem do primeiro para o segundo livro, em consequência da batalha em Cynuit (Cynuit Hillfort), na qual Uhtred mata o temível Ubba, um dos mais bravos guerreiros escandinavos que já existiu, favorecendo mais uma vez o governo alfrediano.

Em *The Pale Horseman* (2005), Uhtred é injustiçado, quando Odda, o jovem, declara para a corte alfrediana que ele fora o responsável pela morte de Ubba. Ao tentar comprovar seu mérito a Alfred e seus conselheiros, Uhtred acaba violando, sem saber, uma das leis de Wessex, ao desembainhar sua espada na frente do rei. Em razão disso, o protagonista sofre algumas humilhações em público, consentidas pelo rei.

Revoltado, Uhtred resolve partir para o mar com seu amigo saxão Leofric, sem rumo, apenas objetivando práticas de pirataria. Nesse desfecho, Uhtred chega à região de Cornwallum (Cornualha), onde conhece a rainha Iseult, por quem desenvolve uma intensa paixão, e também o histórico bispo Asser, que se torna seu inimigo. Contratado pelo rei local, Peredur, para expulsar alguns dinamarqueses de Cornwallum, Uhtred conhece Svein do Cavalo Branco, com quem traiçoeiramente constitui uma aliança, atacando o pequeno reino bretão e levando consigo Iseult, que é muito temida por ser considerada uma rainha das sombras, - um tipo de bruxa, segundo a população local, - cujo maior poder é prever o futuro.

Uhtred leva Iseult de volta às suas terras em Wessex, onde eles se tornam amantes. Consequentemente, Uhtred abandona sua esposa saxã, Mildrith, que segue sua vida servindo a Deus em um convento. O rei Alfred, ao ficar sabendo, por meio de Asser, da invasão não autorizada do protagonista nas terras de Cornwallum, convoca Uhtred a Wintanceaster (Winchester) para responder por seus crimes contra os cristãos. Uhtred recusa se humilhar diante de Alfred e é condenado a um julgamento por meio de um combate contra Steapa, o campeão

do rei. Nesse contexto, situado por volta de 877, o Grande Exército Pagão é liderado por um dinamarquês chamado Guthrum (ALLREADERS, 2012b).

A luta de Steapa e Uhtred é interrompida por um grupo invasor de nórdicos, possibilitando a fuga de Uhtred. O ataque surpresa foi arquitetado por Guthrum, que quebrou o acordo de paz entre Wessex e os dinamarqueses de Ânglia Oriental. O exército de Guthrum chega em Wessex, capturando Wintanceaster e as terras vizinhas e forçando Alfred e sua família a se refugiarem nos pântanos fora de Defnascir (ALLREADERS, 2012b).

Uhtred protege Alfred durante esse período e acaba elaborando um plano pelo qual os saxões remanescentes recuperariam Wintanceaster dos dinamarqueses do grupo de Guthrum. O momento final é a histórica Batalha de Ethandun (Batalha de Edington), uma luta massiva que resultou na restauração do domínio saxão em Wessex, mas na morte de Iseult, a querida amante de Uhtred (ALLREADERS, 2012b)<sup>63</sup>.

No terceiro livro, *The Lords of the North* (2006), Kjartan, o responsável pela morte de Ragnar e sua família, agora governa grande parte da Nortúmbria, em uma fortaleza em Dunholm (Durham). Além disso, um segundo exército dinamarquês liderado por Ivarr, filho de Ivar o Desossado, agrupa-se ao longo da fronteira norte com a Escócia. Uhtred se depara com um grupo de *vikings*, liderados por seu inimigo de infância Sven, filho de Kjartan. Diante desse cenário, o protagonista finge ser um “guerreiro morto” para assustar e humilhar Sven, seus homens e libertar os escravizados pelo grupo (ALLREADERS, 2012c).

Guthred, um dinamarquês que se dizia rei da Nortúmbria, é um dos cativos libertados e a quem Uhtred passa a demonstrar certa afeição (ALLREADERS, 2012c). Por isso, o protagonista o auxilia na tentativa de estabelecer sua realeza ao norte. Guthred, encantado pelas relíquias e pela “magia” cristã (como ele próprio acreditava), escolhe ser batizado. Assim, seu pequeno reino passa a reunir povos anglo-saxões e dinamarqueses convivendo lado a lado. Nesse contexto, Uhtred se apaixona, profundamente, pela irmã de Guthred, Gisela, com quem se casa mais tarde.

---

<sup>63</sup> Este parágrafo e os dois anteriores foram escritos com base nos principais pontos do *Plot* apresentado pelo site de resumos literários “*allreaders.com*”. Disponível em: <http://allreaders.com/book-review-summary/the-pale-horseman-39540> Acesso em: 30 dez. 2018

Secretamente, Guthred faz um pacto com Ælfric de Bebbanburg e Ivarr Ivarsson, o qual exige que ele se livre de Uhtred. Assim, Uhtred é vendido como escravo para um pirata dinamarquês. Durante sua escravidão, o protagonista conhece um irlandês cristão chamado Finan, que se torna seu amigo. Quando Hild - uma freira que foi salva dos dinamarqueses por Uhtred, em *The Pale Horseman* (2005), - descobre o destino do protagonista, ela retorna a Wessex e implora a Alfred que o salve. O rei envia seu campeão Steapa com um navio de homens armados para libertar Uhtred do cativo. Mais uma vez, sentindo-se em débito para com Alfred, Uhtred concorda em fazer as pazes com Guthred, com o objetivo de derrotar as crescentes ameaças de Ivarr e Kjartan (ALLREADERS, 2012c).

Uhtred, juntamente com seu irmão adotivo, Ragnar Ragnarsson, descobre que Kjartan manteve a irmã de sangue de Ragnar e adotiva de Uhtred, Thyra, por mais de dez anos em cativo, onde foi estuprada e torturada por Kjartan, Sven e seus homens. Ragnar, o jovem, mata Kjartan de forma humilhante - sem oportunizar uma morte digna de guerreiro, com a espada na mão - e toma para si a fortaleza de Dunholm. Thyra é então resgatada e se apaixona pelo padre Beocca, com quem se casa (ALLREADERS, 2012c)<sup>64</sup>. A história termina com a morte de Ivarr pelas mãos de Uhtred, em batalha entre os exércitos de Guthred e Ivarr.

Nos livros, o autor procura manter uma toponímia próxima da utilizada naqueles anos. Entretanto, pela toponímia do período anglo-saxão ser incerta, por exemplo, “Londres era conhecida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres” (CORNWELL, 2006, p. 11), e muitas vezes apresentar nomes em um formato que ficaria extremamente difícil para o entendimento do leitor, Cornwell aborda que em alguns casos, ele opta por uma grafia mais acessível. Assim, o autor explica: “em vez de Norðhymbraland, usei Nortúmbria para evitar a sugestão de que as fronteiras do antigo reino coincidiam com as do condado moderno” (CORNWELL, 2006, p. 11). Para os nomes de lugares mantidos em um formato antigo, colocamos sua atual grafia em parênteses.

---

<sup>64</sup> O enredo de *The Lords of the North* (2006) aqui descrito é uma adaptação do *Plot* apresentado pelo site de resumos literários “*allreaders.com*”. Disponível em: <http://allreaders.com/book-review-summary/lords-of-the-north-39544> Acesso em: 30 dez. 2018

O breve resumo mostra como a trajetória de Uhtred é constituída pela transição entre o contexto anglo-saxão para o escandinavo, e vice-versa. No começo, o protagonista está sempre inserido em um contexto anglo-saxão; em seguida, ocorre algum evento que fomenta a sua inclusão em um grupo dinamarquês, e, por fim, por alguma razão, ele acaba retornando às suas origens anglo-saxãs. Além disso, conforme as narrativas vão se desenvolvendo, percebe-se que o amálgama de personagens anglo-saxões e dinamarqueses vai se acentuando.

Talvez o momento que mais represente o hibridismo entre anglo-saxões e escandinavos esteja presente no terceiro livro, quando da consolidação do pequeno reinado de Guthred, no qual cristãos e pagãos, anglo-saxões e dinamarqueses são governados por um mesmo rei: um dinamarquês que se converte ao Cristianismo. De acordo com Cornwell, existiu um rei chamado Guthred (também apresentado em algumas fontes como Guthfrid), que ocupou um trono substituindo um rei-marionete anglo-saxão. Sobretudo, consideramos que o próprio personagem Uhtred é uma clara representação que une essas duas culturas.

Em suma, o contexto histórico, que serve como pano de fundo da narrativa, no primeiro volume, como referenciado, trata dos primeiros ataques dos dinamarqueses aos anglo-saxões (no século IX), até o momento em que Wessex passa a ser o último reino a resistir. O segundo volume relata como Wessex quase foi em direção ao “esquecimento da História”, como o próprio autor explica em sua Nota Histórica. E, por fim, o terceiro volume, descreve a formação da *Danelaw*, especificando os acordos de paz entre o rei Alfred e o dinamarquês Guthrum, que foi até batizado para ser reconhecido como rei da Ânglia Oriental. A partir desses fatos, que focam na história de Alfred e Wessex, o roteiro envolve a história de outras regiões britânicas, como a Nortúmbria e regiões que até então não faziam parte do complexo anglo-saxão, como a Cornualha.



### Capítulo 3 As fronteiras entre história, ficção e memória

*Com on wanre niht scridan sceaðugenga.  
From out of the wan night slides the shadow walker.  
Saindo das noites lívidas desliza o caminhante das sombras.*

*Beowulf*

*(Bernard Cornwell – The Lords of the North)*

I.

É indiscutível que *Saxon Stories* envolve principalmente o embate de poderes dos povos anglo-saxões e escandinavos, levando a ampliar reflexões acerca dos confrontos entre cristãos e pagãos. Nessa perspectiva, a série em estudo, ao relacionar personagens fictícios e reais, oportuniza uma leitura histórica da época relatada.

Quando se trata de gênero literário, podemos inferir que Bernard Cornwell é um escritor de ficção-histórica. Ao atingir a um público interessado por história, o autor britânico seria um investigador da história juntamente com seus leitores, como argumenta Carlos Sanz Mingo, quando pontua algumas questões acerca do romance histórico:

From a point of view of communication, in the traditional novel we have the following scheme:

producer (i.e. writer) > message (the book) > recipient (reader)

But this scheme changes with the historical novel, due to the fact that the writer is an emitter and a recipient at the same time. He has had to investigate in chronicles, for example, to find out the plot for his novel or the characters. (MINGO, 2017, p. 13-14)<sup>65</sup>

Mingo difere o romance tradicional do romance histórico, destacando o papel do escritor enquanto leitor da história. Justifica-se, assim, que as produções de Cornwell apresentam um papel significativo quando se trata de criar e manter

---

<sup>65</sup> De um ponto de vista da comunicação, no romance tradicional nós temos o seguinte esquema: produtor (escritor) > mensagem (o livro) > receptor (leitor). Mas esse esquema muda com o Romance Histórico, devido ao fato de que o escritor é um emissor e um receptor ao mesmo tempo. Ele tem que investigar nas crônicas, por exemplo, para encontrar um enredo ou os personagens para seu romance (MINGO, 2017, p. 13-14) (tradução nossa).

memórias, bem como questionar o fazer historiográfico acerca do período histórico que narra em suas ficções.

O precursor dos estudos referentes aos romances que procuram narrar a história foi György Lukács. Baseando-se nas obras de Walter Scott, o autor tece sua teorização acerca do que seria um bom romance histórico. Suas origens, segundo o estudioso marxista, está atada ao Romantismo e aos eventos que seguem a Revolução Francesa. O autor defende que a ascensão e o declínio do romance histórico tradicional seriam consequências das “grandes convulsões sociais dos tempos modernos [...]” e “[...] seus diferentes problemas formais são reflexo dessas convulsões histórico-sociais” (LUKÁCS, 2011, p. 31).

Mingo utiliza-se, em um primeiro momento, dos preceitos de Lukács para estabelecer que *The Warlord Chronicles*, obra de Cornwell que analisa, é um romance histórico:

[...] Lukács states that any historical novel is not a complete novel if the following three points are not taken into account:

- (a) The characters have to be placed within a historical context.
- (b) There must be an impression of historical verisimilitude or realism.
- (c) The novel has to offer a possibility to criticise and analyse current affairs and events through a narration of the past (MINGO, 2017, p. 15)<sup>66</sup>.

Nesse sentido, o nosso objeto de estudo, *Saxon Stories*, se enquadraria no gênero, pois apresenta personagens fictícios e a representação de personagens reais, todos situados em um mesmo contexto histórico e geográfico: o século IX, na Inglaterra. Em complemento, Mingo acentua que na obra *The Warlord Chronicles*, Bernard Cornwell não apenas “place his characters in a historical context, but also he uses historical characters that interact with, let us say, “normal” or “average” characters in the plot” (MINGO 2017, p.15)<sup>67</sup>. Da mesma forma, em *Saxon Stories*, em que o próprio protagonista não é um personagem

---

<sup>66</sup> [...] Lukács define que qualquer romance histórico não é um romance completo se não seguir esses três pontos: (a) Os personagens devem estar situados em um contexto histórico. (b) Deve haver uma impressão de verossimilhança ou realismo histórico. (c) O romance deve oferecer a possibilidade de criticar e analisar eventos atuais através da narração do passado (MINGO, 2017, p. 15) (tradução nossa).

<sup>67</sup> [...] situa suas personagens em um contexto histórico, mas também ele se utiliza de personagens históricas que interagem com, podemos dizer, personagens “normais” ou “comuns” na narrativa (MINGO, 2017, p. 15) (tradução nossa).

icônico da história, como o Rei Alfred, mas sim um personagem fictício que interage com essa e outras grandes figuras históricas.

A verossimilhança da narrativa de Cornwell com a “realidade histórica” é, até certo ponto, bem característica. Ao final de cada volume, o autor preocupa-se em escrever uma “Nota Histórica”, na qual justifica os limites do que é ficção e do que é baseado fielmente nos fatos reais em sua obra.

Acrescentamos que para Lukács, “o bom romance histórico resulta da compreensão do relacionamento entre o passado histórico e o tempo presente” (1972 *apud* WEINHARDT, 2011, p. 29). Ou seja, o romance histórico não deve ser construído com o fim de fugir do tempo presente. Compreendemos que os fios que conectam a relação entre o presente e o passado são constituídos principalmente pela memória. Dessa forma, entende-se também que a ficção histórica pretende “seduzir-nos com a memória dos homens e dos fatos que vieram antes de nós” (BASTOS, 2007, p. 13).

Em *Saxon Stories*, Cornwell deixa indícios da relação entre passado e presente ao incitar reflexões acerca do processo de formação da Inglaterra, essencialmente no que tange às influências do relacionamento entre os povos escandinavos e anglo-saxões. Por exemplo, reflete-se a respeito dessas influências na Língua Inglesa, na formação de hábitos e costumes da sociedade inglesa, e, principalmente, na predominância do Cristianismo, não somente enquanto religião, mas como regente ideológico. Da mesma forma, Mingo identifica essa relação na trilogia *The Warlord Chronicles*, sendo que “all the problems Cornwell talk about, like wars for trivial reasons, changes in the alliances, innocent people’s deaths, are appropriate to this modern world” (2017, p. 16)<sup>68</sup>. Mingo destaca que a obra de Cornwell que analisa é uma história da História, pois traz um panorama de dados acerca de economia, fatos sociais, política e dados culturais do passado histórico da narrativa, mas que convergem com o tempo presente.

Ao contextualizar historicamente o período relatado na obra de Cornwell que analisamos, duas fontes documentais referentes a esse momento e que são significativas para a historiografia são *The Anglo-saxon Chronicle* e *The Life of*

---

<sup>68</sup> “[...] todos os problemas que Cornwell traz, como guerras por motivos triviais, mudanças de alianças, morte de pessoas inocentes, se apropriam ao mundo moderno” (2017, p. 16) (tradução nossa).

*King Alfred*. O próprio Bernard Cornwell admite ter utilizado essas fontes para construir o seu romance histórico. Entretanto, não se pode afirmar que tais fontes certificam a realidade histórica que relatam, pois, ao repetir tal realidade por meio das palavras, a modificam. Do mesmo modo, a série *Saxon Stories*, ao repetir a história relatada nos textos medievais, a torna nova e diferente. São realidades que existem pela linguagem. Ao mesmo tempo, essas representações geram reflexões acerca do que é real na história: os textos medievais, vistos aqui enquanto documentação histórica, auxiliam historiadores na tentativa de reformular o passado; por outro lado, o texto literário de Cornwell, por meio da memória, cria uma nova realidade histórica que possibilita aos leitores um conhecimento panorâmico dos acontecimentos históricos ditos “reais”, mas que, ao mesmo tempo, gera questionamentos e reflexões críticas acerca do que se conhece do “real histórico” relatado.

Questiona-se: de que forma o real é representado pela historiografia? Na prática, constata-se que pesquisadores contemporâneos, a exemplo da brasileira Isabela Albuquerque, se apropriam de diversas fontes, como as narrativas da Inglaterra anglo-saxônica, com o fim de “representar” a história, cada um conforme suas leituras e interpretações, trazendo assim novos significados. Roland Barthes (1988) caracteriza o discurso histórico enquanto “elaboração ideológica” e complementa que “o fato nunca tem mais do que existência linguística [...], e, no entanto, tudo se passa como se sua existência não fosse senão a cópia pura e simples de outra existência, situada num campo extraestrutural, o ‘real’” (*apud* WEINHARDT, 2011, p. 16).

Benedito Nunes (1987) afirma que “o conceito de representação é uma falácia [...]” tanto para a ficção quanto para a historiografia, pois, segundo ele, “[...] é impossível reconstruir o que já não existe” (*apud* WEINHARDT, 2011, p. 21). Ele explica que por mais fontes e documentos que estejam ao alcance tanto do historiador quanto do ficcionista, “é preciso recorrer à imaginação para estabelecer nexos entre eles de modo a recriar os fatos, ou melhor, criá-los, visto que a recriação é uma impossibilidade” (NUNES, 1987 *apud* WEINHARDT, 2011, p. 21). Dessa forma, Nunes chamaria a representação de “figuração”, e o ato de leitura de “reconfiguração”. Entretanto, é preciso assinalar, em um primeiro momento, que “o discurso histórico e o ficcional podem se aproximar, mas não se

confundem” (WEINHARDT, 2011, p. 25), pois, mesmo sendo duas construções verbais, “a narrativa histórica se constrói sobre fatos reais, e a narrativa ficcional sobre fatos imaginários” (WEINHARDT, 2011, p. 14).

Entende-se que a representação age diferentemente no trabalho historiográfico e no trabalho ficcional. Como explica Costa Lima, é a organização e a interpretação que definem o trabalho do historiador no momento de representar, ao passo que o ficcionista concebe “uma representação desestabilizadora do mundo [...], uma representação desestabilizante das representações” (1989, p. 102 *apud* WEINHARDT, 2011, p. 21).

Tudo isso convergiria com a visão aristotélica de que o historiador “narra acontecimentos [...]”, e o poeta, “[...] fatos que poderiam acontecer” (BASTOS, 2007, p. 18). Almeno Bastos identifica essa visão aristotélica em *Dom Quixote*, de Cervantes, na qual há um trecho em que o personagem Sansão parafraseia Aristóteles<sup>69</sup>, e denota que nesse momento há uma “metanarratividade” já que os personagens, além de discutirem “questões teóricas sobre a transposição discursiva de fatos verídicos, históricos no sentido mais amplo do termo, produzem uma reflexão [...] sobre o próprio texto que apresenta ao leitor” (2007, p. 27-28). Da mesma forma, é possível identificar esse teor “metanarrativo” em *Saxon Stories*.

Linda Hutcheon, um dos nomes mais expressivos quando se trata de repensar a ficção-histórica no contexto do pós-modernismo, cunhou o termo “metaficção historiográfica”. Em sua obra *Poética do Pós-modernismo* (1991), a autora já começa acentuando que tanto a história quanto a ficção são “criações humanas” (HUTCHEON, 1991, p. 22). Nessa perspectiva, recusa-se e questiona-se a ideia de que apenas a história objetiva alcançar a verdade, sendo que história e ficção são ambos “discursos, construtos humanos, sistemas de significação [...]”, e por isso, as duas são capazes de obter sua “[...] pretensão à verdade” (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Importa acentuar que a metaficção historiográfica diferencia-se da ficção-histórica tradicional do século XIX. Para consolidar sua defesa, Hutcheon contesta

---

<sup>69</sup> - Assim é – redarguiu Sansão -, mas uma coisa é escrever como poeta, e outra como historiador; o poeta pode contar ou cantar as coisas não como foram, mas como deviam ser, e o historiador há de escrevê-las, não como deviam ser, mas como foram, sem acrescentar nem tirar à verdade a mínima coisa (CERVANTES, 1960, p. 537 *apud* BASTOS, 2007, p. 27)

Lukács<sup>70</sup>, que, segundo ela, defendia que “o romance histórico poderia encenar o processo histórico por meio da apresentação de um microcosmo que generaliza e concentra [...]”, o que significa que “[...] o protagonista deveria ser um tipo, uma síntese do geral e do particular” (1991, p. 151). Hutcheon especifica que na metaficção historiográfica, por outro lado, os protagonistas podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: “são os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional [...]” sendo que “[...] até os personagens históricos assumem um *status* diferente” (1991, p. 151). Nesse sentido, “a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico [...]” o que faz com que “[...] certos detalhes históricos conhecidos [...]” sejam “[...] deliberadamente falsificados para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

Hutcheon contesta também a defesa de Lukács de que os personagens históricos devem atuar na narrativa ficcional por meio de papéis secundários. Para o estudioso marxista, os heróis não deveriam ser as grandes figuras históricas, pois para ele não importava repetir os grandes acontecimentos, mas sim colocar em cena a esfera popular que vivenciou tais experiências. Nas palavras do autor, “os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial” (LUKÁCS, 2011, p. 60). Por esse viés, Lukács diferencia o romance da epopeia, sendo o primeiro destinado a refletir a classe popular da sociedade, enquanto o segundo é protagonizado pelas figuras estimadas pela história.

Hutcheon, entretanto, refuta essa ideia que ocorre em muitos romances históricos tradicionais, nos quais, nas palavras dela, “as figuras reais do passado são desenvolvidas com o objetivo de legitimizar ou autenticar o mundo ficcional com sua presença, como se para ocultar as ligações entre ficção e história com um passe de mágica ontológico e formal” (1991, p. 152). A autora explica que isso não acontece na metaficção historiográfica, pois esta “adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

---

<sup>70</sup> É importante denotar que György Lukács (1885-1971) e Linda Hutcheon (1947- ) pertencem a momentos históricos diferentes, o que contribui para que Hutcheon procure avançar as ideias do pensador.

O que caracterizaria a metaficção historiográfica, sobretudo, é seu caráter de autoconsciência, de autorreflexão, que faz com que o próprio romance reflita acerca do processo de criação discursiva da ficção e da história, ou seja, a capacidade de questionar as verdades (ou “impressões de verdade”) históricas embasadas na narrativa ficcional: “como é que conhecemos o passado? O que é que conhecemos (o que podemos conhecer) sobre ele no momento?” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

A “metanarratividade”, que Bastos (2007) identifica em *Dom Quixote*, aproxima-se dos preceitos da metaficção historiográfica. Por essas perspectivas, identificamos em *Saxon Stories*, por meio de reflexões que vão além do processo de criação do poeta e do historiador, questionamentos acerca do que é tomado por “verdade” no mundo contemporâneo, como podemos verificar no seguinte excerto, presente no terceiro livro, no qual o dinamarquês Ragnar e Uhtred dialogam acerca da escrita na sociedade cristã:

Ragnar and I were waiting for the king and we set on the newlyscythed grass in a courtyard and Ragnar watched a monk carrying a pile of parchments to the royal scriptorium. ‘Everything’s written down here,’ he said, ‘everything! Can you read?’  
 ‘I can read and write.’  
 He was impressed by that. ‘Is it useful?’  
 ‘It’s never been useful for me,’ I admitted.  
 ‘So why do they do it?’ he wondered.  
 ‘Their religion is written down,’ I said, ‘ours isn’t’.  
 ‘A written religion?’ He was puzzled by that.  
 ‘They’ve got a book,’ I said, ‘and it’s all in there.’  
 ‘Why do they need it written down?’  
 ‘I don’t know. They just do. And, of course, they write down the laws. Alfred loves making new laws, and they all have to be written in books.’  
 ‘If a man can’t remember the laws,’ Ragnar said, ‘then he’s got too many of them’ (CORNWELL, 2007, p. 218)<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> Ragnar e eu estávamos esperando o rei e nos sentamos na grama recém-cortada num pátio, e ele olhou um monge carregando uma pilha de pergaminhos até o scriptorium real. — Tudo aqui é escrito — disse ele. —Tudo. Você sabe ler? / — Sei ler e escrever. / Ele ficou impressionado. /— Isso é útil? / — Nunca foi útil para mim — admiti. / — Então por que eles fazem isso? / — A religião deles é escrita, a nossa não é. / — Uma religião escrita? — Ragnar ficou perplexo. / — Eles têm um livro, e está tudo lá. / — Por que eles precisam que seja escrito? / — Não sei. Só precisam. E, claro, eles escrevem as leis. Alfredo adora fazer leis novas, e todas têm de ser escritas em livros. / — Se um homem não consegue lembrar as leis — disse Ragnar —, é porque tem leis demais (CORNWELL, 2016b, p. 204).

A curiosidade do escandinavo Ragnar acerca das práticas de escrita dos anglo-saxões cristãos baseia-se na ideia de utilidade: para que registrar leis se existe a memória? Dessa forma, o personagem assinala que se não é possível lembrar, é porque há leis em “excesso”, caracterizando a importância da oralidade como principal transmissão de memórias em sua cultura.

O trecho mostra a relação da escrita com o Cristianismo nesse período medieval, levando-nos a refletir como tal fato está atrelado à questão da linguagem como dispositivo de poder, ponto marcante no pensamento foucaultiano (AGAMBEN, 2009). A maior dificuldade encontrada por quem pesquisa a Escandinávia Medieval tem a ver com a carência de materiais escritos do período pré-cristão. Apesar de utilizarem o alfabeto rúnico para registros escritos, os escandinavos não mantinham a prática da escrita da mesma forma como era praticada pela cultura latina. A escrita escandinava no período pré-cristão possuía um carácter mais ritualístico, sendo a oralidade uma prática mais corrente nesse período. A cultura escrita passou a fazer parte da vida dos habitantes da Escandinávia, justamente por causa do Cristianismo, que se consolidou por lá a partir do século XII (tempos depois do período que estamos analisando). Isso leva a concluir, em um primeiro momento, que a escrita é um instrumento de saber, e, conseqüentemente, de poder.

A análise da reflexão acerca do papel da escrita no período relatado por *Saxon Stories* vai ao encontro dos pressupostos de Linda Hutcheon, que acentua que história e literatura são discursos, e portanto, são atividades ligadas à escrita. De acordo com a estudiosa, o elo entre conhecimento e poder releva o impacto da obra de Michel Foucault nas reflexões acerca do pós-modernismo quando se trata da relação do passado com a “redação” desse passado, seja pela ficção ou pela historiografia.

Nesses dois domínios há tentativas declaradas de abordar o passado como [...] já inserido no discurso e, portanto, “sempre já” interpretado (mesmo que apenas pela seleção daquilo que foi registrado por sua inserção numa narrativa). Autoconscientemente, a metaficção historiográfica nos lembra que, embora os acontecimentos tenham mesmo ocorrido no passado real empírico, nós denominamos e constituímos esses acontecimentos como fatos históricos por meio da seleção e do posicionamento narrativo. E, em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento



discursivo, por intermédio de seus vés-tígios no presente (HUTCHEON, 1991, p. 131).

A conduta pós-moderna em ponderar o vínculo entre o conhecimento e a linguagem molda os papéis da metaficção historiográfica. Um deles é “conscientizar o leitor sobre a distinção entre os *acontecimentos* do passado que realmente ocorreram e os  *fatos* por cujo intermédio proporcionamos sentido a esse passado” (HUTCHEON, 1991, p. 281). Verificamos que o cenário do pós-modernismo é marcado por essa constestação crítica do discurso histórico enquanto razão que guia e assegura o domínio do que é verdadeiro.

Em *The Last Kingdom*, há outro momento autorreflexivo acerca da ficção, ao mencionar o trabalho dos poetas, contrapondo o caráter inventivo com o que o narrador diz ser a “realidade”:

The poets, when they speak of war, talk of the shield wall, they talk of the spears and arrows flying, of the blade beating on the shield, of the heroes who fall and the spoils of the victors, but I was to discover that war was really about food. About feeding men and horses. About finding food. The army that eats wins (CORNWELL, 2005, p. 155)<sup>72</sup>.

Em outro momento, em *The Lords of the North*, Uhtred reflete novamente e questiona a respeito da memória dos poetas:

You cannot kill everyone in an enemy army. Or rarely. Whenever the poets sing a tale of battle they always insist that no enemy escapes unless the poet himself happens to be part of the fight when he alone escapes. It is strange that. Poets always live while everyone else dies, but what do poets know? I have never seen a poet in a shield wall (CORNWELL, 2007, p. 282)<sup>73</sup>.

O interessante nesses trechos se refere a uma certa “inversão de conceitos” no modo como o protagonista fala dos poetas. Se entendermos poetas

<sup>72</sup> Quando falam de guerra, os poetas citam a parede de escudos, falam das lanças e flechas voando, de lâmina batendo em escudo, dos heróis que caem e dos espólios dos vitoriosos, mas eu descobriria que a guerra tem a ver com comida. Alimentar homens e cavalos. Encontrar comida. O exército que come vence (CORNWELL, 2006b, p. 175).

<sup>73</sup> Não é possível matar todo mundo num exército inimigo. Ou raramente é possível. Sempre que os poetas cantam uma história de batalha insistem em que nenhum inimigo escapa — a não ser que o próprio poeta por acaso faça parte da luta, caso em que ele sozinho escapa. É estranho isso. Os poetas sempre sobrevivem enquanto todo mundo morre, mas o que os poetas sabem? Nunca vi um poeta numa parede de escudos (CORNWELL, 2016b, p. 260).

e ficcionistas como sinônimos, constatamos que Uhtred os responsabiliza como “criadores exagerados” dos acontecimentos reais. Por outro lado, mesmo sendo um personagem fictício da obra que estamos analisando, o protagonista explica em tom revelador o realismo das guerras e batalhas medievais: não se trata somente da glória e do orgulho de cada povo, mas sim de suprir necessidades físicas de cada combatente. Isso corresponde à ideia do “poeta/ficcionista enquanto historiador”, sendo que testemunhamos uma vontade de expressar a verdade incutida pelo “ficcionista-historiador” por meio da personagem que ironiza, de certo modo, a ficção.

Consonante a essa ideia, Amado Alonso (1942), ao distinguir o poeta do historiador, aponta para uma “incompatibilidade entre o romance histórico e a criação literária” (*apud* BASTOS, 2007, p. 28), a qual poderia ser explicada pelo fato de que, como resume Bastos, os romancistas históricos “empenharam-se pouco em ser romancistas, e muito em ser historiadores” (2007, p. 28). Por outro lado, há quem defenda que o ficcionista histórico é, ao mesmo tempo, um historiador. André Daspre, por exemplo, defende que o romance histórico deve propor uma “forma de representação objetiva da história [...]”, sendo o romancista capaz de fazer uma “[...] análise de uma época tanto quanto o historiador” (*apud* WEINHARDT, 2011, p. 32). Em uma mesma perspectiva, Linhares (1987) assegura que:

O romancista histórico, [...] é um ‘doublé’ de historiador e escritor, capaz de traduzir os fatos históricos sem a monotonia dos textos frios, com os acréscimos artísticos que a ficção proporciona, sem fugir da verdade histórica, podendo até suprir as falhas documentais com o produto de sua imaginação. A verdade histórica, assim, é sempre a sua diretriz, a sua bússola, o seu roteiro (LINHARES, 1987, p. 638 *apud* WEINHARDT, 2011, p. 35).

As duas fontes medievais aqui citadas documentam a história inglesa no período da Era *Viking* sob uma ótica cristã. Diferentemente, em *Saxon Stories* há personagens reais (ou melhor, representações destes), como o rei Alfred e os filhos do lendário Ragnar Lothbrok, e fictícios, como o próprio protagonista, Uhtred. Esses personagens convergem para “representar” ou “figurar” uma nova história, com o fim de dar voz a personagens que foram silenciados pelos documentos históricos da Inglaterra anglo-saxônica, apenas relatadas pelo ponto de vista do

“outro”, que, neste caso, são os invasores escandinavos sendo descritos do ponto de vista dos anglo-saxões. No trecho seguinte observamos uma “inversão” desse ponto de vista, já que o protagonista Uhtred justifica, em tom de verdade, o porquê de os invasores escandinavos terem violentado o monastério de Gyruum.

Guthred led us, and Ivarr and his son rode, and Ulf was there, and so were the two monks, Jaenberth and Ida, who came to say prayers for the monks who had once been massacred at Gyruum. I did not tell them that I had been present at the massacre that had been the work of Ragnar the Elder. He had cause. The monks had murdered Danes and Ragnar had punished them, though these days the story is always told that monks were innocently at prayer and died as spotless martyrs. In truth they were malevolent killers of women and children, but what chance does truth have when priest tell tales? (CORNWELL, 2007, p. 151)<sup>74</sup>.

Nesse excerto, retirado do livro *The Lords of The North*, o discurso do protagonista pretende desmentir a história escrita pelo ponto de vista cristão. Pode-se observar como o personagem ironiza a “verdade cristã” em contraponto com a sua verdade, ao questionar “que chance tem a **verdade** quando são padres que contam as histórias?” (grifo nosso).

Com o fim de aprofundar nossa reflexão, apresentaremos dois trechos extraídos dos documentos medievais, que registram um mesmo acontecimento, para contrastar com a representação ficcional desse momento em *Saxon Stories*. O primeiro, retirado de *The Anglo-saxon Chronicle*, e o segundo, de *The Life of King Alfred*. Os dois referem-se ao mesmo episódio: a luta do Rei Edmund da Ânglia Oriental contra os dinamarqueses.

871 [870]. Here the raiding-army went across Mercia into East Anglia, and took winter-quarters at Thetford; and in that year St Edmund the king fought against them, and the Danish took the victory, and killed the king and conquered all that land, and did for all the monasteries to which they came. At the same time they came to Peterborough: burned and demolished, killed abbot and monks all that found there, brought it about so that what was

---

<sup>74</sup> Guthred nos guiava, Ivarr e seu filho cavalgavam e Ulf nos acompanhava, assim como os dois monges, Jaenberht e Ida, que foram rezar pelos monges que um dia haviam sido massacrados em Gyruum. Não contei a eles que eu estivera presente no massacre e que este fora obra de Ragnar, o Velho. Ele tinha motivos. Os monges haviam assassinado dinamarqueses e Ragnar os punira, mas hoje em dia sempre é contada a história de que os monges estavam rezando inocentes e morreram como mártires imaculados. Na verdade eram assassinos maldosos de mulheres e crianças, mas que chance tem a verdade quando os padres contam histórias? (CORNWELL, 2016b, p. 146-147)

earlier very rich was as it were nothing [...] (SWANTON, 1997, p. 71)<sup>75</sup>.

In the year of our Lord's incarnation 870, [...] Edmund, king of the East-Angles, fought most fiercely against that army. But alas, he has killed there with a large number of his men, and the Vikings rejoiced triumphantly; the enemy were masters of the battlefield, and they subjected that entire province to their authority (KEYNES; LAPIDGE, 2004, p. 78)<sup>76</sup>.

Mesmo com a objetividade, pode-se identificar que o Cristianismo é onipresente em ambos os textos. No primeiro trecho, o rei Edmund é colocado como santo pela abreviação de “St”, e há a menção da violência e destruição causada pelos *vikings* aos monges e bispos. O outro trecho, assim como todos os demais em *The Life of King Alfred*, de início enfatiza “o ano da encarnação do nosso Senhor”, já acentuando o discurso cristão. Entretanto, nesse segundo trecho, há, curiosamente, o reconhecimento de que os “inimigos” eram “mestres de batalha”. Ademais, complementamos que o tradutor Michael Swanton coloca em nota de rodapé que o manuscrito F *The Canterbury Bi-Lingual Epitome* “adds that the names of the head men who slew the king were Ingware (Ivar) and Ubba” (SWANTON, 1997, p. 70)<sup>77</sup>. Consideramos essa nota importante, já que tais personagens protagonizam esse momento na ficção de Cornwell.

Como mencionado anteriormente, os escandinavos ganham espaço no discurso literário em *Saxon Stories*. Uhtred, que passa a conviver com os dinamarqueses, frequentemente faz referências à cultura escandinava, como aspectos de seu folclore e religião. Bem como é possível constatar nos discursos de personagens escandinavos suas impressões acerca dos anglo-saxões e outros povos, e principalmente das práticas cristãs. Em *The Last Kingdom*, há um

---

<sup>75</sup> 871 [870]. Aqui o exército invasor atravessou a Mércia até a Ânglia Oriental, e permaneceu no inverno em Thetford; e naquele ano São Edmundo o Rei lutou contra eles, e os dinamarqueses venceram, e mataram o rei e conquistaram todo aquele território, como a todos os mosteiros que encontraram. Na mesma época eles vieram à Peterborough: queimaram e demoliram, mataram todos os abades e monges que lá encontraram, e do que antes era muito rico transformaram em nada [...] (SWANTON, 1997, p. 71) (tradução nossa).

<sup>76</sup> No ano da encarnação de nosso Senhor 870, [...] Edmundo, rei dos anglos orientais, lutou bravamente contra aquele exército. Mas, infelizmente, ele foi morto juntamente com um grande número de seus homens, e os *vikings* se regozijaram triunfantemente; os inimigos eram mestres do campo de batalha e submeteram toda a província à sua autoridade (KEYNES; LAPIDGE, 2004, p. 78) (tradução nossa).

<sup>77</sup> “adiciona que os nomes dos líderes que mataram o rei eram Ivar e Ubba” (SWANTON, 1997, p. 70) (tradução nossa).

capítulo praticamente dedicado a descrever, em detalhes, o episódio do assassinato do Rei Edmund pelos dinamarqueses, no qual são destacados os irmãos Ivar e Ubba, personagens históricos e ao mesmo tempo lendários, por serem considerados filhos do também lendário Ragnar Lothbrok.

‘There are many gods,’ Ivar snapped back, ‘many! Everyone knows that.’

‘There is only one God, and you must serve him.’

‘But we’re winning,’ Ivar explained patiently, almost as if he talked to a child, ‘which means our gods are beating your one god.’

The king shuddered at this awful heresy. ‘Your gods are false gods,’ he said, ‘they are turds of the devil, they are evil things who will bring darkness to the world, while our God is great, he is powerful, he is magnificent.’

‘Show me,’ Ivar said.

Those two words brought silence. The king, his priests and monks all stared at Ivar in evident puzzlement.

‘Prove it,’ Ivar said, and his Danes murmured their support of the idea.

King Edmund blinked, evidently lost for inspiration, then had a sudden idea and pointed at the leather panel on which was painted Saint Sebastian’s experience of being an archers’ target.

‘Our God spared the blessed Saint Sebastian from death by arrows!’ Edmund said, ‘which is proof enough, is it not?’

‘But the man still died,’ Ivar pointed out.

‘Only because that was God’s will.’

Ivar thought about that. ‘So would your god protect you from my arrows?’ he asked.

‘If it is his will, yes.’

‘So let’s try,’ Ivar proposed. ‘We shall shoot arrows at you, and if you survive then we’ll all be washed<sup>78</sup>.’

Edmund stared at the Dane, wondering if he was serious, then looked nervous when he saw that Ivar was not joking [...] (CORNWELL, 2005, p. 120)<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> Referência ao batismo. Anterior a esse momento, o rei Edmund propôs a conversão dos escandinavos ao cristianismo por meio do batismo. Uhtred explica a eles que isso significa que nesse ritual eles deveriam “ser lavados em água”.

<sup>79</sup> — Há muitos deuses — reagiu Ivar ríspidamente. — Muitos! Todo mundo sabe disso. / — Há apenas um Deus, e vocês devem servir a ele. / — Mas nós estamos ganhando — explicou Ivar com paciência, quase como se falasse com uma criança —, o que significa que nossos deuses estão vencendo seu deus único. / O rei estremeceu diante dessa heresia medonha. / — Seus deuses são falsos, são excrementos do demônio, são coisas malignas que trarão trevas ao mundo, ao passo que nosso Deus é grandioso, é todo-poderoso, é magnífico. / — Mostre — disse Ivar. Essa palavra produziu um profundo silêncio. O rei, seus padres e monges olharam Ivar numa perplexidade evidente. — Prove — insistiu Ivar, e seus dinamarqueses murmuraram o apoio à idéia. O rei Edmund piscou, evidentemente sem inspiração, depois teve uma idéia súbita e apontou para o painel de couro em que estava pintada a experiência de São Sebastião como alvo de arqueiros. — Nosso Deus poupou o abençoado São Sebastião da morte por flechas! O que é prova suficiente, não é? / — Mas mesmo assim ele morreu — observou Ivar. / — Só porque essa foi a vontade de Deus. Ivar pensou nisso. / — Então seu deus protegeria vocês das minhas flechas? — perguntou. / — Se for a vontade dele, sim. / — Então vamos tentar. Vamos atirar

O texto acima demonstra que, diferentemente dos textos medievais, as personagens ganham vida e voz, principalmente tratando-se dos escandinavos. Os personagens Ivar e Ubba e o Rei Edmund dialogam e discutem a respeito de suas crenças religiosas, o que dá a oportunidade aos escandinavos de justificarem o assassinato do rei, mesmo que não se omita a violência de seus atos. Nesse momento, o protagonista se coloca como narrador observador, dando lugar a personagens históricos. Esse fato converge com a defesa de Hutcheon, que, contrariando Lukács, determina que os personagens históricos possuem voz e presença significativa na metaficção-historiográfica. A autora estabelece que na literatura pós-moderna, até mesmo “os personagens históricos assumem um *status* diferente, particularizado e, em última hipótese, ex-cêntrico” (HUTCHEON, 1991, p. 151).

A narrativa de Cornwell mostra com clareza o embate das relações de poder presentes nas narrativas medievais: o choque entre Cristianismo e Paganismo. Contudo, enquanto nas fontes medievais o Cristianismo conta a história do seu ponto de vista, e de forma bastante objetiva, em *Saxon Stories*, as diferentes crenças são tratadas frente a frente a partir de diálogos argumentativos entre personagens cristãs e pagãs, como mostra o excerto citado acima, tendo na maior parte do tempo a predominância do paganismo nórdico, até porque o protagonista e narrador Uhtred ironiza com frequência a crença e as práticas cristãs, como ao contar em detalhes como o Rei Edmund foi morto, de forma extremamente humilhante. O protagonista reitera que “nowadays, of course, that story is never told [...]”<sup>80</sup>, já que é ensinado que o bravo Santo Edmund “[...] stood up to the Danes, demanded their conversion and was murdered” (CORNWELL, 2005, p. 122)<sup>81</sup>.

Ao usar o advérbio “nowadays”, o protagonista refere-se ao seu tempo presente, mas que, ao mesmo tempo, configura-se no tempo presente do leitor. Realmente, o Rei Edmund tornou-se um mártir muito presente não somente na

---

flechas em você, e, se você sobreviver, todos seremos lavados. Edmundo encarou o dinamarquês, imaginando se ele estaria falando sério, depois ficou nervoso ao ver que Ivar não estava brincando [...] (CORNWELL, 2006b, p. 139).

<sup>80</sup> “Hoje em dia, claro, essa história jamais é contada” (CORNWELL, 2006b, p. 141).

<sup>81</sup> “enfrentou os dinamarqueses, exigiu sua conversão e foi assassinado” (CORNWELL, 2006b, p. 141).

memória cristã, mas especialmente na memória inglesa, como podemos observar nas seguintes imagens do mundo contemporâneo:

**Figura 7** “The Martyrdom of St Edmund”, por Brian Whelan, 2003



Fonte: BBC<sup>82</sup>

A pintura original encontra-se na catedral da cidade de *Bury St Edmunds*, no condado de Suffolk, na região leste da Inglaterra, onde era a antiga Ânglia Oriental, na qual reinava o rei Edmund. Ela coloca o rei como um verdadeiro “mártir” que morre pelo seu Deus, o qual é desenhado do lado direito juntamente com seus anjos. A alma de Edmund é carregada pelos anjos em direção a uma grande face, que associamos ao Deus cristão. No lado esquerdo, temos um grupo de escandinavos que são colocados na pintura apenas como uma representação dos “assassinos”. Não há nenhuma diferenciação entre eles, são apenas um conjunto de *vikings*. Interessante notar também como a memória de Edmund é mantida pelo próprio nome da cidade inglesa. Nessa mesma cidade, encontra-se também a seguinte escultura de metal que representa o rei santo sendo morto a flechadas, reforçando a sua estatura de “mártir”:

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-suffolk-26616942>> Acesso em: 18 nov. 2018

**Figura 8** Estátua de St Edmund, por Emmanuel O'Brien e Nigel Kaines, 2011



Fonte: Recording Archive for Public Sculpture in Norfolk & Suffolk<sup>83</sup>

Contrariamente, Uhtred refuta essas memórias, quando afirma, por exemplo, que “so now he is a martyr and saint, warbling happily in heaven, but the **truth** is that he was a fool and talked himself into martyrdom” (CORNWELL, 2005, p. 122)<sup>84</sup>. Mais um exemplo no qual o protagonista traz a palavra “verdade” como contrária à história escrita pelo Cristianismo.

Por meio da leitura que fizemos acima, entrelaçando as perspectivas teóricas com a obra em análise, podemos concordar com Hayden White que “se há um elemento do histórico em toda poesia, há um elemento de poesia em cada relato histórico do mundo” (1994, p. 114 *apud* BASTOS, 2007, p. 47). O autor ainda complementa que a concepção aristotélica que distingue a ficção como “representação do imaginável”, e a história como “representação do verdadeiro”

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://www.racns.co.uk/sculptures.asp?action=getsurvey&id=1146>> Acesso em: 18 nov. 2018

<sup>84</sup> “Portanto agora ele é um mártir e santo, gorjeando feliz no céu, mas a verdade é que foi um idiota levado ao martírio pela própria conversa” (CORNWELL, 2006b, p. 141).



deve ceder seu espaço “ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ou equiparando-o ao imaginável” (WHITE, 1994, p. 115, *apud* BASTOS, 2007, p. 47).

## II.

A partir dos pressupostos discutidos, principalmente os embasados em Lukács e Hutcheon, fica o questionamento: como poderíamos enquadrar *Saxon Stories*? Um romance histórico tradicional ou uma obra pós-moderna, especificamente, uma metaficção historiográfica?

Carlos Sanz Mingo identifica e entrelaça a Teoria Literária Marxista e o Pós-modernismo na obra *The Warlord Chronicles* de Cornwell. O pesquisador conclui que seu objeto de estudo tem potencial para se enquadrar em ambas as teorias, já que partilha traços tanto do romance histórico tradicional, como proposto por Lukács, quanto do pós-modernismo, fundamentado em Hutcheon.

[...] it is our opinion that Cornwell closely follows the ideas posed in both movements, the Marxist Literary Theory as exemplified by Lukács and the Postmodernist Literary Movement, his acting as a bridge between them both. At first sight, we might say that “The Warlord Chronicles” is a fine example of standard historical fiction, but it also shares some points in common with the Postmodernist theories. On the other hand, as Lukács proposed, he tries not to provide us with imaginary representations, but with a plausible image of what the times might have been like. Our author makes use of some postmodernist features, such as marginal events or characters, to criticize and show that there is something beyond beauty (MINGO, 2017, p. 36)<sup>85</sup>.

Weinhardt (2011), ao traçar o percurso teórico das relações entre ficção e história, assevera que Hutcheon dá importância aos estudos de Lukács, mas que a autora apenas recomenda que os teóricos o leiam mais e o interpretem melhor, “embora mostre que os princípios do crítico marxista não dão conta de parte da

---

<sup>85</sup> [...] É nossa opinião que Cornwell aproxima-se das ideias de ambos movimentos, a Teoria Marxista da Literatura como exemplificada por Lukács e o Movimento Literário do Pós-modernismo, atuando como uma ponte entre os dois. Em um primeiro momento, poderíamos situar “The Warlord Chronicles” como um bom exemplo da ficção-histórica tradicional, mas essa obra também partilha alguns pontos em comum com as teorias Pós-modernistas. Por outro lado, como Lukács propões, Cornwell tenta não nos fornecer representações imaginárias, mas sim uma imagem plausível de como o período poderia ter sido. Nosso autor faz uso de algumas características pós-modernas, tais como eventos ou personagens marginais, para criticar e mostrar que há algo além da beleza (MINGO, 2017, p. 36).

produção de romances contemporâneos, aparentados com o romance histórico, e que, no entanto, já não se confundem com ele” (p. 44).

Ao discutirmos acerca da ficção-histórica por meio de alguns estudiosos apresentados em Weinhardt (2011) e Bastos (2007), refletimos que a série *Saxon Stories* pode ser considerada, em um primeiro momento, um romance histórico, pois segue algumas das perspectivas lukacsianas. Ao mesmo tempo, também identificamos que a obra possui um teor “metanarrativo” ao protestar contra a “verdade histórica” contada, em grande parte, pelo cristianismo anglo-saxão, inserindo-se assim nos pressupostos do pós-modernismo de Hutcheon, que concebem a metaficção-histórica. Nosso autor, nesse sentido, incorpora as interfaces dessas duas correntes teóricas.

Contudo, ao que comporta o âmbito editorial, inevitavelmente Cornwell é considerado um escritor de “romances históricos” ou simplesmente “ficção-histórica”. Bastos legitima essa ideia justificando que o leitor médio se atrairá, naturalmente, pelo livro “anunciado como “romance histórico” ao invés de outro que leve o rótulo de “metaficção historiográfica” [...]” (2007, p. 81). Em consequência, o termo “romance histórico”, confirma o estudioso, está longe de desaparecer das convenções de referência.

### III.

Memória e história se entrelaçam e não existem uma sem a outra. Se elegermos apenas a visão aristotélica, que entende o *historiador* enquanto contador de verdades, e o *ficcionista*, como aquele que imagina possíveis verdades, observamos que, em ambos, a memória é fundamental, pois em qualquer um dos casos ela é exercida para ressoar momentos passados ou relacionados com fatos do passado. Reforçando que a história e a ficção se constroem a partir da relação do real com o imaginário, podemos considerar que esse “imaginário” é nada mais e nada menos do que a própria memória. Mas, para além disso, o que seria a “memória”? Com que perspectiva podemos entendê-la?

Ao pensar em “memória”, a primeira definição que nos vem à mente a associa à faculdade humana que objetiva preservar acontecimentos e experiências passadas no tempo presente. Jacques Le Goff (2013) pontua que o

termo memória “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...]”, e, se levarmos em consideração apenas esse ponto de vista, os estudos acerca da memória abarcariam, em um primeiro momento, “[...] a psicologia, a psifisiologia, a neurofisiologia, a biologia, e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria” (p. 387). Essa questão, contudo, vai muito além dessa responsabilidade de conservação do passado, sendo a memória abordada de diferentes formas por intermédio de várias áreas do conhecimento, que inclui, como complementa Le Goff, a Filosofia, a Antropologia e a Sociologia (SOUZA, 2014).

Em todos os livros da série *Saxon Stories*, Uhtred de Bebbanburg está sempre narrando acontecimentos do seu passado, os quais estão ficcionalmente conectados com a história da Inglaterra. Ou seja, a narrativa decorre do relacionamento da história com a memória. Por isso, interessa-nos refletir um pouco a respeito dos limites dessa relação.

Pierre Nora (1993), quando define os “lugares de memória” (que já discutimos), contrasta a Memória com a História. Essa última seria a “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...]”, enquanto “[...] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9). Para o autor, a memória se radica “no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9), ou seja, forma lugares para se eternizar. Por outro lado, a história “se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas” (NORA, 1993, p. 9). Nesse viés, Nora esmiuça que a memória é:

[...] é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Assim, “a memória é sempre suspeita para a história” (NORA, 1993, p. 9). Essa assertiva consolida a ideia de que a literatura, por ser um “lugar de memória”, pretende questionar e desconstruir a história, convergindo com a principal função da “metaficção historiográfica”, a qual por meio dos discursos literários desconfia das “verdades” afirmadas pela História.

Ao identificar algumas características de memória nos três primeiros volumes de *Saxon Stories*, esperamos compreender melhor a ideia de que a memória “está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9), e de que forma ela vive na literatura para causar “suspeitas” da história.

Centramo-nos na presença dos romanos. Como contextualizado anteriormente, a historiografia relata que os romanos permaneceram por muito tempo em terras britânicas, e, em consequência, influenciaram muito a cultura dos povos que ali viviam. O historiador Peter Blair, ao descrever brevemente esse período, já nas primeiras páginas do seu livro *An introduction to Anglo-saxon England* (1966), acentua que no período que vai de 409 à 597 “there are few events in the history of Britain so firmly established that they can be regarded as incontrovertible historical facts. **In these circumstances history must give place to conjecture**” (p. 2)<sup>86</sup> (grifo nosso). Essa última frase vai ao encontro da afirmação de Nora que concebe a história como uma tentativa de reformulação do passado que se depara com a incompletude.

Para introduzir nossas reflexões acerca da memória em paralelo com a obra que analisamos, propomos observar o seu papel em alguns trechos que “lembram” dos povos romanos. Pretendemos verificar se a memória habita *Saxon Stories* com o fim de completar as lacunas da história. Durante toda a narrativa, os romanos e sua cultura são citados, mas sempre na esfera da memória. Os romanos fizeram parte do imaginário dos povos anglo-saxões de um modo especial, como sugere a narrativa ficcional. Logo nas primeiras páginas em *The Last Kingdom*, Uhtred menciona os romanos reavivando uma memória que foi transmitida por seu pai e que foi impulsionada pela estrada romana da cena:

---

<sup>86</sup> “[...] há poucos eventos na história da Grã-Bretanha tão firmemente estabelecidos que podem ser considerados fatos históricos incontestáveis. Nestas circunstâncias, a história deve dar lugar à conjectura” (BLAIR, 1966, p. 2).

We follow the Roman road, crossing their great wall at the Tine, and still going south. The Romans, my father said, had been giants who built wondrous things, but they had gone back to Rome and the giants had died and now the only Romans left were priests, but the giants' roads were still there [...] (CORNWELL, 2005, p. 15)<sup>87</sup>.

Comparam-se os romanos com gigantes, indicando a admiração que os povos anglo-saxões possuíam por eles, ao mesmo tempo em que associa a herança romana deixada nesse território a um enigma, como podemos observar também no seguinte trecho:

The ditch had filled with rubbish and the wall was broken in places where it had been patched with timber, but so had the city itself where huge Roman buildings were buttressed by thatched wooden shacks where a few Mercians lived, though most were reluctant to make their homes in the old city. One of their kings had built himself a palace within the stone wall, and a great church, its lower half of masonry and upper parts of wood, had been made atop the hill, but most of the folk, as if fearing the Roman ghosts, lived outside the walls, in a new city of wood and thatch that stretched out to the west (CORNWELL, 2005, p. 145)<sup>88</sup>.

Enquanto no primeiro trecho, a memória dos personagens acerca dos povos romanos desperta o fascínio, nesse segundo, ao contrário, a memória é constituída pelo medo ao desconhecido. O protagonista sugere que as pessoas daquele povoado parecem temer os “fantasmas romanos”, e por isso construíram suas moradas do lado de fora das fortificações romanas. Podemos entender esses fantasmas como a própria memória que ainda vivia e vagueava pelos monumentos, deixando mistérios. As memórias anglo-saxãs presentes em *Saxon Stories* carregam o antagonismo entre o orgulho e o medo do passado.

---

<sup>87</sup> Seguimos pela estrada romana, atravessando a grande muralha deles no Tine e continuando para o sul. Segundo meu pai, os romanos haviam sido gigantes que construíam coisas maravilhosas, mas tinham voltado para Roma e os gigantes morreram, e agora os únicos romanos que restavam eram padres, mas as estradas dos gigantes continuavam ali (CORNWELL, 2006b, p. 28).

<sup>88</sup> O fosso tinha se enchido de entulho e a muralha estava quebrada em alguns lugares, em que fora remendada com madeira, mas o mesmo havia acontecido na cidade propriamente dita, onde os gigantescos prédios romanos eram ladeados por cabanas de madeira em que viviam alguns mércios, mas a maioria relutava em fazer suas casas na velha cidade. Um de seus reis tinha construído um palácio dentro da muralha de pedra. E uma grande igreja, com a metade inferior de alvenaria e as partes superiores de madeira, fora construída em cima da colina, mas a maioria das pessoas, como se temessem os fantasmas romanos, viviam fora dos muros, numa cidade nova feita de madeira e palha que se estendia para o oeste (CORNWELL, 2006b, p. 165).

We usually practised in the Roman arena. That is what Toki called it, the arena, though what the word meant neither he nor I had any idea, but it was, in a place of extraordinary things, astonishing. Imagine an open space as large as a field surrounded by a great circle of tiered stone where weeds now grew from the crumbling mortar. The Mercians, I later learned, had held their folkmoths here, but Toki said the Romans had used it for displays of fighting in which men died. Maybe that was another of his fantastic stories, but the arena was huge, unimaginably huge, a thing of mystery, the work of giants, dwarfing us, so big that all the Great Army could have collected inside and there would still have been room for two more armies just as big on the tiered seats (CORNWELL, 2005, p. 149-150)<sup>89</sup>.

Gigantes, fantasmas, histórias fantásticas são relacionadas aos romanos na ficção, sugerindo que os antigos povos anglo-saxões, como também os invasores escandinavos, possuíam inúmeras relíquias “históricas” do período de domínio romano, principalmente do período pré-cristão, que estimulavam a sua imaginação formando as mais diferentes memórias.

Borges traça uma importante consideração acerca da influência romana cristã na vida dos povos germanos, ao afirmar que “de fato, os germanos, em geral, conheciam bem Roma. Reconheciam-na como uma cultura superior e admiravam-na. Por isso, a conversão ao cristianismo significava a conversão a uma civilização superior” (2006, p. 12). O seguinte momento, uma conversa entre o rei Alfred, o protagonista Uhtred, e a personagem Iseult, situada no segundo volume, *The Pale Horseman*, reforça a afirmação de Borges:

“The Danes will be defeated.” Iseult said, still tonelessly, but without a quiver of doubt in her voice.

Alfred rubbed his face. “The example of Boethius tells me she’s right,” he said.

“Boethius?” I asked. “Is he one of your warriors?”

“He was a Roman, Uhtred,” Alfred said in a tone that chided me for not knowing, “and a Christian and a philosopher and a man rich in book learning. Rich indeed!” He paused, contemplating the story of

---

<sup>89</sup> Em geral treinávamos na arena romana. Era como Toki chamava o lugar, a arena, mas nem eu fazíamos ideia do significado da palavra. Mas era um local de coisas extraordinárias, espantosas. Imagine um espaço aberto tão grande quanto um campo, rodeado por um grande círculo de pedra em degraus, onde agora crescia mato na argamassa meio desmoronada. Os mércios, como fiquei sabendo mais tarde, tinham feito suas assembleias populares aqui, mas Toki disse que os romanos o usavam para demonstrações de lutas em que homens morriam. Talvez essa fosse outra de suas histórias fantásticas, mas a arena era gigantesca, inimaginavelmente enorme, uma coisa misteriosa, obra de gigantes, tornando-nos anões, tão grande que todo o Grande Exército poderia ter se reunido lá dentro e ainda haveria espaço para mais dois exércitos, do mesmo tamanho, nos assentos em degraus (CORNWELL, 2006b, p. 171-72).

Boethius. “When the pagan Alaric overran Rome,” he went on, “and all civilization and true religion seemed doomed, Boethius alone stood against the sinners. He suffered, but he won through, and we can take heart from him. Indeed we can.” He pointed the razor at me. “We must never forget the example of Boethius, Uhtred, never” (CORNWELL, 2006a, p. 175-176)<sup>90</sup>.

Alfred, o Grande, um dos maiores nomes da história inglesa, dialoga com o personagem Uhtred, marcante e popular apenas na história ficcional, comparando suas memórias acerca dos romanos com a situação vigente. Constatase como a incompletude da história cede lugar à memória. Dentro da narrativa, os personagens, quando se deparam com as remanescências deixadas pelos povos romanos, ativam diferentes memórias, desde as mais imaginativas, advindas principalmente dos povoados, até as mais fundamentadas, como as do rei Alfred e dos membros da Igreja.

#### IV.

Os eventos narrados pelo protagonista de *Saxon Stories* envolvem a vontade de rememorar causada não somente por um sentimento interiorizado pela personagem, mas também pelo que lhe é exterior, trazendo em suas narrações não apenas lembranças pessoais, mas, principalmente, memórias vivas relacionadas com as coletividades de que faz parte.

Maurice Halbwachs (2015) enfatiza a relação de memória e sociedade, definindo memória individual e memória coletiva: a primeira, pelo passado que é conservado e tratado sob a perspectiva de um determinado indivíduo, enquanto a segunda, constituída nas lembranças selecionadas por um grupo social em suas lutas internas acerca do poder de lembrar. Halbwachs defende que apesar de ser um trabalho do sujeito, a memória é construída por meio de um grupo de referências. Para o sociólogo, a memória coletiva sempre prevaleceria sobre a memória individual:

---

<sup>90</sup> \_ Os dinamarqueses serão derrotados – disse Iseult, ainda em voz monótona, mas sem qualquer tremor de dúvida. / Alfredo esfregou o rosto. / \_ O exemplo de Boécio me diz que ela está certa – disse ele. / \_ Boécio? – perguntei. – É um dos seus guerreiros? / \_ Era um romano, Uhtred — respondeu Alfredo num tom que zombava de mim por não saber. — Era cristão, filósofo e rico em aprendizado nos livros. Rico mesmo! — Ele fez uma pausa, contemplando a história de Boécio. — Quando o pagão Alarico venceu Roma, e toda a civilização e a religião verdadeira foram condenadas, Boécio sozinho se ergueu contra os pecadores. Sofreu, mas acabou vencendo, e podemos nos animar por meio dele. Podemos mesmo. — Ele apontou anavalha para mim. — Nunca devemos esquecer o exemplo de Boécio, Uhtred, nunca. (CORNWELL, 2016a, p. 202-203)

[...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2015, p. 72).

No tocante à lembrança, Halbwachs define como “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (2015, p. 91). Desse modo, ele vê a lembrança como imagem, que está sempre em transformação, juntamente com o indivíduo que ativa a memória no processo de rememoração. Por conseguinte, “a memória se enriquece com as contribuições de fora que, depois de tomarem raízes e depois de terem encontrado seu lugar, não se distinguem mais de outras lembranças” (HALBWACHS, 2015, p. 98).

Michael Pollak (1992) compactua com o pensamento de Halbwachs, ao entender que a memória individual é influenciada pela coletiva. O conceito de memória de Pollak, todavia, difere de Halbwachs, ao colocar a memória individual e coletiva no mesmo patamar, sem sobrepujar uma à outra. Dessa forma, ele entende que a memória é constituída essencialmente por acontecimentos, pessoas/personagens e lugares, com os quais o indivíduo entraria em contato direta ou indiretamente. No tocante aos acontecimentos, ele assinala que há aqueles vivenciados pessoalmente pelo indivíduo, como há também aqueles que não foram experiências particulares deste, mas de um grupo ao qual pertence. Estes últimos constituem o que ele chama de “memória herdada”, que seria então a memória transmitida entre gerações.

No primeiro volume, *The Last Kingdom*, Uhtred começa narrando lembranças que envolvem a infância vivida com sua família e comunidade anglo-saxã e a chegada dos dinamarqueses que invadiram e o capturaram. No excerto abaixo, o protagonista revela o que sabia desses invasores, conhecimento transmitido a ele por pessoas de sua convivência:



I did know that they were savages, pagans and terrible. I knew that for two generations before I was born their ships had raided our coasts. I knew that Father Beocca, my father's clerk and our mass priest, prayed every Sunday to spare us from the fury of the Northmen, but that fury had passed me by. No Danes had come to our land since I had been born, but my father had fought them often enough and that night, as we waited for my brother to return, he spoke of his old enemy. They came, he said, from northern lands where ice and mist prevailed, they worshipped the old gods, the same ones we had worshipped before the light of Christ came to bless us, [...] (CORNWELL, 2005, p. 8-9)<sup>91</sup>.

Uhtred, ao transmitir acontecimentos e saberes que não foram experienciados por ele, exemplifica claramente os conceitos de Halbwachs e Pollak. Por um lado, demonstra que o que sabe a respeito dos dinamarqueses é fruto da memória coletiva disseminada pela sociedade anglo-saxã. Por outro, confirma que sua memória se faz por personagens, pois cita seu pai, o padre Beocca, e os dinamarqueses; por lugares, pois faz referência a sua terra natal e às terras nortenhas de onde vieram os inimigos; e acontecimentos, os quais constituem uma memória que foi herdada de seu pai, o qual, além de contar que já lutou com os povos escandinavos, transmite o que sabe a respeito deles, denotando a proximidade religiosa que eles partilhavam com os próprios anglo-saxões antes da chegada do Cristianismo às terras inglesas: ou seja, a memória do pai de Uhtred é também herdada, herança de seus antepassados.

É interessante situar o poema *Beowulf* neste ponto para ilustrar o funcionamento dessas memórias na própria história anglo-saxã. Mesmo que a poesia não seja o nosso foco de estudo, consideramos o estudo de Borges acerca dos versos germânicos bastante relevante, por identificarmos referências importantes na narrativa *Saxon Stories*.

Em sua leitura acerca dos versos germânicos, Borges preconiza: “parece que o homem canta antes de falar. [...] Além disso, não devemos esquecer a

---

<sup>91</sup> Sabia que eram selvagens, pagãos e terríveis. Sabia que por duas gerações antes de eu nascer seus navios tinham atacado nosso litoral. Sabia que o padre Beocca, escrivão do meu pai e nosso sacerdote, rezava todos os domingos para nos poupar da fúria dos homens do norte, mas essa fúria não se enraizou em mim. Nenhum dinamarquês tinha vindo às nossas terras desde que eu nascera, mas meu pai havia lutado contra eles com bastante frequência, e, naquela noite, enquanto esperávamos a volta de meu irmão, ele falou de seus velhos inimigos. Disse que vinham de terras ao norte, onde prevaleciam o gelo e a névoa, cultuavam os deuses antigos, os mesmos que tínhamos cultuado antes que a luz de Cristo viesse nos abençoar, [...] (CORNWELL, 2006b, p. 21).

virtude mnemônica do verso” (2006, p. 7). Em outras palavras, podemos diferenciar a prosa medieval anglo-saxônica, especificamente os documentos históricos cristãos, da poesia germânica, especialmente a produzida no contexto anglo-saxão, da seguinte forma: “enquanto a prosa era de conteúdo amplamente histórico, a poesia era o veículo imaginativo dos escritores no inglês-saxônico” (OLIVEIRA, 2010, p. 103). O próprio autor da série reconhece a importância da poesia anglo-saxã enquanto um aparato de memória que reflete os tempos em que viveram seus ancestrais. Além disso, o autor, Bernard Cornwell, pontua que os poemas anglo-saxões “são lembranças de que a Inglaterra foi forjada por guerras, não somente a guerra original contra os britânicos nativos, mas também uma luta nova e terrível contra os invasores que chamamos de vikings.” (2016c, p. 346)

Sabemos que os escandinavos viviam no extremo norte da Europa, e que no período do contexto histórico narrado pela obra que analisamos, ainda eram adeptos de uma religião politeísta, a mesma que os anglo-saxões cultuavam antes da chegada do Cristianismo. Analisando *Beowulf*, Borges fez uma observação a respeito da aproximação entre esses dois povos:

Uma característica curiosa do poema é que se localiza primeiro na Dinamarca, depois na Suécia, nas regiões do Sul. Isso significa que ao cabo de 300 anos ocupando novas terras, os anglo-saxões ainda tinham saudade das suas antigas pátrias do mar Báltico, e isso leva a supor uma afinidade entre os escandinavos e os anglo-saxões (BORGES, 2006, p. 15).

Essa reflexão acerca das relações entre anglo-saxões e escandinavos compactua com as relações entre memória e identidade. Essa ideia de existência de partilha cultural e de memórias entre anglo-saxões e escandinavos é bem difundida na narrativa de Cornwell, que mostra com frequência personagens anglo-saxões que fingem ser cristãos, mas ainda cultuam os antigos deuses germânicos, ou que são cristãos, mas demonstram certo saudosismo a essa cultura:

My mother wanted our banner to show the cross, but my father was proud of his ancestors, though he rarely talked about Woden. Even at nine years old I understood that a good Christian should

not boast of being spawned by a pagan god, but I also liked the idea of being a god's descendant [...] (CORNWELL, 2005, p. 9)<sup>92</sup>.

Nesse excerto, Uhtred, ao narrar acerca de sua família saxã, confessa o orgulho que seu pai sentia de suas origens pagãs, ao passo que demonstra ter consciência do fato de que viviam em uma sociedade já dominada pelo Cristianismo (ou seja, a Igreja detinha muita influência sobre os reinados anglo-saxões). Entretanto, assim como Albuquerque (2017b) pontua, as memórias que remetem a um passado pré-cristão também participavam das aspirações do próprio Alfred em firmar uma identidade inglesa. Dessa forma, ao investir na escrita, Alfred não propunha apenas centrar-se nas “Sagradas Escrituras e no mundo celeste”, mas também, ao adotar também o idioma vernacular (o *Old English*), e não apenas o Latim, apoiava o registro “de tradições do mundo pré-cristão” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 119).

As **práticas** pagãs pelos anglo-saxões, e não especificamente suas memórias, que eram consideradas transgressoras, como podemos verificar melhor no diálogo entre o menino Uhtred e seu pai:

‘The raven is Woden’s creature, isn’t it?’ I asked nervously.  
My father looked at me sourly. ‘Who told you that?’  
I shrugged, said nothing.  
‘Ealdwulf?’ He guessed, knowing that Bebbanburgh’s blacksmith, who had stayed at the fortress with Ælfric, was a secret pagan.  
‘I just heard it,’ I said, hoping I would get away with the evasion without being hit, ‘and I know we were descended from Woden.’  
‘We are,’ my father acknowledged, ‘but we have a new God now.’  
[...] (CORNWELL, 2005, p. 16)<sup>93</sup>

Apesar de seu pai demonstrar certo “orgulho” pela possível descendência que possui de um deus pagão, ele aceita e reafirma o Deus cristão. Mas, chama a atenção outro personagem: Ealdwulf, adepto das práticas “pagãs” em segredo. A

<sup>92</sup> Minha mãe queria que nossa bandeira mostrasse a cruz, mas meu pai tinha orgulho dos ancestrais, ainda que raramente falasse de Woden. Mesmo com nove anos eu entendia que um bom cristão não deveria alardear que fora gerado por um deus pagão, mas também gostava da idéia de ser descendente de um deus, [...] (CORNWELL, 2006b, p. 21).

<sup>93</sup> — O corvo é uma criatura de Woden, não é? — perguntei nervoso. Meu pai me olhou, desaprovando. / — Quem lhe disse isso? / Dei de ombros, sem responder. / — Ealdwulf ? — adivinhou ele, sabendo que o ferreiro de Bebbanburg, que tinha ficado na fortaleza com Ælfric, era pagão em segredo. / — Só ouvi — respondi, esperando me livrar com a evasiva sem levar um tapa — e sei que somos descendentes de Woden. / - Somos — admitiu meu pai —, mas agora temos um novo Deus. (CORNWELL, 2006b, p. 29)

maior parte dos documentos cristãos medievais faz a oposição cristãos *versus* pagãos, de modo que signifiquem o mesmo que anglo-saxões *versus* escandinavos: ou seja, considerava-se que todo anglo-saxão era cristão. Como pode ser verificado no trecho citado, *Saxon Stories* pretende denunciar essa crença: nem todo anglo-saxão era cristão, o que haveria era um processo de controle dos discursos para consolidar a ideologia cristã entre os anglo-saxões.

Uhtred, quando estava inserido no contexto anglo-saxão, manifestava a afeição que sentia pelo que conhecia das antigas práticas germânicas em contraponto com as atuais crenças e consequentes hábitos (como o ensino-aprendizagem da leitura e escrita, pelo padre Beocca) que seus compatriotas tentavam impor-lhe. Esse sentimento acentua-se quando ele passa a conviver e conhecer a cultura e religiosidade dos dinamarqueses.

O orgulho da ancestralidade pagã é retomada, mais à frente, em *The Lords of the North*; o protagonista declara aos seus amigos: “My ancestors were kings [...] and their blood is in me. It is the blood of Odin’. My father, though a Christian, had always been proud that our family was descended from the god Odin” (CORNWELL, 2007, p. 264)<sup>94</sup>. A questão vai além da religiosidade. O próprio narrador e protagonista, que demonstra com clareza estar dividido entre o pertencimento étnico ao grupo dos anglo-saxões e a identificação que sente pela antiga cultura e crenças germânicas, Uhtred, compartilha memórias que conservam as origens dos povos anglo-saxões, de forma semelhante ao que ocorre no poema épico *Beowulf*, como podemos observar no seguinte trecho:

I was raised a Christian, but at ten years old, when I was taken into Ragnar’s family, I discovered the old Saxon gods who were also the gods of the Danes and of the Norsemen, and their worship has always made more sense to me than bowing down to a god who belongs to a country so far away that I have met no one who has ever been there. Thor and Odin walked our hills, slept in our

---

<sup>94</sup> “Meus ancestrais eram reis [...] e o sangue deles está em minhas veias. É o sangue de Odin. Meu pai, mesmo sendo cristão, sempre sentiu orgulho por nossa família descender do deus Odin” (CORNWELL, 2016b, 244)

valleys, loved our women and drank from our streams, [...] (CORNWELL, 2007, p. 71-72)<sup>95</sup>.

Entre as principais heranças que recebeu da convivência com os dinamarqueses, a religião é a mais significativa para Uhtred. O protagonista assinala o fato de que os anglo-saxões cultuavam os mesmos deuses que os dinamarqueses, antes de serem cristianizados. Entretanto, é preciso pontuar que apesar de essa identificação que Uhtred sente para com a religião nórdica ser consolidada pela sua convivência com os escandinavos dinamarqueses, é um legado que trouxe já da sua comunidade anglo-saxã, do aprendizado que teve com alguns praticantes anglo-saxões dessa religião, como o ferreiro Ealdwulf. Desde criança, Uhtred demonstrava ter mais interesse pelas histórias dos deuses nórdicos do que pelas práticas cristãs que lhe eram persistentemente ensinadas pelo padre Beocca.

#### V.

Retomando a perspectiva de Linda Hutcheon, asseveramos que o romance pós-moderno configura-se a partir de uma linguagem plural, isto é, constituída por uma pluralidade de vozes que emergem para indagar e ironizar a história ao recontá-la por meio da ficção literária. Dessarte, deparamo-nos com uma pluralidade de memórias, isso porque “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem (NORA, 1993, p. 9)”. Portanto, a memória em si também é “múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9).

*Saxon Stories* certamente é arquitetado por uma miríade de vozes. Uhtred é o protagonista que narra toda uma história baseando-se em suas memórias, mas que nos aproxima de outras vozes e memórias advindas de outros personagens essenciais para a sua história, sejam eles históricos ou fictícios. Confrontamo-nos com as vozes e memórias do rei Alfred, dos irmãos Ubba e Ivar,

---

<sup>95</sup> Fui criado como cristão, mas aos dez anos, quando fui levado para a família de Ragnar, descobri os antigos deuses dos dinamarqueses e dos nórdicos, e seu culto sempre fez mais sentido para mim do que me curvar para um deus que pertence a um país tão distante que não conheci ninguém que já tenha estado lá. Tor e Odin caminhavam por nossos morros, dormiam em nossos vales, amavam nossas mulheres e bebiam em nossos riachos, [...] (CORNWELL, 2016b, p. 77).

e de outros personagens, históricos e fictícios, que representam os anglo-saxões, os escandinavos e outros povos.

Uhtred, em si, é um personagem plural. O protagonista pode ser considerado um representante ou um porta-voz da “memória coletiva” firmada pela identidade inglesa no período histórico que narra. Ou talvez, ele é simplesmente nosso “historiador-ficcionista”, cuja função é exatamente nos aproximar dessas vozes omitidas pela escrita da história.

Identificamos a pluralidade de vozes em trechos citados e analisados nos tópicos anteriores. Para reforçar, citamos outro trecho, em que Uhtred apenas narra, mas quem discursa é Ivar o Desossado e o intérprete de Alfred. Temos a participação também de outro filho de Lothbrok, Ubba. Beocca, personagem fictício que representa um padre anglo-saxão, e Alfred despertam a curiosidade do escandinavo Ivar quanto à escrita:

Beocca then held a small vial of ink so that Alfred could dip the quill and write.  
 ‘What is he doing?’ Ivar asked.  
 ‘He is making notes of our talks,’ the English interpreter answered.  
 ‘Notes?’  
 ‘So there is a record, of course.’  
 ‘He has lost his memory?’ Ivar asked, while Ubba produced a very small knife and began to clean his fingernails. Ragnar pretended to write on his hand, which amused the Danes (CORNWELL, 2005, p. 88)<sup>96</sup>.

O excerto reflete acerca da escrita enquanto possuidora de um papel de registro do “real”, presente nos documentos medievais a respeito da Inglaterra anglo-saxônica. Observamos que o escandinavo Ivar, mesmo demonstrando curiosidade, ironiza a prática de escrita dos anglo-saxões como uma resolução para uma certa “perda de memória” desse povo.

A autoconsciência da narrativa que se reverbera nesse trecho envolve a questão da escrita enquanto instrumento cristão e sua função enquanto dispositivo de poder. Outrossim, os dois trechos nos mostram como a memória se

---

<sup>96</sup> Então Beocca estendeu um pequeno frasco de tinta para que Alfredo pudesse mergulhar a pena e escrever. / — O que ele está fazendo? — perguntou Ivar. / — Está fazendo anotações sobre nossas conversas — respondeu o intérprete inglês. / — Anotações? / — Para que exista um registro, claro. / — Ele perdeu a memória? — perguntou Ivar, enquanto Ubba pegava uma faca muito pequena e começava a limpar as unhas. Ragnar fingiu escrever na mão, o que divertiu os dinamarqueses. (CORNWELL, 2006b, p. 104)

constitui nas diferentes culturas: para os anglo-saxões cristãos (e consequentemente para os estudiosos e historiadores de hoje), a documentação escrita seria uma forma de registrar as memórias, enquanto que, para os escandinavos, poderia ser uma “fuga do esquecimento”, já que para estes a memória prevaleceria pela transmissão oral de geração para geração, instituída na composição dos *skalds*. Esse fato é capaz de representar como tanto o fazer historiográfico como o fazer ficcional se constroem a partir do imaginário.

Quando confronta História e memória, Nora determina que o principal objetivo da História enquanto ciência é a busca pela verdade. Isso significa que a impossibilidade de uma totalidade da verdade histórica faz com que a História seja penetrada por “jogos de poder”, os quais resultam em manipulações que tencionam atender aos interesses da historiografia, seja no âmbito individual (de um determinado historiador, por exemplo) ou na esfera coletiva. Por outro lado, Le Goff (2013) deixa posto que a memória também é capaz de obedecer a certos interesses:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2013, p. 390).

Seguindo essa perspectiva, Le Goff acredita na importância em entender a memória em dois períodos históricos e/ou grupos sociais: a memória das sociedades essencialmente orais e das sociedades essencialmente escritas. O autor explica que a passagem da oralidade para a escrita nas diferentes sociedades desencadeou a transformação da memória coletiva.

Nas sociedades sem escrita, como é o caso da escandinava do século IX, a memória coletiva era cultivada por meio da transmissão de narrativas, muitas vezes mitológicas, de geração para geração. A mitologia envolvida consistia na busca pela “origem”, e, portanto, as memórias eram construídas com “mais liberdade e mais possibilidades criativas” (LE GOFF, 2013, p. 394). Por sua transmissão nessas sociedades sem escrita não acontecer de “palavra por palavra”, “a memória coletiva parece [...] funcionar [...] segundo uma

“reconstrução generativa” e não segundo uma memorização mecânica” (LE GOFF, 2013, p. 393).

Nos primeiros momentos de convivência de Uhtred com o dinamarquês Ravn, pai de Ragnar, o velho cego explica ao protagonista e aos leitores o que seria um *skald*:

[...] ‘I speak your language and the language of the Britons and the tongue of the Wends and the speech of the Frisians and that of the Franks. Language is now my trade, boy, because I have become a skald.’

‘A skald?’

‘A scop, you would call me. A poet, a weaver of dreams, a man who makes glory from nothing and dazzles you with its making. And my job now is to tell this day’s tale in such a way that man will never forget our great deeds.’

‘But if you cannot see,’ I asked, ‘how can you tell what happened?’ Ravn laughed at that. ‘Have you heard of Odin? Then you should know that Odin sacrificed one of his own eyes so that could obtain the gift of poetry. So perhaps I am twice good as skald as Odin, eh?’ (CORNWELL, 2005, p. 33)<sup>97</sup>.

Eram denominados escaldos (*skalds*) os poetas do contexto escandinavo. De acordo com Langer (2015), esses poetas, que possuíam grande prestígio social, necessitavam “de excelente **memória**, grande conhecimento em mitologia e cosmogonia nórdicas, linguagem refinada e uma oratória sofisticada” (p. 166) (grifo nosso). A técnica da poesia escáldica era “transmitida das gerações mais avançadas para as mais novas, por meio oral e individualizado” (LANGER, 2015, p. 166). O principal objetivo dos escaldos era “relatar por meio da tradição oral – do relato verbal, as antigas tradições, poemas, narrativas heroicas, narrativas históricas, contos, folclore, aspectos da religiosidade” (LANGER, 2015, p. 166). Os escaldos seriam, dessa forma, “especialistas de memória, homens-memória” (LE GOFF, 2013, p. 393).

Entendendo que “a celebração das glórias individuais era o fundamento da vida para um guerreiro nórdico, mais importante até que a vida e a morte [...]”, os

---

<sup>97</sup> [...] — Falo sua língua, a língua dos britânicos, a dos wends, a dos frísios e a dos francos. Agora a linguagem é meu trabalho, garoto, porque me tornei um skald. / — Skald? / — Um bardo, é como você me chamaria. Um poeta, tecelão de sonhos, um homem que cria glória a partir do nada e espanta os outros com essa criação. E agora meu trabalho é contar a história deste dia de tal modo que os homens jamais esqueçam nossos grandes feitos. / — Mas se o senhor não pode ver, como pode contar o que aconteceu? Ravn ri. / — Já ouviu falar de Odin? Então deve saber que Odin sacrificou um de seus olhos para obter o dom da poesia. De modo que talvez eu seja um skald duas vezes melhor do que Odin, não é? (CORNWELL, 2006b, p. 45-46)



escaldos buscavam transmitir para a sociedade as principais características do povo escandinavo: “[...] coragem, bravura, ousadia, abandono ao amor, desprezo pela morte, generosidade, força da mente, fidelidade, astúcia” (LANGER, 2015, p. 167). Essas memórias conduzidas pela poesia escáldica definem a maioria dos personagens nórdicos da narrativa que analisamos, especialmente o próprio protagonista, que faz questão em expressar o orgulho que sente em ser um “guerreiro” no estilo escandinavo.

Como podemos observar, o leitor de *Saxon Stories* passa a tomar conhecimento da cultura oral dos escandinavos, da existência e importância dos poetas e da relação destes para com a religiosidade. Ainda, pode ser identificado um teor metanarrativo quando Ravn afirma que um *skald* é um “homem que constrói a Glória do nada”. Entendemos assim a questão de “invenção” que é dotada à memória do poeta e/ou ficcionista. Quando o personagem referencia a história do deus Odin, que recebe o dom da poesia ao ficar cego, identificamos o mito que circunda a memória oral: a busca pela origem da própria criação ficcional.

Em *The Pale Horseman*, quando Uhtred reencontra seus amigos e se reúne com um grupo de dinamarqueses, ele conta sobre como morreu Ubba, a pedido de seu amigo Ragnar:

[...] so I had to describe Ubba’s death and the Danes, who love a good story of a fight, wanted every detail. I told the tale well, making Ubba into a great hero who had almost destroyed the West Saxon army, and I said he had been fighting like a god, and told how he had broken our shield wall with his great ax. I described the burning ships, their smoke drifting over the battle slaughter like a cloud from the netherworld, and I said I had found myself facing Ubba in his victory charge. That was not true, of course, and the Danes knew it was not true. I had not just found myself opposing Ubba, but had sought him out. But when a story is told it must be seasoned with modesty and the listeners, understanding that custom, murmured approval.

[...]

“He died well?” a man ask anxiously.

“As a hero,” I said, and I told how I had put the ax back into his dying hand so that he would go to Valhalla [...] (CORNWELL, 2016a, p. 224)<sup>98</sup>.

<sup>98</sup> [...] tive de descrever a morte de Ubba. E os dinamarqueses, que adoram uma boa história de luta, queriam cada detalhe. Conteí bem, tornando Ubba um grande herói que quase havia destruído o exército saxão do oeste, conteí que ele estivera lutando como um deus e que havia rompido nossa parede de escudos com seu grande machado. Descrevi os navios em chamas, a fumaça passando sobre a matança na batalha como uma nuvem no mundo dos mortos, e disse

Em seu relato, Uhtred constrói sua narrativa ao estilo dos poetas, que ilustram a reputação de um herói construindo “glória do nada”, como dizia o escaldo Ravn. Além disso, ele elucida a importância, para os dinamarqueses, das histórias contadas pela via oral.

No que se refere à memória nas sociedades com escrita, Le Goff coloca em destaque justamente a ascendência do Cristianismo, ressaltando a questão ideológica comprometida com a religião:

Enquanto a memória social “popular”, ou antes “folclórica,” nos escapa quase inteiramente, a memória coletiva formada por diferentes estratos sociais sofre, na Idade Média, profundas transformações. O essencial vem da difusão do cristianismo como religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a Igreja conquista no domínio intelectual (LE GOFF, 2013, p. 404).

Essa afirmação se enquadra perfeitamente no contexto histórico do território inglês do século IX, tendo em vista que “além das vitórias nas campanhas militares, o período alfrediano esteve marcado também por um florescimento cultural, principalmente no que tange na produção escrita” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 119). Indubitavelmente, há representações dessa característica do período na obra em que analisamos, como se verifica no exemplo que citamos, em que o escandinavo Ivar questiona acerca da finalidade da escrita relacionando-a com uma possível “perda de memória”.

No seguinte trecho, Uhtred relata que o que Alfred sabia fazer de melhor era escrever. O protagonista ainda conecta em sua descrição uma lembrança na qual Iseult, a “rainha das sombras” bretã/britânica, pede a ele para que lhe ensine a ler:

So back in Aethelgaeg Alfred did what he did best. He wrote letters. He wrote letters to all his nobility, and messengers were sent into every corner of Wessex [...]. I am alive, the scraps of

---

que me vi diante de Ubba em seu ataque da vitória. Isso não era verdade, claro, e os dinamarqueses sabiam que não era. Eu não havia simplesmente me visto diante de Ubba, havia procurado por ele, mas quando uma história é contada ela deve ser temperada pela modéstia e os ouvintes, entendendo esse costume, murmuraram em aprovação. [...] / — Ele morreu bem? — perguntou um homem, ansioso. / — Como um herói — respondi, e contei como havia posto o machado de volta em sua mão agonizante para que ele fosse ao Valhalla [...] (CORNWELL, 2016a, p. 252).

parchment said, and after Easter I shall take Wessex from the pagans, and you will help me. We waited for the replies.

“You must teach me to read,” Iseult said when I told her about the letters.

“Why?”

“It is a magic,” she said.

“What magic? So you can read psalms?”

“Words are like breath,” she said. “You say them and they’re gone. But writing traps them. You could write down stories, poems.”

(CORNWELL, 2006a, p. 232)<sup>99</sup>.

Uhtred vincula a leitura e a escrita com a religião, enquanto Iseult argumenta que a escrita é dotada de “magia” por possibilitar a fixação das palavras. Na oralidade, as palavras exatas praticamente nos “escapam”, bem como as memórias. Em contrapartida, compreende-se que o papel da escrita vai além da comunicação “através do tempo” que “fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro [...]”, uma vez que proporciona “[...] reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY, 1977, p. 78 *apud* LE GOFF, 2013, p. 396).

Quando discute a memória no contexto medieval do Ocidente, Le Goff assinala que, naquele tempo, a escrita desenvolvia-se a par da oralidade, “pelo menos no grupo dos clérigos e literatos, há um equilíbrio entre memória oral e memória escrita” (2013, p. 411). Assim, a prática da escrita exercia uma função de “suporte da memória”. Observamos o seguinte diálogo entre Alfred e Uhtred:

[...] Alfred insisted on waiting until the eighth day of February, because that was the Feast of Saint Cuthman, a Saxon saint from East Anglia [...]. “Are you familiar with Saint Cuthman?” Alfred asked me cheerfully.

“No, lord.”

“He was a hermit,” Alfred said. We were riding north, keeping on the high ground with the swamp to our left. “His mother was crippled and so he made her a wheelbarrow.”

“A wheelbarrow? What could a cripple do with a wheelbarrow?”

“No, no, no! He pushed her about in it! So she could be with him as he preached. He pushed her everywhere.”

“She must have liked that.”

<sup>99</sup> Assim, em *Æthelingsaeg*, Alfredo fez o que fazia melhor. Escreveu cartas. Escreveu cartas a toda a sua nobreza, e foram mandados mensageiros a cada canto de Wessex [...]. Estou vivo, diziam os pedaços de pergaminho, e depois da Páscoa tomarei Wessex dos pagãos e vocês vão me ajudar. Esperamos as respostas. / — Você deve me ensinar a ler — disse Iseult quando lhe falei das cartas. / — Por quê? / — É uma magia — disse ela. / — Que magia? Para poder ler salmos? / — As palavras são como a respiração, você as diz e elas vão embora. Mas a escrita as prende. Você poderia escrever histórias, poemas (CORNWELL, 2016a, p. 262).

“There’s no written life of him that I know of,” Alfred said, “but we must surely compose one. He could be a saint for mothers.”  
 “Or for wheelbarrows, lord” (CORNWELL, 2006a, p. 205)<sup>100</sup>.

A história do santo é um exemplo de memória transmitida oralmente dentro da narrativa que analisamos. No que se refere à História, Albuquerque indica que muitos dos textos produzidos durante o período alfrediano “possuem traços de oralidade, o que só reforça a tese de que foram compilados posteriormente à sua circulação” (2017b, p. 119). A pesquisadora menciona ainda que boa parte dessa produção “já era provavelmente conhecida pela aristocracia anglo-saxã, pelo fato de transmitir os valores de uma tradição guerreira” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 119).

O papel desempenhado por Alfred, em *Saxon Stories*, é centrado, sobretudo, em seu amor pelo Cristianismo, e na propagação de sua fé em todo território britânico, objetivando, inclusive, os lugares de estabelecimento dos “invasores” escandinavos. Certamente, o Alfred real e histórico possuía essas características. Como Albuquerque (2017b) apresenta, entretanto, o rei de Wessex sustentava um projeto de propalação da escrita que compilava também memórias de guerra provenientes do passado pré-cristão da Inglaterra.

Reforçamos que essas memórias simbolizavam apenas um aporte identitário e não religioso, pois buscava recontar as origens dos povos anglo-saxões enquanto um povo guerreiro e heroico. “Enquanto outros eruditos do período buscavam a recompensa espiritual na obediência também espiritual” (ALBUQUERQUE, 2017b, p. 119), o rei de Wessex, que, indubitavelmente, foi um homem que valorizou profundamente a fé e a história cristã, também prestigiava a busca pelo conhecimento. Em razão disso, o Alfred da ficção literária exige que, para ser um de seus influentes guerreiros, Uhtred aprenda a ler e escrever. O

---

<sup>100</sup> [...] Alfredo insistiu em esperar até oito de fevereiro porque era o dia de São Cuthman, um santo saxão de Ânglia Oriental. [...] / — Você é familiarizado com São Cuthman? — perguntou-me Alfredo, animado. / — Não, senhor. / — Era um eremita. — Estávamos indo para o norte, mantendo-nos em terreno elevado com o pântano à esquerda. — Sua mãe era aleijada, por isso ele fez um carrinho de mão para ela. / — Um carrinho de mão? O que uma aleijada faria com um carrinho de mão? / — Não, não, não! Ele a empurrava no carrinho! Para que ela pudesse acompanhá-lo enquanto ele pregava. Ele a levava a toda parte. / — Ela devia gostar. / — Não há uma vida dele escrita, que eu saiba — disse Alfredo —, mas certamente devemos mandar fazer uma. Ele poderia ser o santo das mães, não é? / — Ou dos carrinhos de mão, senhor. (CORNWELL, 2016a, p. 233-234)

protagonista descreve as tentativas do padre Beocca em lhe ensinar a ler e escrever:

[...] It was mostly Beocca who taught me, complaining all the while that I was taking him from his real work which was the making of a life of Swithun, who had been Bishop of Witanceaster when Alfred was a child, and Beocca was writing the bishop's life. Another priest was translating the book into Latin, Beocca's mastery of that tongue not being good enough for the task, and the pages were being sent to Rome in hopes that Swithun would be named a saint. Alfred took a great interest in the book, forever coming to Beocca's room and asking whether he knew that Swithun had once preached the gospel to a trout or chanted a psalm to a segull, and Beocca would write the stories in a state of great excitement [...]

Those weeks were strange. I was a warrior now, a man, yet in Beocca's room it seemed I was a child again as I struggled with the black letters crawling across the cracked parchments. I learned from the lives of the saints, and in the end Beocca could not resist letting me read some of his own growing life of Swithun. He waited for my praise, but instead I shuddered. 'Couldn't we find something more interesting?' I asked him.

'More interesting?' Beocca's good eye stared at me reproach fully. 'Something about war,' I suggested, 'about the Danes. About shields and spears and swords'

He grimaced. 'I dread to think of such writings! There are some poems,' he grimaced again and evidently decided against telling me about the belligerent poems, 'but this,' he tapped the parchment, 'this will give you inspiration.'

'Inspiration! How Swithun mended some broken eggs?'

'It was a saintly act,' Beocca chided me. 'The woman was old and poor, the eggs were all she had to sell, and she tripped and broke them. She faced starvation! The saint made the eggs whole again and, God be praised, she sold them.'

'But why didn't Swithun just give her money?' I demanded, 'or take her back to his house and give her a proper meal?'

'It is a miracle!' Beocca insisted, 'a demonstration of God's power.'

'I'd like to see a miracle,' I said, remembering King Edmund's death (CORNWELL, 2005, p. 250)<sup>101</sup>.

<sup>101</sup> [...] Era principalmente Beocca que me ensinava, reclamando o tempo todo que eu o estava tirando do seu trabalho de verdade: a vida de Swithun, que tinha sido bispo de Witanceaster quando Alfredo era criança. E Beocca estava escrevendo a vida do bispo. Outro padre ia traduzindo o livro para o latim, já que o domínio de Beocca sobre essa língua não era suficiente para a tarefa. E as páginas eram mandadas a Roma, na esperança de que Swithun fosse declarado santo. Alfredo tinha grande interesse pelo livro, vivia indo ao quarto de Beocca perguntar se ele sabia que um dia Swithun havia pregado o evangelho para uma truta ou cantado um salmo para uma gaivota, e Beocca escrevia as histórias com grande empolgação [...] / Aquelas semanas foram estranhas. Agora eu era um guerreiro, um homem, mas na sala de Beocca parecia criança de novo enquanto lutava com as letras negras se arrastando pelos pergaminhos rachados. Aprendi a partir da vida dos santos, e no fim Beocca não pôde resistir a deixar que eu lesse um pouco de sua crescente vida de Swithun. Ele esperou meu elogio, mas em vez disso estremei. / — Não podíamos encontrar alguma coisa mais interessante? — perguntei. / — Mais interessante? — O olho bom de Beocca me espiou cheio de reprovação. / — Alguma coisa sobre a guerra — sugeri, sobre os dinamarqueses. Sobre escudos, lanças e espadas. / Ele fez uma careta. / — Temo só de ouvir falar nesse tipo de escritos! Há alguns poemas. — Ele fez

Esse momento expõe o trabalho do clérigo alfrediano em comprometimento com as letras, tais como os registros de vida de santos, as traduções, a alfabetização da aristocracia. Além disso, há um outro exemplo de manifestação da memória oral a par da escrita, quando Uhtred relata as curiosidades que Alfred contava oralmente a Beocca, que rapidamente escrevia o que ouvia.

Destacamos, ainda, o questionamento do protagonista quanto à possível existência de escritos que retratassem o contexto de guerra. O padre responde meticulosamente que há “alguns” poemas - o personagem não cita nenhum específico, mas nossa memória já remeteu ao *Beowulf*, por exemplo -, mas rapidamente chama a atenção de Uhtred à leitura da vida do santo Swithun, a qual o protagonista interpreta com ironia, obtendo a justificativa de Beocca que alude ao “milagre divino”. Ao responder “eu gostaria de ver um milagre” para o padre, o pensamento de Uhtred memoriza a ocasião em que presencia a morte do rei Edmund (a qual discutimos anteriormente neste capítulo).

A memória cristã, de acordo com Le Goff, se manifestava, em especial, na comemoração de Jesus, porém, o autor assinala que, “em um nível mais “popular”, cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos” (2013, p. 408). Em consequência, a devoção cristã “cristalizava-se em torno dos milagres” e na conservação da “memória dos milagres” (LE GOFF, 2013, p. 410). Os trechos citados expressam e representam como a recordação dos mortos cristãos, principalmente os santos anglo-saxões, possuía uma magnitude e influência na memória coletiva da Igreja da época.

A discussão em torno da memória e suas interfaces entre as sociedades sem e com escrita é um ponto relevante em *Saxon Stories*, que propõe refletir que a memória coletiva é “um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2013, p. 435). É notável como a escrita, por revisar a oralidade, transforma-se em um

---

uma careta de novo e evidentemente decidiu não contar sobre os poemas beligerantes. — Mas isto — bateu no pergaminho —, isto lhe dará inspiração. / — Inspiração! Saber como Swithun emendou alguns ovos quebrados? / — Foi um ato de santidade — censurou Beocca. — A mulher era velha e pobre, os ovos eram tudo que ela possuía para vender, ela tropeçou e os quebrou. / Estava diante da fome! O santo fez com que os ovos ficassem inteiros de novo e, Deus seja louvado, ela os vendeu. / — Mas por que Swithun não deu simplesmente dinheiro a ela? Ou a levou à sua casa lhe deu uma refeição de verdade? / — É um milagre! — insistiu Beocca. — Uma demonstração do poder de Deus. / — Eu gostaria de ver um milagre — falei, lembrando-me da morte do rei Edmundo (CORNWELL, 2006b, p. 273-274)

sustentáculo do poder de um povo ou de um grupo, ao selecionar quais memórias devem ser lembradas, quais devem ser esquecidas e quais devem ser reformuladas.

Por fim, Le Goff salienta que a memória coletiva deve ser trabalhada para que “sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (2013, p. 437). Bernard Cornwell parece ter se apoiado nessa concepção, tendo em vista que sua obra, em particular os livros de *Saxon Stories*, provoca essa “emancipação” da memória coletiva, e também das memórias individuais, por sugerir diferentes trajetórias para a história da formação da Inglaterra, por meio das particularidades de cada personagem, em especial o narrador e protagonista Uhtred de Bebbanburg.

## VI.

Os costumes escandinavos influenciam muito a formação do protagonista, já que a relação entre ele e os povos nórdicos começa desde sua infância. O amor pelo mar e pela tecnologia naval, por exemplo, é notável nas palavras de Uhtred. E, para tanto, valorizando a função dos versos germânicos, citamos Borges, que explica que na poesia germana:

[...] que era somente épica, para nomear as coisas cujos nomes não começavam com a mesma letra, formaram-se palavras compostas. Formações desse tipo são absolutamente possíveis e usuais nas línguas germânicas. Depois eles se deram conta de que essas palavras compostas podiam perfeitamente ser utilizadas como metáforas. Foi assim que começaram a chamar o mar de “caminho da baleia”, “caminho das velas” ou “banho de peixe”; chamaram a nau de “potro do mar”, ou “cervo do mar”, ou “javali das ondas”, sempre usando nomes de animais; em regra geral, sentiam a nau como um ser vivo (BORGES, 2006, p. 9).

Apesar de Borges apresentar uma questão estrutural da antiga poesia germânica, sua citação nos mostra como havia uma forte relação entre esses povos e o mar. As memórias em conexão com a vida no mar são apresentadas vivamente nas narrações de Uhtred, que mostra seu interesse em destacar esses pontos por meio da linguagem: “A ship should have a proud name, [...] and she should have a beast on her prow, high and defiant, a dragon’s head to challenge

the sea or a snarling wolf to terrify an enemy” (CORNWELL, 2006a, p. 28)<sup>102</sup>. Quando Uhtred vê os dinamarqueses pela primeira vez, ele tece comentários especialmente acerca de seus navios:

And then I saw them.  
Three ships.

In my memory they slid from a bank of sea mist, and perhaps they did, but memory is a faulty thing and my other images of that day are of a clear, cloudless sky, so perhaps there was no mist, but it seems to me that one moment the sea was empty and the next there were three ships coming from the south.

Beautiful things. They appeared to rest weightless on the ocean, and when their oars dug into the waves they skimmed the water. Their prows and sterns curled high and were tipped with gilded beats, serpents and dragons, and it seemed to me that on that far off summer's day the three boats danced on the water, propelled by the rise and fall of the silver wings of their oar banks. The sun flashed off the wet blades, splinters of light, then the oars dipped, were tugged and the beast-headed boats surged and I stared entranced. (CORNWELL, 2005, p. 5)<sup>103</sup>.

Esse momento situa-se no primeiro volume, *The Last Kingdom*, no início da história, e, portanto, reforça que a história que será narrada por Uhtred é fruto de suas memórias. O que chama a atenção em sua narração, é o fato de o protagonista não mencionar primeiramente os dinamarqueses, mas sim seus navios.

Pollak assinala a respeito da seletividade da memória, chamando-a de enquadramento. Segundo ele, são as circunstâncias que determinam a ativação das lembranças e o destaque que se dá a um aspecto ou outro, sendo que “há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido” (POLLAK, 1989, p. 8). Dessa forma, entende-se que a memória emerge da dialética entre lembrança e esquecimento, por meio de um processo de

<sup>102</sup> Um navio deveria possuir um nome orgulhoso e ter uma fera na proa, alta e desafiante, uma cabeça de dragão para enfrentar o mar ou um lobo rosnando para aterrorizar os inimigos. (CORNWELL, 2016a, p. 47)

<sup>103</sup> E então os vi. / Três navios. / Em minha lembrança eles deslizaram para fora de uma cortina de névoa, e talvez até tivesse sido assim, mas a memória é uma coisa falha e minhas outras imagens daquele dia são de um céu limpo e sem nuvens, de modo que talvez não existisse névoa, mas me parece que num momento o mar estava vazio e no outro havia três navios vindo do sul. / Coisas lindas. Pareciam repousar sem peso no oceano, e, quando seus remos penetravam nas ondas, eles deslizavam sobre a água. As proas e as popas se enrolavam altas e eram encimadas por feras douradas, serpentes e dragões, e me pareceu que naquele distante dia de verão os três barcos dançavam na água, impelidos pelo subir e descer das asas de prata de suas fileiras de remos. O sol faiscava nas pás molhadas, fagulhas de luz, então os remos mergulhavam, eram puxados e os barcos com cabeça de fera empinavam e eu olhava em transe. (CORNWELL, 2006b, p. 17)



negociação, com o propósito de harmonizar a memória coletiva com a individual. O sociólogo ainda explica que:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 10).

Essas considerações são importantes nesse ponto, já que a seletividade das memórias pelo protagonista que narra é substancial em *Saxon Stories*. Eleger certas memórias em vez de outras requer um trabalho de revisão e organização. Dessa forma, há “fênomenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva” (POLLAK, 1992, p. 4). Mariana Jantsch de Souza (2014), ao partilhar uma discussão profunda acerca de seus apontamentos teóricos que englobam as relações entre memória e identidade com base em vários estudiosos, incluindo os aqui estudados, afirma que “tendo em vista que o sujeito da rememoração direciona a atuação e a evocação do passado conforme seus objetivos, o passado ressurgiu atualizado e ressignificado” (p. 107). A memória é, dessa forma, suscetível à dialética do lembrar e esquecer, pois “ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

O trabalho do autor do nosso objeto de estudo, como podemos observar, é cunhado a partir da seleção do que deve ser lembrado ou esquecido. Os personagens da narrativa, em especial o fictício Uhtred, são quem colocam em prática esse posicionamento. O protagonista está sempre “enquadrando” suas memórias durante o percurso de sua narrativa. Conforme menciona, com os personagens, os lugares, os objetos e os eventos que vão surgindo no seu relato, Uhtred administra a organização de suas lembranças para fundar a sua memória individual; ao mesmo tempo, as memórias individuais de outros personagens, e, conseqüentemente, a memória coletiva inglesa.

Em vista disso, primordialmente Uhtred elegeu sobrelevar os navios *vikings*, deixando seus navegantes, os dinamarqueses, em segundo plano. A forma como os descreve soa como se os navios tivessem vida, transmitindo uma memória que

remete à importância que a Engenharia Naval possuía na vida dos povos escandinavos. No segundo livro, há um momento semelhante, em que o narrador contrasta o mar e o navio:

I love the sea. I grew up beside it, though in my memories the seas off Bebbanburg are gray, usually sullen, and rarely sunlit. They are nothing like the great waters that roll from beyond the Isles of the Dead to thunder and shatter against the rocks at the west of Britain. The sea heaves there, as if the oceans gods flexed their muscles, and the white birds cry endlessly, and the wind rattles the spray against the cliffs. *Fyrdraca*, running before that bright wind, left a path in the sea and the steering oar fought me, pulsing with the life of the water and the flexing of the ship and the joy of the passage (CORNWELL, 2006a, p. 72)<sup>104</sup>.

Realçamos o tocante à memória narrada pelo protagonista nos dois excertos citados. Halbwachs afirma que o processo de lembrar exige “um contexto de dados temporais a que [...] [a] lembrança está ligada de alguma forma” (2015, p. 124). Em outras palavras, como interpreta Souza (2014), ele entende que o tempo e o espaço são “localizadores”. Ressaltar essa ideia é importante ao constatarmos que os momentos em que Uhtred se depara ou navegando no mar ou simplesmente avistando os ilustres barcos *vikings* são “localizadores” de memória, sempre impulsionando memórias no personagem.

Ainda, chamamos a atenção à descrição do protagonista acerca do mar como um ser animado e vivo controlado pelos deuses, e também à referência que faz ao *Fyrdraca*, que significa “dragão de fogo”, em anglo-saxão, o navio que navegava no momento, como se fosse um ser com decisões próprias. Em sequência, extraímos mais um trecho, agora do terceiro livro, para reforçar a discussão:

The red ship was close and was coming fast. Her bows were crowned with a black-toothed dragon’s head and filled with armed men in mail and helmets. She came in a gale of noise; the splash of oar-blades, the shouts of her warriors and the seethe of white

<sup>104</sup> ADORO O MAR. CRESCI JUNTO DELE, se bem que em minhas lembranças os mares de Bebbanburg são cinzentos, geralmente carrancudos e raramente ensolarados. Não se parecem nem um pouco com as grandes águas que rolam de além das ilhas dos Mortos para trovejar e se despedaçar contra as rochas do oeste da Britânia. Lá, o mar se ergue como se os deuses do oceano flexionassem os músculos, os pássaros brancos gritam interminavelmente, o vento lança os borrifos contra os penhascos e o *Fyrdraca*, correndo na frente daquele vento forte, deixava um caminho no mar e o leme lutava contra mim, pulsando com ávida da água, os movimentos do barco e o júbilo da viagem (CORNWELL, 2016a, p. 95).

water around the great red breast of her high prow. I had to stagger to one side to avoid her, for she did not slow as she neared the beach, but kept coming, and the oars gave one last heave and the bows grated on the shore and the dragon's head reared up and the great ship's keel crashed up the beach in a thunder of scattering shingle. The dark hull loomed above me, then an oar-shaft struck me in the back, throwing me under the waves [...]. This was no trading ship, but a Viking come to her kill. (CORNWELL, 2007, p. 198)<sup>105</sup>.

Em resumo, os trechos soam como se os escandinavos, e em algumas situações também os anglo-saxões e outros povos, não navegassem os navios, mas os navios que os levavam e os guiavam. O narrador enfatiza, nesse último trecho, que o barco vermelho que avistava não era um mercante, mas sim um Viking que vinha “to her kill”, reforçando o entendimento do navio enquanto um ser próprio: o navio que carregava os Vikings, que os guiava, o navio em si era um Viking.

O destaque dado à tecnologia naval em *Saxon Stories* é capaz de transmitir memórias específicas relacionadas à cultura escandinava. Os contextos das navegações narrados na história apresentam, muitas vezes, uma imagem em que os navios e os mares são seres independentes; refletimos que essas imagens específicas são capazes de remeter, em especial, ao destino. Johnni Langer explica que, segundo a concepção de Régis Boyer, a questão do destino está inerente ao pensamento nórdico pagão, e como demonstram as sagas islandesas, “todo indivíduo (herói, deus ou homem) é marcado pela sacralidade do destino [...]” e conseqüentemente há a “[...] necessidade de conhecer, aceitar e assumir essa condição natural” (LANGER, 2015, p. 125).

Se o destino é uma fatalidade, o associamos ao contexto marítimo, no qual os barcos e o mar parecem ter decisões próprias, levando e guiando os seus

<sup>105</sup> O navio vermelho estava perto e chegando depressa. A proa coroada por uma cabeça de dragão com dentes pretos e cheia de homens armados, com cotas de malha e elmos. Chegou numa tempestade de ruídos; os remos batendo na água, os gritos dos guerreiros e o borbulhar da água branca ao redor da grande fera vermelha na proa alta. Precisei cambalear de lado para evitá-lo, porque o navio não diminuiu a velocidade ao se aproximar da praia, continuou vindo, os remos deram um último impulso, a proa raspou em terra, a cabeça de dragão se ergueu e a quilha do grande navio se chocou na praia num trovão de seixos se espalhando. O casco escuro se erguia acima de mim. Então um cabo de remo me acertou nas costas, jogando me sob as águas, e quando consegui cambalear de pé vi que o navio havia parado com um tremor e que uma dúzia de homens usando malha havia pulado da proa com lanças, espadas, machados e escudos. Os primeiros a chegar à praia berraram em desafio enquanto os remadores largavam os remos, pegavam armas e iam atrás. Não era um navio mercante, e sim um viking chegando para matar. (CORNWELL, 2016b, p. 187)

navegantes, e não o contrário, deixando apenas a incerteza do porvir. Para além disso, podemos relacionar o destino e as embarcações com as práticas funerárias. Apesar das pesquisas atuais sugerirem uma variedade de costumes religiosos no contexto escandinavo, a imagem mais popular que perdura na mentalidade popular é “de um barco cremado no mar ou depositado sob uma colina fúnebre, carregado com oferendas e restos mortais” (PIRES, 2017, p. 626)<sup>106</sup>. Quanto ao significado dessa prática, Pires discorre que “a resposta mais óbvia seria a crença de que eram um meio de transporte para o morto, permitindo assim a sua viagem para o outro mundo” (2016, p. 125). Nesse sentido, nas sociedades escandinavas, as embarcações e o mar estariam vinculados à ideia de percurso, trajetória, orientação, passagem, viagem e, conseqüentemente, destino.

A importância do destino é constantemente reforçada em todos os livros da série em estudo, principalmente quando o próprio narrador e protagonista, Uhtred, entoava a frase mais icônica em *Saxon Stories*, muitas vezes em inglês antigo “*Wyrd bið ful āræd*”. A essência proveniente dessa expressão, claramente marcante na vida da personagem, foi transmitida a Uhtred por Ravn, o pai de Ragnar, o dinamarquês que adotara Uhtred. Desse modo, compreendemos a defesa de Halbwachs de que a memória se aprimora com contribuições externas que “depois de tomarem raízes e depois de terem encontrado seu lugar, não se distinguem mais de outras lembranças” (2015, p. 98). No seguinte trecho, Uhtred descreve a importância do destino, baseando-se nas crenças nórdicas pagãs, relembando do que lhe dizia o dinamarquês Ravn:

Ravn told me time and again that destiny was everything. Fate rules. The three spinners sit at the foot of the tree of life and they make our lives and we are their playthings, and though we think we make our own choices, all our fates are in the spinners' threads. Destiny is everything, and that day, though I did not know it, my

---

<sup>106</sup> “Entenda-se que a ideia popular de um barco enterrado sob uma colina artificial não está incorreta, pois conhecem-se vários exemplos. O mais famoso é a sepultura de Oseberg, datada de c. 830 e escavada no sul da Noruega [...]. Mas seria errado pensar que este tipo de sepultamento era a norma, não só porque a maioria das pessoas não teria posses para pagar um túmulo de tamanha riqueza e dimensão, mas também porque em outras regiões os costumes podiam ser outros, por vezes mesmo radicalmente diferentes” (PIRES, 2017, p. 627).

destiny was spun. *Wyrð bið ful āræd*, fate is unstoppable (CORNWELL, 2005, p. 166)<sup>107</sup>.

Assim como frequentemente fala do destino enquanto um fenômeno que está além do seu controle, Uhtred faz referência às três fiandeiras (*spinnners*), também conhecidas na mitologia e/ou religiosidade nórdica como “nornas”. De acordo com a poesia éddica, as nornas estariam relacionadas “com uma ideia de julgamento (dómr) ou veredito (kvidr), em situações de nascimento ou morte, conectadas ao verbo *sköp* (destino)” (LANGER, 2015, p. 336). Segundo o poeta escáldico Snorri Sturluson, as nornas – seus nomes: Urd, Verdandi e Skuld - “possuíam um salão na base da árvore Yggdrasil<sup>108</sup> e comandavam a vida dos homens” (*apud* LANGER, 2015, p. 336). Urd e Verdandi são respectivamente o passado e o presente do verbo *verða* (devir), enquanto Skuld é a norna que representa o futuro. Geralmente, a norna Urd é associada “com o conceito de *Urdar brunnr*, o poço de Urd” (LANGER, 2015, 337). *Urdar* é um termo do nórdico antigo também “utilizado como sinônimo de destino, no mesmo sentido que o saxônico *wyrð*” (LANGER, 2015, p. 337), palavra constantemente pronunciada por Uhtred. Compreendemos, nesse sentido, que o destino emerge do elo entre passado, presente e futuro, remetendo à memória, por ser constituída pela ligação do passado ao presente.

Uhtred preocupa-se em esclarecer que sua própria história foi traçada pelo destino. Em consequência, fica subentendido que a história da Inglaterra sofre o mesmo processo. Por um momento, o fato de muitas das memórias individuais trazidas por Uhtred serem diferentes das apresentadas nos documentos históricos anglo-saxões ou pela historiografia parece não importar, já que o destino da Inglaterra continuará o mesmo. Independentemente de toda a preocupação em descrever em detalhes a presença escandinava no território britânico, trazendo novas perspectivas e memórias acerca desse período, a história da Inglaterra

---

<sup>107</sup> Ravn me dizia repetidamente que o destino era tudo. O destino governa. As três fiandeiras sentam-se ao pé da árvore da vida e fazem nossa vida. E nós somos seus brinquedos, e mesmo achando que fazemos escolhas, todo o nosso destino está nos fios das fiandeiras. O destino é tudo, e naquele dia, mesmo eu não sabendo, meu destino foi fiado. *Wyrð bið ful āræd*, é impossível impedir o destino. (CORNWELL, 2006b, p. 188)

<sup>108</sup> De acordo com a concepção do texto *Gylfaginning* (Edda em prosa), Yggdrasill seria “como uma árvore-mundo, cujas extremidades vão do céu até o fundo da terra [...]”, embebedando-se em três poços: o do destino, o poço do mundo dos gigantes e o poço do mundo dos mortos (POILVEZ, 2015, p. 568).

terminará igualmente na ficção, sendo a terra dos anglo-saxões e não dos dinamarqueses.

Esse ponto possibilita também a compreensão do contraste de história e memória que Nora (1993) nos propõe. A história é algo incompleto, que já passou (não importa o caminho percorrido, pois seu destino final não muda), enquanto a memória continuará sempre viva, preenchendo as lacunas da história. Podemos inferir, portanto, que é a memória que conduz a narrativa histórica em *Saxon Stories*, e não a história.

O contexto do trecho citado acima situa-se no momento em que está para ocorrer uma batalha entre escandinavos e anglo-saxões na colina de Æsc. Essa seria a primeira vez que Uhtred presenciaria a derrota dos dinamarqueses pelos saxões. Alguns momentos depois, o protagonista faz uma confissão que é decisiva para a sua história e sua identidade:

I am an Englishman of England, but I had been a Dane while Ragnar was alive for Ragnar loved me and cared for me and called me his son, but Ragnar was dead and I had no other friends among the Danes. I had no friend among the English, for that matter, except for Brida of course, and unless I counted Beocca who was certainly fond of me in a complicated way, but the English were my folk and I think I had known that ever since moment at Æsc's Hill where for the first time I saw Englishmen beat Danes. I had felt pride then. Destiny is all, and the spinners touched me at Æsc's Hill and now, at last, I would respond to their touch (CORNWELL, 2005, p. 198)<sup>109</sup>.

Em *The Pale Horseman*, o segundo volume, Uhtred descreve o momento crucial, no qual o destino da Inglaterra dependia totalmente de uma rápida decisão. Após exilar-se nos pântanos ingleses, em consequência da quase sucedida derrubada de Wessex pelo dinamarquês Guthrum, Alfred se disfarça de harpista dinamarquês para espionar os inimigos que ocupavam agora o seu reino em Cippanhamm. Essa parte da narrativa é contemplada com o refinado humor

---

<sup>109</sup> Sou um inglês da Inglaterra, mas fui um dinamarquês enquanto Ragnar estava vivo porque Ragnar me amava, cuidava de mim e me chamava de filho, mas Ragnar estava morto e eu não tinha outros amigos entre os dinamarqueses. Também não tinha amigos entre os ingleses, por sinal, a não ser Brida, claro, e a não ser que contasse Beocca, que certamente gostava de mim de um modo complicado. Mas os ingleses eram o meu povo e acho que eu sabia disso desde o momento na colina de Æsc, onde, pela primeira vez, vi ingleses derrotando dinamarqueses. Tinha sentido orgulho. O destino é tudo. As fiandeiras me tocaram na colina de Æsc e agora, finalmente, eu reagiria ao seu toque (CORNWELL, 2006b, p. 220).

inglês, que ironiza a prática do rei de Wessex. Após ser quase morto pelos dinamarqueses, a quem não agradou nem um pouco com sua música na harpa, Alfred é encontrado praticamente inconsciente por Uhtred. Na tentativa falha de convencer o rei de sair dali, alguns minutos depois Uhtred reencontra seu irmão adotivo dinamarquês, Ragnar, e sua antiga amiga, Brida. Deixando o rei disfarçado de lado, Uhtred senta-se para beber e conversar com seus velhos amigos. É nesse momento, ao lembrar dessas memórias, de quando encontrava-se entre o grupo de dinamarqueses que havia derrotado o rei de Wessex, que o protagonista pondera seus sentimentos e desejos, refletindo acerca da sua influência no futuro do território anglo-saxão:

[...] I was thinking, sitting there, that with one sentence I could finish Alfred forever. I could betray him; I could have him dragged in front of Guthrum and then watch as he died. Guthrum would even forgive me the insults to his mother if I gave him Alfred, and thus I could finish Wessex, for without Alfred there was no man about whom the *fyrð* would muster. I could stay with my friend Ragnar, I could earn more arm rings, I could make a name that would be celebrated wherever Northmen sailed their long ships, and all it would take was one sentence. And I was so tempted that night in Cippanhamm's royal church. There is such joy in chaos. Stow all the world's evils behind a door and tell men that they must never, ever, open the door, and it will be opened because there is pure joy in destruction. At one moment, when Ragnar was bellowing with laughter and slapping my shoulder so hard that it hurt, I felt the words form on my tongue. That is Alfred, I would have said, pointing at him, and all my world would have changed and there would have been no more England. Yet, at the last moment, when the first word was on my tongue, I choked it back. Brida was watching me, her shrewd eyes calm, and I caught her gaze and I thought of Iseult. In a year or two, I thought, Iseult would look like Brida. They had the same tense beauty, the same dark coloring, and the same smoldering fire in the soul. If I spoke, I thought, Iseult would be dead, and I could not bear that. And I thought of Ælthelflaed, Alfred's daughter, and knew she would be enslaved, and also knew that wherever the remnants of the Saxons gathered about their fires of exile my name would be cursed. I would be Uhtredaerwe forever, the man who destroyed a people (CORNWELL, 2006a, p. 222)<sup>110</sup>.

<sup>110</sup> Estava pensando, ali sentado, que com uma frase poderia acabar com Alfredo para sempre. Poderia traí-lo, poderia fazer com que ele fosse arrastado adiante de Guthrum e depois olhá-lo morrer. Guthrum até me perdoaria os insultos à sua mãe se eu lhe desse Alfredo, e assim eu poderia acabar com Wessex, porque sem Alfredo não haveria um homem ao redor do qual o *fyrð* se reuniria. Eu poderia ficar com meu amigo, Ragnar, poderia ganhar mais braceletes, poderia fazer um nome que seria celebrado sempre que os nórdicos viajassem em seus navios longos, e para isso bastaria uma frase. / E fiquei muito tentado naquela noite, na igreja real em Cippanhamm. Há um enorme júbilo no caos. Jogue todos os males do mundo atrás de uma porta e diga aos

Na “Nota Histórica” ao final do respectivo volume, Bernard Cornwell reforça que “durante alguns meses no início de 878 a ideia de Inglaterra, sua cultura e sua língua, foi reduzida a alguns quilômetros quadrados de pântano” (2016a, p. 391). O sonho alfrediano ainda persistia, porém, “se houvesse mais uma derrota, provavelmente jamais teria uma entidade política chamada Inglaterra. Teríamos uma Dinamaterra [*Daneland*] – e este romance provavelmente seria escrito em dinamarquês” (CORNWELL, 2016a, p. 391).

No terceiro livro, o protagonista confessa e justifica que não foi guiado por seu coração, mas sim pelas forças do destino. De acordo com o personagem, o seu destino, e não exatamente as suas escolhas, são decisivas para o futuro da Inglaterra:

‘I had given him my oath,’ I said again, and I remembered how close I had come to betraying Alfred. I had been so tempted to blurt out the truth. That night, with a handful of words, I could have ensured that no Saxon ever ruled in England again. I could have made Wessex into a Danish kingdom. I could have done all that by betraying a man I did not much like to a man I loved as a brother, and yet I had kept silent. I had given an oath and honour bind us to paths we might not choose. ‘Wyrð bið ful āraed’, I said. Fate is inexorable. It grips us like a harness. I thought I had escaped Wessex and escaped Alfred, yet here I was, back in his palace [...] (CORNWELL, 2007, p. 223)<sup>111</sup>.

---

homens que eles nunca, nunca devem abrir aquela porta, e ela será aberta porque há puro júbilo na destruição. Num momento, quando Ragnar estava gargalhando e batendo no meu ombro com tanta força que doía, senti as palavras se formarem na língua. Aquele é Alfredo, eu teria dito apontando-o. Todo o meu mundo teria mudado e não haveria mais Inglaterra. No entanto, no último momento, quando a primeira palavra estava na língua, engoli-a. Brida estava me olhando, os olhos espertos e calmos. Captei seu olhar e pensei em Iseult. Dentro de um ou dois anos, pensei, Iseult se pareceria com Brida. As duas tinham a mesma beleza tensa, a mesma cor morena e o mesmo fogo ardendo na alma. Se eu falasse, pensei, Iseult estaria morta e eu não poderia suportar isso. E pensei em Æthelflaed, a filha de Alfredo, e soube que ela seria escravizada, e também soube que, onde quer que o restante dos saxões se reunisse ao redor das fogueiras do exílio, meu nome seria amaldiçoado. Eu seria Uhtredærwe para sempre, o homem que destruiu um povo (CORNWELL, 2016a, p. 251).

<sup>111</sup> — Eu havia jurado a ele — respondi, e me lembrei de como havia chegado perto de trair Alfredo. Havia me sentido tentado demais a contar a verdade. Naquela noite, com um punhado de palavras, eu poderia ter garantido que nenhum saxão jamais governasse a Inglaterra. Poderia ter transformado Wessex num reino dinamarquês. Poderia ter feito tudo isso traindo um homem de quem não gostava muito para um homem que eu amava como irmão; no entanto, ficara em silêncio. Havia feito um juramento e a honra nos amarra em caminhos que poderíamos não escolher. / — *Wyrð bið ful āraed*. / O destino é inexorável. Prende-nos como uma canga. Eu pensei que havia escapado de Wessex e de Alfredo, no entanto ali estava, de volta ao seu palácio (CORNWELL, 2016b, p. 209)



Toda a trajetória de Uhtred, todas as memórias individuais e as memórias de diferentes grupos que compartilha perfazem a memória coletiva inglesa. O personagem pode deixar rastros e denúncias ao contar a sua própria história, seus desejos e suas escolhas, mas o “destino final” sempre finda na história de formação da Inglaterra. No sexto livro (título brasileiro: *Morte dos Reis*), em seu ensaio intitulado “A criação da Inglaterra”, Cornwell procura descrever resumidamente acerca do fio condutor das narrativas de Uhtred.

As Crônicas observam que Alfredo foi “rei de todos os ingleses”, mas então acrescentam a advertência cautelosa e crucial, “a não ser pela parte que estava sob domínio dinamarquês”. Na verdade, boa parte do que iria se tornar a Inglaterra estava sob domínio dinamarquês; toda a Nortúmbria, toda a Ânglia Oriental e os condados da Mércia mais ao norte. Sem dúvida Alfredo queria ser rei de todos os ingleses, e na ocasião de sua morte ele era de longe o líder mais notável e poderoso entre os saxões, mas seu sonho de unir todas as terras onde o inglês era falado não se realizara. No entanto, ele teve a fortuna de ter um filho, uma filha e um neto que eram tão comprometidos com esse sonho quanto ele próprio e com o tempo o fizeram acontecer. Essa é a história por trás destas narrativas de Uhtred; a história da criação da Inglaterra (CORNWELL, 2014, p. 373).

Os caminhos traçados pela narrativa certamente diferem dos da historiografia, porém, *Saxon Stories* não deixa de compartilhar e consolidar a “memória coletiva” que constitui e reflete a identidade inglesa do período histórico (re)contado. No terceiro livro, por exemplo, há uma frase pronunciada por Uhtred que resume a essência dessa história: “He dreamed, Alfred did, and his dreams encompassed all the isle of Britain” (CORNWELL, 2007, p. 250)<sup>112</sup>. Apesar do grande sonho de Alfred não ter sido concretizado quando o rei ainda estava vivo, ele continuou permanente na memória de seus descendentes e do povo anglo-saxão.

## VII.

Para finalizar nossa discussão, propomos uma reflexão que contemple a memória no seu sentido particular em relação ao personagem principal da obra, Uhtred. Para tanto, partimos da afirmação de Joël Candau, de que “a memória é a

---

<sup>112</sup> “Alfredo sonhava, e seus sonhos abarcavam toda a ilha da Britânia” (CORNWELL, 2016b, p. 232).

identidade em ação” (2011, p. 18). A partir da construção identitária do personagem, buscamos aperfeiçoar o desfecho de como se dá a memória e a identidade inglesa, em seu sentido amplo, perante a narrativa ficcional que contracenava a historiografia.

Candau engendra sua teoria a partir de uma perspectiva individual, propondo três tipos de manifestações de memória: a protomemória (ou memória de baixo nível), a memória de alto nível e a metamemória. As duas primeiras, segundo o autor, são dependentes da *faculdade* da memória, enquanto a última seria uma *representação* dessa faculdade. Destacamos a metamemória que seria “por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela, e de outro, o que diz dela” (CANDAU, 2011, p. 23).

Claramente, nos deparamos com casos de metamemória em *Saxon Stories*, quando o personagem assume as falhas da sua própria memória, questiona a memória dos poetas, refuta a historiografia constituída na memória escrita produzida no contexto medieval cristão e apresenta os contrastes e relações entre a memória oral e a memória escrita. Ou seja, temos questionamentos que refletem acerca de diferentes memórias, sejam individuais ou coletivas. Possivelmente, essa metamemória dialoga com o caráter metanarrativo e de autoconsciência da narrativa que analisamos.

Candau também explicita que a metamemória proporciona “dimensões que remetem ao “modo de aflição de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade” (2011, p. 23). Uhtred é um personagem que se encontra dividido entre a cultura dinamarquesa e a cultura anglo-saxã, tornando-se a representação clara das relações entre esses dois povos. Todas as memórias que o personagem nos apresenta, tanto as memórias vividas por ele, quanto as memórias herdadas, são decisivas na construção de sua identidade. Em suma, Candau defende que “a memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada” (2011, p. 16). Por conseguinte, essa ideia “resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2011, p. 16).

Em consonância, Le Goff defende que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva” (2013, p. 435). Por esse viés, Pollak sugere que se “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (1992, p. 5).

Para dar consistência a esse pensamento, são apresentados a seguir dois trechos de *Saxon Stories*, cada um retirado de um dos dois primeiros volumes da série. Dessa forma, podemos contrastar as duas sequências:

I should, by rights, be dead, yet Ragnar had saved me and Ragnar spoilt me and treated me like a son, and he called me a Dane, and I liked the Danes, yet even at that time I knew I was not a Dane. I was Uhtred of Bebbanburg and I clung to the memory of the fortress by the sea, of the birds crying over the breakers, of the puffins whirring across the whitecaps, of the seals on the rocks, of the white water shattering on the cliffs. I remembered the folk of that land, the men who called my father 'lord', but talked to him of cousins they held in common. It was the gossip of neighbours, the comfort of knowing every family within half-day's ride, and that was, and is, Bebbanburg to me; home (CORNWELL, 2005, p. 65)<sup>113</sup>.

I had learned their language and worshipped their gods until I no longer knew wheter I was Danish or English. Had Earl Ragnar the Elder lived I would never have left them, but he had died, murdered in a night of treachery and fire, and I had fled south to Wessex. But now I would go back (CORNWELL, 2006a, p. 14)<sup>114</sup>.

Primeiramente, constata-se que os excertos dialogam de certo modo. No primeiro, retirado de *The Last Kingdom*, Uhtred, que já está convivendo com os dinamarqueses, demonstra reconhecimento para com Ragnar, o dinamarquês

---

<sup>113</sup> Por direito eu deveria estar morto, mas Ragnar tinha me salvado, Ragnar me mimava e me tratava como um filho, me chamava de dinamarquês. E eu gostava dos dinamarqueses. No entanto, mesmo naquela época, sabia que não era dinamarquês. Era Uhtred de Bebbanburg e me agarrava a memória da fortaleza junto ao mar, dos passáros gritando sobre as ondas que se quebravam, dos papagaios-do-mar girando acima da espuma, das focas nas pedras, da água branca se despedaçando nos penhascos. Lembrava-me das pessoas daquela terra, dos homens que chamavam meu pai de “senhor” mas falavam com ele sobre primos que tinham em comum. A fofoca dos vizinhos, o conforto de conhecer todas as famílias num raio de um dia de cavalgada, e isso era, e é, Bebbanburg para mim: um lar (CORNWELL, 2006b, p. 79).

<sup>114</sup> Eu havia aprendido sua língua e cultuado seus deuses até não saber mais se era dinamarquês ou inglês. Se o *earl* Ragnar, o Velho, tivesse sobrevivido, eu jamais iria deixá-los. Mas ele morreu, assassinado numa noite de traição e fogo, e eu havia fugido para o sul até Wessex. (CORNWELL, 2016a, p. 33)

que o capturou, o criou e o considera um dinamarquês também. Contudo, o protagonista também reconhece que mesmo gostando dos dinamarqueses, ele não o é, e se sente preso a sua terra natal, sua terra anglo-saxã: Bebbanburg (localizada na Nortúmbria). Eventualmente, cabe aqui a afirmação de Joël Candau de que “a memória familiar é nossa terra” (2011, p. 141). Essa “memória familiar” se assemelha, de certo modo, à “memória herdada”, concebida por Pollak (1992). Ou seja, a família é o alicerce dos princípios da formação da identidade, pois é no espaço familiar que o sujeito vivencia e constrói suas primeiras memórias. Nesse caso, Uhtred tem parte de suas delimitações identitárias presas à terra anglo-saxã, onde nasceu e foi criado por sua “primeira” família.

O segundo trecho foi extraído de *The Pale Horseman*, e confirma que Uhtred sente que sua identidade está em conflito: já não sabe definir se é dinamarquês ou inglês. Durante toda a narrativa, Uhtred deixa claro que quer recuperar sua terra natal anglo-saxã que, segundo ele, lhe foi roubada por seu tio, logo após seu pai ser assassinado pelos dinamarqueses. Conviveu grande parte de sua infância e adolescência com os dinamarqueses, identificando-se culturalmente com eles. Contudo, como ele conta, Ragnar, seu “pai dinamarquês”, e todo seu grupo também foram assassinados.

Por causa desses eventos, ele acaba se envolvendo diretamente com os anglo-saxões que viviam na região de Wessex, principalmente com o rei Alfred, tornando-se um personagem decisivo nos acontecimentos políticos do território inglês, auxiliando até mesmo na expulsão dos escandinavos (primeiramente, os dinamarqueses, mais tarde, surgem também invasores noruegueses). Portanto, poder-se-ia afirmar que esse conflito de identidade que o protagonista sente é fruto de conflitos entre “memórias herdadas”, as quais legou tanto de sua família de sangue anglo-saxã quanto da sua família adotiva dinamarquesa.

Averiguamos que “antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informação na nossa memória” (ATLAN, 1972, p. 461 *apud* LE GOFF, 2013, p. 389). Assim, como complementa Le Goff, citando Pierre Janet, “o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo”” (2013, p. 389). A memória, portanto, “redunda num relato, num discurso, pois ganha forma à medida que é narrada” (SOUZA, 2014, p. 110).

Entendendo que rememorar é narrar-se, assim como faz o personagem Uhtred, compreende-se que a vinculação de memória e identidade se faz por meio de discursos e, no caso de Uhtred, por meio do discurso literário, que confere novos significados tanto para a história vivida deste personagem, quanto para a história e memória da Inglaterra. O personagem demonstra como suas próprias memórias o transformam. Para além disso, o protagonista partilha da memória coletiva de ambos os povos centrais da história que narra: anglo-saxões e escandinavos. Em outras palavras, Uhtred é moldado por uma memória coletiva que engloba todo o contexto histórico referente ao contato entre esses povos.

A partir do que discutimos, compreendemos que a memória é muito mais do que uma dialética entre passado e presente, ao mostrar-se como um instrumento para “reavaliações, revisões, autoanálise, autocrítica, autoconhecimento” (SOUZA, 2014, p. 109). Lembrar é também avaliar o passado em relação ao presente. Analisamos as memórias do protagonista de *Saxon Stories*, pois é ele quem narra a história. As suas lembranças individuais e, conseqüentemente, suas manifestações identitárias se fundem a partir da memória coletiva.

Logo, por meio do “trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (SOUZA, 2014, p. 111). Por ser um entremeio da cultura anglo-saxã e da cultura escandinava, a construção da identidade de Uhtred delinea o processo de construção identitária da Inglaterra no século IX. São as diversas memórias desse protagonista que edificam a sua identidade e a identidade coletiva inglesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória e a história se unem para conduzir a narrativa ficcional de Uhtred, em *Saxon Stories*. Essa afirmação resumiria a essência dos objetivos deste trabalho. As memórias que circundam essa obra não se apresentam apenas no interior do texto, mas também no que refere ao seu exterior, seu contexto de produção.

É nesse sentido que as reflexões acerca de Bernard Cornwell se mostraram relevantes. Verificamos, no primeiro capítulo, que os escritos do autor vão muito além dos objetivos mercadológicos, que situam essas obras apenas no contexto dos famosos *Best-sellers*. Cornwell propõe refletir acerca de questões religiosas, como o Cristianismo enquanto instrumento de poder, questões sociais, como os movimentos migratórios, políticas, como a luta por terras, e até mesmo questões que discutem o que é a “verdade” para a historiografia e ficção.

Dessa forma, o autor inglês vem recebendo, aos poucos, reconhecimento no espaço acadêmico, por meio de pesquisas e trabalhos que valorizam a qualidade de suas obras, enquanto uma Literatura que propõe transformar o pensamento dos leitores. Em suma, a diversidade de suas obras engloba diferentes períodos históricos, que se situam, principalmente, no espaço geográfico inglês, e que provocam, de algum modo, profundas indagações.

Ao refletirmos acerca dos “lugares de memória” (NORA, 1993), concebemos que a Literatura também é um espaço no qual as memórias são depositadas. Nesse sentido, a ficção literária de Cornwell, ao buscar recontar a história, certamente se mostra como um lugar que guarda memórias relacionadas com determinados contextos históricos e sociais.

*Saxon Stories* centra-se na Era *Viking*, no século IX, e seus impactos na criação do que hoje conhecemos por Inglaterra. Esse período foi marcado por inúmeros conflitos violentos, tendo a figura masculina como principal atuante nesse cenário. Aliás, a maioria das obras de Cornwell expõe o contexto do militarismo e questões conflituosas do passado inglês. Em razão disso, o *blog* brasileiro “Sedentário Hiperativo” apresenta um texto no qual coloca Bernard Cornwell como um escritor de “literatura para machos”.

Com o fim de averiguar essa ideia, propusemos a reflexão embasada em alguns teóricos de Estudos de Gênero, como Badinter (1992), Connel e Messerschmidt (2013), e também, o medievalista Dumézil (2013), que discute acerca da identidade masculina do homem “bárbaro” medieval. Além disso, situamos brevemente as considerações de Mingo (2017) a respeito de outra obra de Cornwell, a trilogia *The Warlord Chronicles*, a qual, segundo o pesquisador, expõe personagens femininas marcantes e de grande influência para a narrativa. A partir desses pontos, compreendemos que o possível conceito de uma “literatura para macho” surge apenas do movimento sanguinário e da presença majoritária de personagens masculinos consequentes apenas da verossimilhança com o período medieval. Como observamos durante essa pesquisa, pela leitura de *Saxon Stories*, esse não é o objeto das obras de Cornwell.

Prestigiando a questão histórica que permeia o cenário de *Saxon Stories*, especialmente o que circunda os três primeiros volumes, no segundo capítulo, contextualizamos a História da Inglaterra, que vai desde as origens dos povos que protagonizam a narrativa, até os eventos políticos e conflituosos que os colocam frente a frente. Em síntese, ao se compreender que anglo-saxões e escandinavos, por mais distintos que fossem no século IX, partilhavam memórias relativas aos seus antepassados, e, se relacionavam, conflituosamente ou não, no território britânico, o consequente “hibridismo” cultural desses povos (ALBUQUERQUE, 2017) é colocado em questão.

Após finalizar este capítulo com um breve resumo do enredo de cada livro que analisamos, demonstrando como a História se apresenta dentro da ficção, introduzimos o terceiro capítulo com ponderações relacionadas às interfaces de História e Literatura. Concluimos que *Saxon Stories* insere-se tanto em alguns parâmetros do romance histórico tradicional, como da metaficção historiográfica, pois a obra é uma conexão do passado com o tempo presente (LUKÁCS, 2011), por meio da memória, e oferece diversos questionamentos acerca da criação historiográfica e ficcional (HUTCHEON, 1991).

Foram as memórias fluidas da narração de Uhtred que possibilitaram essa reflexão. História, ficção literária e memória são construções discursivas, ou seja, materializam-se pela linguagem. Nesse sentido, o capítulo continua fazendo uma leitura da obra por diferentes perspectivas de memória. A partir das referências

aos vestígios deixadas pelos povos romanos, na narração de Uhtred, refletimos, em um primeiro momento, por ser a história uma reconstrução problemática, a memória emerge para reconstituir as lacunas da História.

Verificamos que ao narrar-se, o protagonista de *Saxon Stories* manifesta memórias que remetem a um sentimento interiorizado pela personagem, mas também pelo que lhe é exterior, apresentando lembranças particulares e íntimas, mas também, principalmente, memórias vivas relacionadas com as coletividades de que faz parte. Uhtred é, sobretudo, um personagem plural.

A memória, segundo Halbwachs (2015), seria construída por meio de um grupo de referência, mesmo que o ato de rememorar é um trabalho do sujeito. Dessa forma, o autor concebe a “memória coletiva”. Pollak (1989, 1992) segue essa perspectiva, mas valoriza memória individual e coletiva no mesmo patamar, e complementa que a memória se faz por personagens, lugares e acontecimentos. Essa ideia é comprovada pelo protagonista da narrativa que constantemente cita personagens históricos, como o Rei Alfred e os irmãos dinamarqueses Lothbrok, e ficcionais, como seu pai e o padre Beocca; lugares geograficamente significativos para a Inglaterra, como sua própria terra natal *Bebbanburg*, e o reino de *Wessex*, que complementam as relações entre os acontecimentos históricos e ficcionais narrados por ele.

Por meio da autoconsciência do caráter metaficcional de *Saxon Stories*, identificamos trechos que confrontam a memória nas sociedades “sem escrita” com as “com escrita”, conforme os fundamentos de Le Goff (2013). Entendemos, a partir dessa reflexão, que a memória é, também, um instrumento de poder. Dessa forma, compreende-se que a memória é seletiva (POLLAK, 1989, 1992): o indivíduo elege e organiza suas memórias, quais serão lembradas e quais serão esquecidas, com o fim de robustecer seus objetivos. Por meio das memórias selecionadas por Uhtred, tomamos consciência da memória de outros personagens, que se mesclam até consolidar nas memórias coletivas de diferentes grupos, em especial a memória coletiva inglesa. A história de Uhtred permeia e é conduzida pela história da criação da Inglaterra, assim como confirma Bernard Cornwell.

Por fim, concluímos que suas memórias permitem compreender a construção da sua identidade, bem como da identidade inglesa. Ao refletir a



respeito de suas próprias memórias e da memória coletiva, o indivíduo torna possível a manifestação de sua própria identidade e de uma identidade coletiva (CANDAU, 2011; POLLAK, 1992; SOUZA, 2014). O processo de rememoração exige a narração de si e do outro, assim como faz o personagem Uhtred, e, nesse sentido, a consolidação da memória e sua relação com os princípios identitário acontece por meio do discurso literário, conferindo novos sentidos tanto para a história deste personagem, quanto para a história e memória da Inglaterra.

## REFERÊNCIAS

Fontes:

CORNWELL, Bernard. **The Last Kingdom**. UK Paperback edition. London: Harper Collins, 2005.

CORNWELL, Bernard. **The Pale Horseman**. USA Hardback edition. New York: Harper Collins, 2006a.

CORNWELL, Bernard. **The Lords of the North**. UK Paperback edition. London: Harper Collins, 2007.

CORNWELL, Bernard. **O último reino**. Crônicas saxônicas. Livro 1. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

CORNWELL, Bernard. **O cavaleiro da morte**. Crônicas saxônicas. Livro 2. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2016a.

CORNWELL, Bernard. **Os senhores do norte**. Crônicas saxônicas. Livro 3. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2016b.

Bibliografia:

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**. Literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-54

ALBUQUERQUE, Isabela Dias. Anglo-saxões e Nórdicos. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017a. p. 37-41

ALBUQUERQUE, Isabela Dias. **As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos**: uma comparação do reino de Wessex com a região da *Danelaw* (Século IX-X). Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017b. Disponível em: <[http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses?option=com\\_pesquisa&view=docman\\_teses\\_dissertacoes&Itemid=155&q=isabela](http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses?option=com_pesquisa&view=docman_teses_dissertacoes&Itemid=155&q=isabela)> Acesso em: 27 mar. 2018

ALBUQUERQUE, Isabela Dias. *A furore Normannorum libera nos, Domine*: a invasão dos vikings à Inglaterra de Alfred, o Grande (século IX). **Navigator**, v. 9, n. 17, p. 109-118, 2013. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/503>> Acesso em: 27 mar. 2018

ALLREADERS. The Last Kingdom - Saxon Chronicles 1 Book Summary and Study Guide, **AllReaders.com**, 2012a. Disponível em: <<http://allreaders.com/book-review-summary/the-last-kingdom-saxon-chronicles-1-39526>> Acesso em: 30 dez. 2018

ALLREADERS. The Pale Horseman Book Summary and Study Guide. **AllReaders.com**, 2012b. Disponível em: <<http://allreaders.com/book-review-summary/the-pale-horseman-39540>> Acesso em: 30 dez. 2018

ALLREADERS. Lords of the North Book Summary and Study Guide. **AllReaders.com**, 2012c. Disponível em: <<http://allreaders.com/book-review-summary/lords-of-the-north-39544>> Acesso em: 30 dez. 2018

BADINTER, Elisabeth. **Sobre a Identidade Masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BASTOS, Alcmeno Bastos. **Introdução ao Romance Histórico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BLAIR, Peter Hunter. **An Introduction to Anglo-Saxon England**. New York: Cambridge University Press, 1966.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPOS, Luciana. Literatura. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Luft. (Org.) **Desvendando os Vikings: Estudos de cultura nórdica medieval**. João Pessoa: Idea, 2016. p. 70-83

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARTER, Ronald; McRAE, John. **The Routledge History of Literature in English**. Britain & Ireland. London & New York: Routledge, 1997.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014> Acesso em: 22 abr. 2018.

CORNWELL, Bernard. Nota Histórica. In: CORNWELL, Bernard. **Morte dos Reis**. Crônicas Saxônicas. Livro 6. Trad. Alves Calado. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 371-375

CORNWELL, Bernard. A criação da Inglaterra. O pano de fundo da história de Uhtred. In: CORNWELL, Bernard. **Guerreiros da Tempestade**. Crônicas

Saxônicas. Livro 9. Trad. Alves Calado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016c. p. 341-349

DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teoria literárias**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4860> Acesso em: 06 mar. 2018.

DROUT, Michael D. C. **A history of the English Language**. Course Guide. Recorded Books, LCC, 2006.

DUMÉZIL, Bruno. O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In: VIGARELLO, Georges (Org.). **História da Virilidade**. v. 1. A invenção da virilidade: Da antiguidade às Luzes. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 123-151

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANZ, Pricila Reis. Guinevere ontem e hoje: Representação feminina na Literatura. **Brathair**, v. 7, n. 2, p. 41-49, 2007. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/523>> Acesso em: 04 mar. 2018

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2015.

HOLOWATE, Isaias. Waterloo: nos meandros do Romance Histórico. In: Anais do IX Ciclo e II Congresso Internacional de Estudos em Linguagem, Ponta Grossa: UEPG, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/ciel-2017/papers/waterloo%3A-nos-meandros-do-romance-historico> Acesso em: 01 nov. 2018

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JÓNASDÓTTIR, Krístin. **A Journey of Growth: Bernard Cornwell's The Last Kingdom as a Bildungsroman**. B.A. Essay – Department of English, School of Humanities, Faculty of Foreign Languages, Literature and Linguistics, University of Iceland, 2015. Disponível em: <https://skemman.is/handle/1946/21192> Acesso em: 24 mai. 2017.

KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. (Trad.) **Alfred the Great**. Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources. London: Penguin Books, 2004.

KJARTANSSON, Kjartan Birgir. **Christianity Under Fire: An Analysis of the Treatment of Religion in Three Novels by Bernard Cornwell**. B.A. Essay – Department of English, School of Humanities, Faculty of Foreign Languages,

Literature and Linguistics, University of Iceland, 2015. Disponível em: <https://skemman.is/handle/1946/21491> Acesso em: 24 mai. 2017.

LANGER, Johnni. A morte de Odin? As representações do Ragnarök nas Ilhas Britânicas (séc. X). **Revista Medievalista**, n. 11, jan/jun, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/medievalista/812?lang=es> Acesso em: 17 mai. 2017.

LANGER, Johnni. Destino. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 125-126

LANGER, Johnni. Era Viking. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 212-220

LANGER, Johnni. Escaldos. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 166-167

LANGER, Johnni. Espada. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 230-237

LANGER, Johnni. Nornas. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 336-337

LANGER, Johnni. Os vikings na Inglaterra Medieval. **Revista História, Imagem e Narrativas**, n. 4, ano 2, p. 202-205, 2007. Disponível em: [www.historialivre.com/biblioteca/vikings/vikinglaterra.pdf](http://www.historialivre.com/biblioteca/vikings/vikinglaterra.pdf) Acesso em: 23 maio 2017

LANGER, Johnni. Paganismo nórdico. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 357-361.

LANGER, Johnni. Valhala. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 532-536

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARCIN, Michal. **The Longbow and its Military Use**. Bachelor's Diploma Thesis – Department of English and American Studies, English Language and Literature, Faculty of Arts, Masarik University, 2013. Disponível em: [https://is.muni.cz/th/359850/ff\\_b/The\\_Longbow\\_and\\_Its\\_Military\\_Use\\_Marcin.pdf](https://is.muni.cz/th/359850/ff_b/The_Longbow_and_Its_Military_Use_Marcin.pdf) > Acesso em: 28 jun. 2017

MARTINI, Ana Marielli Borba; SOARES, Isabelle Maria. **Old Norse Influences in the transition from Old English and its repercussions on Modern English**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Português e Inglês) -

Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/14787>> Acesso em: 11 nov. 2018

MARTINI, Ana Marielli Borba; SOARES, Isabelle Maria. A língua inglesa através do tempo: As influências consequentes das invasões escandinavas nas Ilhas Britânicas. **Revista Philologus**, ano 24, n. 70, p. 17-34, jan/abr, 2018. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO24/70/002.pdf> Acesso em: 11 nov. 2018

MINGO, Carlos Sanz. Dark ages religious conflicts and their literary representations: *The Winter King* by Bernard Cornwell. **Acta Universitatis Danubius. Communicatio**. v. 5, n. 1, p. 5-23, 2011. Disponível em: <http://journals.univ-danubius.ro/index.php/communicatio/article/view/1067> Acesso em: 24 mai. 2017

MINGO, Carlos Sanz. Forcing the bull to its knees: The Mithraic Strife in Modern Arthuriana. **Minerva**, n. 22, p. 205-215, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3095339> Acesso em: 24 mai. 2017

MINGO, Carlos Sanz. **The Arthurian World in Bernard Cornwell's The Warlord Chronicles**. Republica of Moldova: LAP LAMBERT Academic Publishing, 2017.

MIRANDA, Pablo Gomes. Ragnar Lodbrok. In: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 583-589

MIRANDA, Pablo Gomes. Religião e Marcialidade. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Luft. (Org.) **Desvendando os Vikings: Estudos de cultura nórdica medieval**. João Pessoa: Idea, 2016. p. 97-113

MOITA, Sandro Teixeira. Guerra e técnicas de combate. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 338-343

MUCENIECKS, André. Runas. In: LANGER, Johnni (Org.). **Dicionário de Mitologia Nórdica: Símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015. p. 413-417

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khory. **Revista Projeto História**, n. 10, p. 7-28, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 27 jul. 2017.

OLIVEIRA, João Bittencourt. Paganismo e Cristianismo no poema *Beowulf*. **Revista Brathair**, v. 10, n. 1, p. 100-126, 2010. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/440> Acesso em: 16 maio. 2017

OLIVEIRA, João Bittencourt. Linguagem. *In*: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Luft. (Org.) **Desvendando os Vikings**: Estudos de cultura nórdica medieval. João Pessoa: Idea, 2016. p. 32-50

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Grande Armada Danesa. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 323-325

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Jorvik. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 443-446

OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes. Danegeld. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 169-170

OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes. Danelaw. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 170-172

PEREIRA, Lucas Luiz Oliveira Pereira. As relações sociais entre Vikings e Saxões do Oeste na obra *O último reino*, de Bernard Cornwell. **Revista Crátilo**, v. 10, n. 1, p. 47-56, Patos de Minas, 2017. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/revista-cratilo-vol.-10-n.-1-ago.-2017> Acesso em: 17 dez. 2017

POILVEZ, Marion. Yggdrasill. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de Mitologia Nórdica**. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 567-568.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> Acesso em: 27 jul. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>> Acesso em: 17 jul. 2017.

PIRES, Hélio. Funerais e Crenças. *In*: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Luft. (Org.) **Desvendando os Vikings**: Estudos de cultura nórdica medieval. João Pessoa: Idea, 2016. p. 114-131

PIRES, Hélio. Sepultamentos. *In*: LANGER, Johnni. (Org.) **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2017. p. 626-630

SEDENTARIO HIPERATIVO. Bernard Cornwell, ou como se faz literatura de verdade pra macho... **Sedentário & Hiperativo**, 2010. Disponível em: <https://www.sedentario.org/colunas/cavernas-e-dragoes/bernard-cornwell-ou-como-se-faz-literatura-de-verdade-pra-macho-32122> Acesso em: 12 fev. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: A Literatura de Mercado**. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: Apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, p. 91-117, UFPB, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/20337> Acesso em: 30 abr. 2017.

SWANTON, Michael. (Trad.) **The Anglo-saxon Chronicle**. London: J. M. Dent, 1997.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. *In*: WEINHARDT, Marilene (Org.) **Ficção histórica: teoria e crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. p. 13-55